

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

JULIO CEZAR DE PAULA BROTTTO

AVALANCHE ESCOLA DE MISSÕES URBANAS *UNDERGROUND*:
trajetória histórica e proposta missiológica e diaconal

São Leopoldo

2010

JULIO CEZAR DE PAULA BROTTTO

**AVALANCHE ESCOLA DE MISSÕES URBANAS *UNDERGROUND*:
trajetória histórica e proposta missiológica e diaconal**

Dissertação de Mestrado apresentada
para a obtenção do grau de Mestre em
Teologia Prática do Programa de Pós-
Graduação da Escola Superior de
Teologia.

Orientador: Dr. Ricardo Willy Rieth

São Leopoldo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B874a Brotto, Julio Cezar de Paula
Avalanche Escola de Missões Urbanas Underground:
trajetória histórica e proposta missiológica e diaconal / Julio
Cezar de Paula Brotto ; orientador Ricardo Willy Rieth. – São
Leopoldo : EST/PPG, 2010.
104 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia.
Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São
Leopoldo, 2010.

1. Missões urbanas. 2. Contracultura. 3. Obras da Igreja
junto aos jovens. 4. Cristianismo e cultura. 5. Juventude –
Brasil. I. Rieth, Ricardo Willy. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

BANCA EXAMINADORA

1° Examinador

Prof. Dr. Ricardo Willy Rieth (Presidente)

2° Examinador

Prof. Dr. Roberto Ervino Zwetsch (EST)

3° Examinador

Prof. Dr. José Ivo Follmann (UNISINOS)

Dedico esta pesquisa a meus pais,

Julio Brotto (In Memoriam) e Ruth Brotto,

exemplos de vida digna,

dedicada à família e ao trabalho.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa e companheira, Léia, por esta caminhada a dois!

Pela paciência, pelo incentivo, pela ajuda contínua, pela força e pelo amor!

Aos meus filhos, Tullio Cezar e Thales Renan, pelo encorajamento
e disposição de caminhar comigo nesta empreitada.

À minha mãe, Ruth, pelo cuidado em apresentar minha vida diante de Deus todos os dias.

Aos meus irmãos, Marco e Claudio, minha irmã, Luzinete, minhas cunhadas,
Letícia e Andréa e meu cunhado, Salvador, que acompanharam o desenrolar
deste empreendimento, demonstrando interesse, incentivo, atenção e carinho.

Aos membros da Igreja Batista em Itacibá, Cariacica, ES, que compreenderam
meu anseio de estudar um pouco mais, e me apoiaram neste investimento.

Aos fundadores da Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground*,
Diniz, Andréa e Wayne, pela confiança em compartilhar
sua caminhada, desafios e sonhos.

Ao meu orientador, Professor Dr. Ricardo Willy Rieth, que contribuiu
na construção da pesquisa com orientações sólidas.

Aos docentes Rodolfo Gaede Neto e Roberto Ervino Zwetsch,
que me inspiraram através das aulas e de seus escritos.

RESUMO

O propósito deste trabalho é investigar a Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground* e sua relevância educacional para os que militam juntos às tribos urbanas cristãs de rosto *underground* e sua contribuição para setores da igreja institucional cristã que deseja alcançar este segmento da sociedade. Foram analisadas a identidade da Escola e suas propostas diaconal e missiológica com o auxílio do quadro teórico da contracultura, passando pelo surgimento do movimento *underground* e vinculando o relato histórico da Escola ao movimento *underground* cristão. As referências teóricas da Teologia Prática, a saber, a *Comunhão de Mesa de Jesus* e a *Missão como Com-paixão*, ofertaram as bases para a discussão do conceito de solidariedade. Ao relacionar o projeto pedagógico da Escola, com a referência teórica da *Pedagogia da Solidariedade*, inspirado em Paulo Freire, o conceito de solidariedade é apresentado interagindo com as referências teóricas da *Comunhão de Mesa de Jesus* e o da *Missão como Com-paixão*.

Palavras-chave: Contracultura, *underground*, juventude, solidariedade.

ABSTRACT

The purpose of this study is to investigate the *Avalanche Escola de Missões Urbanas Underground* and their educational relevance for those who are engaged with the underground Christian urban tribes and sectors of the institutional Church that wants to reach this segment of society. The identity of the School and its diaconal and missiological proposals were analyzed with the help of the theoretical framework of the counterculture, through the rise of the underground movement and linking the historical account of the School to the underground Christian movement. The theoretical references of Practical Theology, namely, *Jesus' Table Fellowship and Mission as Com-passion*, offered the basis for the discussion of the concept of solidarity. By linking the pedagogical project of the School with the theoretical framework of the Pedagogy of Solidarity, inspired in Paulo Freire, the concept of solidarity is shown interacting with the theoretical references of the *Jesus' Table Fellowship and Mission as Com-passion*.

Keywords: Counterculture, underground, youth, solidarity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1 RETROSPECTIVA HISTÓRICA DA AVALANCHE ESCOLA DE MISSÕES URBANAS *UNDERGROUND*

1.1 Sobre o surgimento do Movimento *Underground*

1.2 Relato histórico da Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground*

1.3 Relato sobre a identidade da Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground*

1.4 Proposta diaconal da Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground*

1.5 Proposta missiológica da Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground*

2 DIACONIA E MISSÃO: referências teóricas baseadas na *Comunhão de Mesa de Jesus* e na *Missão como Com-paixão*

2.1 Referências teóricas para análise da *Comunhão de Mesa de Jesus*

2.2 Referências teóricas para análise da *Missão como Com-paixão*

3 PROJETO PEDAGÓGICO DA AVALANCHE ESCOLA DE MISSÕES URBANAS *UNDERGROUND* À LUZ DAS REFERÊNCIAS TEÓRICAS DA *COMUNHÃO DE MESA DE JESUS* E DA *MISSÃO COMO COM-PAIXÃO*: limites e possibilidades

CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS

ANEXOS

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa insere-se num momento de minha vida, que eu tenho caracterizado como um desafio. Voltar aos bancos escolares aos cinquenta anos de idade, após vinte e seis anos afastado do meio acadêmico, foi desafiador.

Formado em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil, RJ, no ano de 1980 e desenvolvendo atividades eclesiais desde então, em 2006 tive a oportunidade de fazer a convalidação/integralização dos créditos através de uma parceria entre a Escola Superior de Teologia, RS, e a Faculdade Unida de Vitória, ES.

Ao final de 2007, surge a chance de realizar o Mestrado Interinstitucional, Minter, noutra parceria entre a EST e a UNIDA.

O interesse pelo tema surgiu após conhecer os líderes e a Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground* em 2005, e ser convidado para lecionar em dois cursos oferecidos pela Escola. Esse contato mais constante, convivendo com a Escola, com os alunos e os líderes da Escola, despertou meu interesse, ainda que neste tempo, uma pesquisa acadêmica não estivesse em foco.

O interesse acadêmico surgiu no momento da elaboração do pré-projeto de pesquisa para a realização do Mestrado em Teologia Prática da Escola Superior de Teologia.

Quando da elaboração do pré-projeto para o processo de seleção do Mestrado Interinstitucional, Minter, apresentei o assunto na expectativa de ouvir dos avaliadores as reais possibilidades de abordá-lo de maneira acadêmica.

Com a aprovação da temática, lancei-me em busca dos referenciais teóricos à medida que tinha contato com as disciplinas e as propostas que me eram apresentadas.

O assunto deste trabalho de pesquisa refere-se à trajetória histórica da Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground*¹ e sua proposta Diaconal e Missiológica. Foram abordados temas relacionados com a fundação da Escola, seus fundadores e sua motivação para implantar a Escola na cidade de Vitória, no Estado do Espírito Santo; os projetos desenvolvidos pela Escola em nível educacional e sua dimensão missiológica e diaconal.

O objetivo geral da pesquisa foi o de investigar a história da implantação da Escola na cidade de Vitória, as razões que influenciaram os fundadores da Escola na escolha desta cidade e o projeto pedagógico da mesma.

Além disso, a investigação voltou seu olhar para a proposta *cristã* de rosto *underground* da Escola; analisou a relevância educacional da Escola para as comunidades *cristãs* de rosto *underground* e/ou outras comunidades desejosas de prestarem atendimento às tribos urbanas.

Descreveu a ação prática da Escola com foco no projeto curricular, na proposta missiológica e diaconal, e investigou o quadro teórico nas conceituações de contracultura, *underground*, juventude, urbano e suas possíveis vinculações à Escola.

No contexto urbano atual, muitas pessoas unem-se em torno de objetivos comuns formando tribos urbanas, geralmente caracterizadas pelo seu modo de vestir, falar, agir, posturas ideológicas e políticas. Muitas pessoas estão vinculadas com tribos urbanas de rosto contracultural, descritas com frequência como *underground*.

¹ A partir deste ponto menciono a Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground* como 'Escola' com o objetivo de facilitar a leitura.

Existe um bom registro acadêmico sobre a contracultura sob o prisma histórico e cultural. Porém, na compreensão do pesquisador, há uma lacuna de escritos acadêmicos sobre o movimento *underground*, de roupagem cristã, no que tange a sua história e ações missiológica, diaconal e pedagógica.

A importância de promover uma investigação acadêmica, de caráter histórico e cultural nesta Escola, de rosto *underground* e cristã, reside no fato, de que tal investigação poderá contribuir, para melhor conhecer os que estão engajados nesta tarefa. Além disso, a pesquisa buscou oferecer condições para o leitor avaliar possíveis noções e atitudes preconceituosas com relação ao movimento cristão de rosto *underground*.

Devo destacar a minha própria visão distorcida em relação às tribos urbanas, principalmente as de rosto *underground*. Pessoas tatuadas, que usavam piercing e outros adereços, eram vistas por mim como prováveis portadores de condições médicas como a AIDS. Em parte era fruto da observação prática da minha esposa, enfermeira do Hospital das Clínicas da Universidade Federal do Espírito Santo, que no seu dia a dia de trabalho, atendia portadores do vírus HIV e dependentes químicos que tinham diversas tatuagens e adereços em seus corpos.

A Escola tem como objetivo oferecer treinamento e capacitação para líderes e obreiros engajados em alcançar, com a mensagem cristã, adolescentes e jovens envolvidos em culturas urbanas num cenário *underground* crescente. Existe por parte dos fundadores a preocupação de conscientizar e envolver, tanto a igreja *underground* como a igreja cristã, em suas várias faces confessionais na implantação do Reino de Deus em meio a essas tribos urbanas.

A pergunta central respondida nesta pesquisa é: Qual a relevância educacional da Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground*?

A dissertação recorreu a duas referências teóricas da Teologia Prática: a *Comunhão de Mesa de Jesus*, e o a *Missão como Com-paixão* e uma da Pedagogia: a *Pedagogia da Solidariedade*.

A pesquisa configurou-se como bibliográfica e social. Partiu-se de uma revisão de obras específicas sobre contracultura, *underground*, juventude, diaconia, missiologia e pedagogia, alinhadas ao referencial conceitual proposto para o embasamento teórico da pesquisa.

Metodologicamente tratou-se de uma pesquisa de campo. Por se tratar de um estudo de caso, foi fundamental verificar de maneira presencial o campo da pesquisa e desenvolver um relacionamento próximo com o objeto da pesquisa. Foram consultados do acervo da Escola, documentos, fotografias e vídeos, com o objetivo de levantar dados que possibilitassem responder ao problema proposto por esta pesquisa.

Pelo fato do pesquisador já estar previamente envolvido com o objeto da pesquisa, o que poderia promover sua autodefinição sem levar em consideração as autodefinições dos fundadores da Escola, e para evitar uma leitura apenas pessoal, o pesquisador recorreu às autodefinições dos fundadores da Escola.

A pesquisa social foi realizada com três fundadores da Escola: Claudiniz Fernandes Braga; Andréa Vargas e Wayne Barbosa dos Santos da Costa², por meio de uma entrevista.³

No primeiro capítulo, abordei a questão do surgimento do movimento *underground*, vinculando o relato histórico da Escola ao movimento cristão, questionando a identidade da mesma e as propostas diaconal e missiológica.

No segundo capítulo, intentei apresentar mais especificamente referências teóricas da Teologia Prática, a saber, a *Comunhão de Mesa de Jesus* e a *Missão como Com-paixão*.

No terceiro capítulo, procurei relacionar o projeto pedagógico da Escola com a referência teórica da *Pedagogia da Solidariedade*, inspirado em Paulo Freire, dialogando com as referências teóricas da *Comunhão de Mesa de Jesus* e o da *Missão como Com-paixão*.

² ANEXO 1. Caracterização dos entrevistados.

³ ANEXO 2. Entrevista com os fundadores da Escola.

1 RETROSPECTIVA HISTÓRICA DA AVALANCHE ESCOLA DE MISSÕES URBANAS *UNDERGROUND*

Para apresentar a retrospectiva histórica da Escola, será necessário, em um primeiro momento, situar a América Latina, bem como o Brasil, em relação à Europa e aos EUA. Esta necessidade decorre do fato de que os movimentos contraculturais ocorridos na Europa e nos EUA, nas décadas de 1960 e 1970, bem como os movimentos cristãos de rosto *underground*, estão, em muitos sentidos, vinculados entre si, ainda que não houvesse uma liderança ou um planejamento para que assim ocorresse.

Desde o início de sua colonização, a América Latina caminhava para uma subordinação de seu mundo sistêmico atrelado à Europa.

A Espanha ‘tropeça’ com a Ameríndia, a ‘encontra sem procurar’, e com ela entra em crise todo o ‘paradigma medieval’ europeu (que é o ‘paradigma’ de uma cultura periférica, o Extremo Ocidental do antigo ‘sistema interregional’) e inaugura, lenta, mas irreversivelmente, a primeira hegemonia *mundial* e, assim, do único ‘sistema mundo’ que houve na história do planeta, que é o sistema moderno, europeu no seu ‘centro’, capitalista na sua economia.⁴

Não há como compreender a América Latina fora do sistema colonial. É o sistema colonial que vai produzir a América Latina e a hegemonia mundial do sistema mundo.

Produzida no interior do Antigo Sistema Colonial, a América Latina não é inteligível se não estiver estabelecida no marco da longa duração e do grande espaço do sistema que a integrou, sob diferentes padrões, seja o da *Conquista*

⁴ DUSSEL, Enrique. Sistema-mundo, dominação e exclusão - apontamentos sobre a história do fenômeno religioso no processo de globalização da América Latina. In: **História da igreja na América Latina e no Caribe 1945-1995**: o debate metodológico. Petrópolis: Vozes; CEHILA: São Paulo, 1995. p. 52.

espanhola, seja o da *Expansão* portuguesa, da Hegemonia inglesa ou norte-americana.⁵

A dominação da Europa configurou a América Latina. O sistema colonial sugere um novo mundo. Novo mundo que vai criar espaço para o estabelecimento do capitalismo moderno.

O sistema colonial implica montagem do *Novo Mundo*, na condição de elemento constitutivo no processo de formação do capitalismo moderno, peça de um sistema, elemento decisivo na criação de pré-requisitos do capitalismo industrial, tanto quanto na Europa a categoria original de acumulação primitiva apontava para a formação do mercado de trabalho.⁶

Os movimentos de independência na América Latina no decorrer do século XIX mostraram-se incapazes de estabelecer um novo sistema de poder. A diversidade regional, fruto da emancipação política dos novos Estados, desencadeia certa desintegração regional.

A Revolução Industrial modificou a Europa e seu sistema de produção, que incorporou a periferia em seus próprios termos.

Transformada em potência mundial, a Inglaterra não teve dificuldade de capitalizar os movimentos de independência no decorrer do século XIX, incapazes, por si mesmos, de organizar novo sistema de poder. A ruptura da ordem anterior fragmentou os grandes espaços coloniais, levando-os a se relacionar diretamente com a nova metrópole européia.⁷

Nesse período cresceu o interesse dos Estados Unidos da América do Norte nos países latino-americanos.

Ao mesmo tempo, o hegemonismo programado da *Doutrina Monroe* exaltava o movimento pan-americanista. A política interna dos países latino-americanos passou a ser de interesse das autoridades dos Estados Unidos, com uma cadeia de intervenções. As relações mútuas se processam, a partir de então, pendularmente, em situações de acomodação e conflito.⁸

⁵ RESENDE, Paulo-Edgar Almeida. Trajetórias do discurso latino-americanista. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 16, n. 2, 2002. p. 4. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392002000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 ago. 2009.

⁶ RESENDE, Paulo-Edgar Almeida. 2002. p. 4.

⁷ RESENDE, Paulo-Edgar Almeida. 2002. p. 4.

⁸ RESENDE, Paulo-Edgar Almeida. 2002. p. 4.

O ano de 1960 desencadeia uma década que vai ser caracterizada no imaginário popular como “anos rebeldes”. A economia configura-se transnacional; o transporte e comunicação vivem um tempo revolucionário transformando o planeta Terra numa “aldeia global”, mostrando, pelos meios de comunicação, a história, muitas vezes censurada. Por exemplo: EUA e URSS em suas disputas políticas, corridas armamentista e espacial; a construção do muro de Berlim em 1961, a crise dos mísseis de Cuba em 1962 e a deposição de João Goulart da presidência do Brasil em 1964.

Eric Hobsbawm destaca que após a Segunda Guerra Mundial, fase por ele denominada de “Era de Ouro”, que se estende até o início da década de 1970, profundas mudanças ocorreram na sociedade.

Pois se o divórcio, nascimentos ilegítimos e o aumento de famílias com um só dos pais (isto é, esmagadoramente de mães solteiras) indicavam uma crise na relação entre os sexos, o aumento de uma cultura juvenil específica, e extraordinariamente forte, indicava uma profunda mudança na relação entre as gerações.⁹

A juventude vai ter um papel de contestação ao *status quo*, sobretudo porque “[...] a juventude, um grupo com consciência própria que se estende da puberdade [...] até a metade da casa dos vinte, agora se tornava um agente social independente”.¹⁰ Como “agente social independente” exigiu a retirada das tropas americanas do Vietnã em 1965, opôs-se contra o pensamento burguês reacionário durante a Revolução Cultural Chinesa em 1966, participou da Primavera de Praga em 1968, participou do Festival Pop de Monterey em 1967, e em 1968 liderou manifestações estudantis em Paris e em várias partes do mundo, posicionando-se contra a repressão política, ao capitalismo e ao conservadorismo.

“A radicalização política dos anos 60, antecipada por contingentes menores de dissidentes culturais e marginalizados sob vários rótulos, foi dessa gente jovem, que rejeitava o status de crianças e mesmo de adolescentes [...]”¹¹ Assim “[...] a cultura

⁹ HOBBSAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. 2. ed., São Paulo: Companhia da Letras, 1995. p. 317.

¹⁰ HOBBSAWN, Eric. 1995. p. 317.

¹¹ HOBBSAWN, Eric. 1995. p. 317.

jovem tornou-se matriz da revolução cultural no sentido mais amplo, pois abrangeu os modos e costumes, os meios de gozar o lazer e as artes comerciais.”¹²

Em meio a todas estas manifestações, o mundo vê surgir um movimento contracultural, comumente entendido como *underground*. A partir do movimento contracultural dos anos de 1960, a configuração mundial em diversas áreas, tais como costumes, vestimentas, artes em geral, tomará ares diversos, influenciada, de maneira intencional ou não, diretamente por esses movimentos. É notório perceber que a influência contracultural ou *underground*, não será algo visto em apenas um país, mas estenderá suas redes pelo mundo inteiro.

1.1 Sobre o surgimento do movimento *underground*

O Dicionário Aurélio *on line* define *underground* como: “substantivo masculino de origem inglesa que significa: movimento, organização ou atividade subterrânea que funciona secretamente, e em geral tem por fim solapar ou destruir autoridade estabelecida ou forças inimigas que ocupam um território.”¹³

Uma utilização do termo, ligada à história dos EUA, vem da expressão *underground railroad* (*ferrovia subterrânea*). Por volta dos anos de 1804, indicava um sistema secreto para ajudar os escravos fugitivos a alcançar os estados livres e o Canadá. Durante a Segunda Guerra Mundial foi usado para designar a resistência secreta contra a ocupação inimiga na Europa.¹⁴

O termo *underground* é geralmente associado à contracultura e confundem-se muitas vezes.

[...] deslizando pela superfície ou pelos lençóis freáticos da ilegitimidade, o ‘irracional’, o instintivo, o intuitivo, o sensorial, o místico etc., se cruzaram e se

¹² HOBBSAWN, Eric. 1995. p. 323.

¹³ DICIONÁRIO AURÉLIO online. Disponível em: <<http://aurelio.ig.com.br/dicaureliopos/home.asp?logado=true&pesquisa=>>>. Acesso em: 24 ago. 2009.

¹⁴ BRIDGWATER, Willian; SHERWOOD, Elizabeth J. *The Columbia encyclopedia*: in one volume. 2. ed., New York: Columbia University Press. 1950. p. 2034.

enfeixaram, nos anos sessenta, ganhando o nome de contracultura ou de *underground*, isto é, subterrâneo.”¹⁵

Ao se falar sobre contracultura, é preciso ter em mente que este é um fenômeno complexo. Por ser fragmentário e contraditório não pode ser reduzido a uma de suas expressões. Afirmar que foi o desdobramento de uma única ideologia, nega as contradições ideológicas internas ao fenômeno, o que seria uma simplificação. Também não se pode incorrer na tentativa de explicá-lo como o reflexo de um conjunto de idéias.

Com o objetivo de entender *underground*, faz-se necessário entender o que é contracultura e como ela influenciou e modificou a vida das pessoas nas últimas décadas.

De um lado, o termo contracultura pode se referir ao conjunto de movimentos de rebelião da juventude [...] que marcaram os anos 60: o movimento hippie, a música rock, uma certa movimentação nas universidades, viagens de mochila, drogas, orientalismo e assim por diante. E tudo isso levado à frente com um forte espírito de contestação, de insatisfação, de experiência, de busca de outra realidade, de um outro modo de vida. Trata-se então, de um fenômeno datado e situado historicamente e que, embora muito próximo de nós, já faz parte do passado. De outro lado o mesmo termo pode também se referir a alguma coisa mais geral, mais abstrata, um certo espírito, um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter profundamente radical e bastante estranho às formas mais tradicionais de oposição a esta mesma ordem dominante. Um tipo de crítica anárquica – esta parece ser a palavra-chave – que, de certa maneira, ‘rompe com as regras do jogo’ em termos de modo de se fazer oposição a uma determinada situação. Uma contracultura, entendida assim, reaparece de tempos em tempos.¹⁶

Theodore Roszak foi o criador da expressão *contracultura*. Analisando o movimento jovem, rebelde, dos anos de 1960, ele o declara como contracultural.

Na verdade, quase não parece exagero chamar de ‘contracultura’ aquele fenômeno que estamos vendo surgir entre os jovens. Ou seja, uma cultura tão radicalmente dissociada dos pressupostos básicos da nossa sociedade que muitas pessoas nem sequer a consideram uma cultura, e sim uma invasão bárbara de aspecto alarmante.¹⁷

¹⁵ CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura no Brasil: o *underground* através de Luiz Carlos Maciel (c. 1970)**. Orientadora: Raquel Glezer. 2007. 248 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14052008-132129/>>. Acesso em: 26 jan. 2009. f. 13.

¹⁶ PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. 6 ed., São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 20-22.

¹⁷ ROSZAK, Theodore. **A contracultura**. Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 54.

Roszak acrescenta que o poema de Allen Ginsberg intitulado *Howl (Uivo)*¹⁸ poderia ser o documento de fundação da contracultura.¹⁹ Cláudio Jorge Willer, pioneiro tradutor de literatura beat no Brasil e também poeta, afirma: “A passagem da beat à contracultura e rebeliões da década de 1960, com sua culminância em 1968, é indissociável da biografia de Ginsberg.”²⁰

O mundo ocidental vivenciou uma dose de euforia com o fim da II Guerra Mundial. O desenvolvimento tecnológico, que alimentava cada vez mais o desejo consumista e motivava a afirmação do *American way of life (modo de vida Americano)*, estava na pauta da celebração diária. Contudo, vivia-se ainda sob a tensão da Guerra Fria, alimentada pela ameaça atômica entre os EUA e a União Soviética, e a perseguição a personagens da esquerda americana, o *macartismo*.

Nesse contexto surge uma nova geração de poetas: a *beat generation*.

Jack Kerouac (1922-69), autor de obras em prosa, [...] inventou a expressão beat generation em 1948, mas só quatro anos mais tarde o seu amigo John Clellon Holmes escreveu um artigo no *New York Times Magazine* com o título ‘This is a beat generation’. Esta geração refere-se a um pequeno grupo de escritores americanos activos nos anos 50, com especial destaque para os poetas que divulgaram a chamada *beatnik poetry*, com um estilo muito personalizado e fechado numa gíria muito particular repescada na música jazz, e que teve importantes repercussões na cultura popular.²¹

A palavra *beat* expressa na língua inglesa uma noção de cansaço, saturação e na língua portuguesa pode ser traduzida por ‘derrubado’. Mas também pode significar beatitude, beato, santificação. O estilo musical preferido dos jovens da época era o jazz. *Beat* faz correlação com batida, o ritmo do jazz. A atitude contestadora que se refugia numa forma de beatitude. O sufixo *nik* foi cunhado do nome do satélite *Sputnik*²² lançado ao espaço pela URSS em 1957. *Sputnik* é uma palavra russa que significa satélite ou

¹⁸ ANEXO 3. Letra do poema *Howl (Uivo)*. Em virtude da extensão do poema optei por incluir apenas a primeira parte do mesmo neste anexo. O poema na íntegra pode ser encontrado em: GINSBERG, Allen. **Uivo, Kaddish e outros poemas**. Tradução de Claudio Willer. 2. ed., Porto Alegre: L&PM, 2006.

¹⁹ ROSZAK, Theodore. 1972. p. 76.

²⁰ WILLER, Claudio. **Geração Beat**. Porto Alegre: L&PM, 2009. p. 103.

²¹ CEIA, Carlos (org.). **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <http://www2.fcsb.unl.pt/edtl/verbetes/B/beat_generation.htm>. Acesso em: 14 out. 2008.

²² 1957: Sputnik satellite blasts into space. **BBC on this Day**. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/october/4/newsid_2685000/2685115.stm>. Acesso em: 15 out. 2008.

companheiro de viagem.²³ Os *beatniks* possuíam um espírito contestador que rejeitava os valores estabelecidos, a estrutura de pensamento que prevalecia nas sociedades ocidentais. Criticavam o predomínio da racionalidade científica, buscavam redefinir a realidade através do desenvolvimento de formas sensoriais de percepção. Sua atitude antiintelectualista motivava a busca de experiências místicas através de filosofias orientais e de outras formas de consciência possibilitadas pelo uso de alucinógenos.

Assumindo uma atitude social de contravenção, repudiando qualquer intelectualismo ao mesmo tempo que negavam os valores sociais das classes médias, os escritores desta geração foram buscar a sua inspiração ao jazz, ao budismo Zen e a certos cultos índios e esforçavam-se por se distinguirem até no aspecto físico, calçando sandálias, usando *jeans* e deixando crescer a barba, atitude que precede os *hippies* dos anos 60. Construíram uma imagem de rebeldes com causa anárquica, escolhendo um estilo de vida recheado de drogas, sexo livre, álcool q.b., e todo o tipo de desafio das convenções mais respeitadas da sociedade moderna, [...] ²⁴

Após os *beatniks*, surgem os *hipsters*, gíria do circuito de jazz e drogas que designava o marginal e usuário de drogas, que se opõem aos *squares*, expressão que definia os caretas, os quadrados, os conformistas totalmente ajustados ao sistema, o burguês. Radicais em sua revolta contra as modernas sociedades tecnocráticas, entendem que necessitam “se desligar da sociedade, de existir sem raízes, de empreender uma viagem sem rumo pelos rebeldes imperativos do ego”.²⁵ São pessimistas na maneira de ver o mundo e a sociedade.

Os anos de 1950 foram marcados pelo surgimento do estilo musical *rock'n roll*, que arrebanhava um determinado público jovem. Esses jovens transformaram o estilo musical denominado *rock*, como a expressão de seu descontentamento e rebeldia, tornando indissociáveis o comportamento e a música.

O rock cativava um público jovem que começava a fazer desse tipo de música a expressão de seu descontentamento e revolta. É a chamada juventude transviada, com suas gangues, motocicletas e revolta contra os professores na sala de aula. Já começava a delinear-se uma consciência etária alimentando a oposição jovem/não jovem.²⁶

²³ Cinquenta anos no espaço. **Ciência hoje on line**. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/102301>>. Acesso em: 11 out. 2008.

²⁴ CEIA, Carlos (org.). **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <http://www2.fcsb.unl.pt/edtl/verbetes/B/beat_generation.htm>. Acesso em: 14 out. 2008.

²⁵ PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. 1983. p. 25.

²⁶ CARMO, Paulo Sérgio. **Culturas da rebeldia: a juventude em questão**. 2. ed., São Paulo: Senac, 2000. p. 32.

A década de 1960 foi uma década de transição na qual as normas e os costumes da geração anterior foram questionados pelos jovens. Direitos civis, a brutalidade dos assassinatos políticos, protestos estudantis contra a guerra do Vietnã, a ameaça de uma catástrofe nuclear e a crescente tensão entre pais e filhos eram temas presentes. As mesas das cozinhas tornaram-se um campo de batalhas ideológicas em que pais e filhos colidiram de frente. Embora considerada como a geração mais abastada e educada na história norte-americana, os *baby-boomers*, os nascidos entre 1945 e 1960, rejeitam a visão materialista de seus pais com a esperança de criar sua própria utopia.

Pouquíssimas pessoas têm uma definição prática e adequada para o que seja contracultura, [...] Na verdade, quando Theodore Roszak popularizou a expressão em seu livro *The Making of a Counter Culture*, de 1969, ele *literalmente* podia ver quais eram as pessoas que se encaixavam em sua concepção.²⁷

A contracultura se tornou um ponto de mobilização juvenil e protesto. *Flower Power* (*poder da flor*), *paradise now* (*paraíso agora*), *it's forbidden to forbid* (*é proibido proibir*) foram alguns dos *slogans*, constantemente repetidos e erguidos como bandeiras, pelos jovens nos anos de 1960. Seguindo os movimentos dos *beatniks* e dos *hipsters*, desponta um novo movimento que marca seu estilo de vida e proposta filosófica no binômio “paz e amor”. A diferença marcante em relação aos movimentos de contestação está na opção pela alegria, otimismo e pela disposição de mudar o mundo. Eram festivos e utilizavam as flores como símbolo. Fizeram passeatas, promoveram festivais, onde era permitido o sexo livre e o uso de drogas. Protestaram contra a guerra do Vietnã.

Para Elio Gaspari “a juventude, criada na prosperidade, desenvolveu um complexo de ilegitimidade, flagelando-se por privilegiada e redimindo-se em propostas de combates às injustiças sociais”.²⁸

Depois dos *hippies* a história aponta o surgimento dos *yippies*. São politizados no sentido mais estrito do termo. O termo foi criado por Abbie Hofman e Jerry Rubin para designar os “membros” do *Youth International Party* (*YIP*). O *YIP* mesclou um ativismo de uma Nova Esquerda e a contracultura *hippie* para criar uma revolução que deveria ser

²⁷ GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu a cultura digital**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007. p 47.

²⁸ GASPARI, Elio. A roda de Aquarius. In: **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 214.

pessoal, política e divertida. O Partido era um espaço institucionalizado para canalizar a energia revolucionária daquela juventude rebelde. Reuniam-se em grandes cidades, rejeitavam todos os tipos de “ismos”, incluindo socialismo e anarquismo, em favor do *Do your own thing (Faça do seu próprio jeito)*, i.e., não estar preso a uma forma particular de sistema, mas preferir ser um indivíduo. As ações coletivas marcaram o ativismo *yippie* e, embora se apresentassem como contrários a todo tipo de “ismos”, foram esquerdistas no sentido de advogarem justiça social, defendendo que a habitação, o vestuário e a alimentação deveriam ser patrocinadas pelo governo sem custo.²⁹

Os anos de 1970 marcam o fim do movimento e do sonho *hippie*. O fim de uma sociedade constituída no dístico “paz e amor”. Morrem três ícones da contracultura: Jimmy Hendrix, Janis Joplin e Jim Morrison. Em dezembro de 1970 John Lennon afirma que “o sonho acabou”. Na música intitulada *God (Deus)*³⁰, Lennon registra o “fim do sonho”.

Novos movimentos são agregados ao processo como as bandas de *heavy metal (metal pesado)* que incluíram nos seus espetáculos saudações satânicas com músicas incitando o uso de drogas, o suicídio, o sexo livre e descomprometido. O movimento *punk* explode em Londres, para promover uma crítica dura e pesada aos músicos de *heavy metal* que aderiram ao sistema do *showbiz*. Usam uma espécie de anti-música; eram contra as religiões, as instituições, contra o *status quo* da sociedade. O tom do discurso era de base anarquista.

Os anos de 1980 registram uma juventude que se lança ao individualismo. O *yippie*, jovem bem vestido e financeiramente bem sucedido, é o objetivo a ser alcançado pela juventude. Com esse foco a ser atingido, muitos líderes da contracultura dos anos de 1960, tornaram-se empresários de sucesso. Com o surgimento da AIDS, a liberdade sexual conquistada nos anos de 1960 passa a ser questionada. A atuação protestadora vai ser organizada a partir das ONGs (organizações não governamentais). Suas bandeiras de lutas incluem: homossexuais, prevenção à AIDS e defesa ambiental. No campo da defesa ambiental, passam a admirar e idolatrar a natureza em contraste ao mundo industrializado,

²⁹ URBAN DICTICIONARY. **Yippie.** Disponível em: <<http://www.urbandictionary.com/define.php?term=yippie>>. Acesso em: 16 out. 2008.

³⁰ ANEXO 4. Letra da música *God (Deus)*, de John Lennon.

poluído e artificial. Movimentos de extrema direita, como o neonazismo, reaparecem com muita força. O esoterismo ganha espaço e reconhecimento com o apoio de artistas e políticos, inclusive nos meios de comunicação. A Nova Era, ou Era de Aquarius, já cantada pelos *hippies*, é anunciada e esperada. A solidariedade une jovens de todo o mundo em torno de causas comuns.

Os anos de 1990 são marcados e definidos pelo caos estabelecido nas grandes concentrações urbanas. As pessoas são atraídas pelas novas oportunidades ofertadas nas metrópoles do mundo inteiro. Essa população migratória carrega consigo sua história, seus hábitos e sua cultura. No passado os imigrantes se adaptavam à cultura do novo país para o qual acorriam. Agora as minorias fortalecem suas peculiaridades e identidades. Isto provoca no espaço urbano uma enorme diversidade cultural, acentuando a diferença. Começa então um conflito cultural sem precedentes. As pessoas são diferentes. O diferente reside na casa ao lado, deseja o mesmo emprego, usa o mesmo elevador. As causas nobres e comuns que uniam e mobilizaram jovens de diversas partes do mundo em forma de movimentos de protesto e contestação já não existem. Todo esse movimento em direção à cidade fragmenta a sociedade.

A contracultura que se orientava e gravitava em torno da contestação, de um discurso político-ideológico, transformou-se em apenas uma busca de satisfação pessoal. A própria sociedade adere a essa busca e organiza-se em torno de semelhanças culturais, de gostos sexuais, afinidades religiosas. As pessoas estão articuladas não em torno de um ideal democrático ou de uma causa social, a ligação se dá apenas na base do prazer, muitas vezes sem sequer haver afinidade. As utopias do passado foram aos poucos sendo substituídas por liberdades no cotidiano, nos vínculos sociais. Ainda que haja a exploração capitalista, é possível encontrar pequenos espaços de liberdade no cotidiano. Liberdade de sobrevivência, que se defronta com as dificuldades sociais, morais e econômicas.

A fragmentação social transformou os grandes centros urbanos em verdadeiros universos de tribos urbanas com os rostos mais distintos e em busca de suas próprias respostas. Acabou a fase do idealismo.

[...] a irmã gêmea do idealismo é a desilusão, desilusão com aqueles que não participam do ideal, ou (pior) com os que se lhe opõem, ou (pior ainda) com os que o traem. E a desilusão com o que é continua alimentando o idealismo do que

poderia ser. Parece que atravessamos décadas de desilusão. Cada geração que se levanta odeia o mundo que herdou. Às vezes, a reação tem sido ingênua, embora não possamos dizer que tenha sido hipócrita.³¹

No Brasil, os tropicalistas, foram pais e filhos da contracultura e contribuíram na criação de nossa versão da modernidade que se apresentava ao mundo através dela.

Dois livros do século XX – *Verdade tropical*, de Caetano Veloso, e *Brutality Garden*, de Christopher Dunn – chamaram a atenção do mundo para uma praticamente desconhecida contracultura histórica, radical e centrada na música do final dos anos 1960 no Brasil, chamada de Tropicália ou Tropicalismo.³²

Com as devidas proporções, as condições que originaram a contracultura nos EUA estiveram presentes no Brasil no final dos anos de 1960. Uma classe média urbana com valores burgueses de consumismo, inclusive cultural; uma estrutura tecnocrática totalitária; estrutura do poder baseada na Doutrina de Segurança Nacional. O tropicalismo apresenta uma estética com elementos da contracultura. Nos EUA as manifestações juvenis eram até certo ponto toleradas, enquanto que no Brasil foram proibidas em função do AI-5 em 1968.

Nessas condições, as formas pelas quais se difundiu no Brasil foram bastante peculiares, não podendo contar com um dos elementos que a distinguiram nos EUA e na Europa: as grandes manifestações coletivas de repúdio ao sistema, limitando-se, assim, à incorporação de um novo ‘estilo de vida’, a partir de seus referenciais estéticos e intelectuais introduzidos por intermédio das artes plásticas, da literatura, da música e de jornais alternativos, como *O Pasquim*.³³

No contexto da contracultura do século XX é possível observar diversas manifestações cristãs daquilo que pode ser descrito como contracultura cristã. Desde o surgimento do ritmo denominado *rock* na década de 1950, Larry Normam, um cantor norte americano, compunha *rock* e *blues* com mensagens cristãs. Seu trabalho levou muitos jovens a se “converterem” ao cristianismo no auge da revolução *hippie* que marcou os anos de 1960.

No final daquela década o *Jesus Revolution* ocorreu simultaneamente em diversas partes do mundo. Milhares de jovens, nas ruas, nas comunidades alternativas, por si mesmos, sem a participação das lideranças das igrejas, sem existir um projeto de

³¹ STOTT, John R. W. **Contracultura cristã**. A mensagem do sermão do monte. São Paulo: ABU, 1981. p.7.

³² GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. 2007. p. 365.

³³ CAPELLARI, Marcos Alexandre. 2007. f. 9.

evangelização específico e voltado para alcançá-los, entenderam que Jesus era a resposta para suas vidas.

A conversão em massa dos *hippies* desencadeou uma onda de atenção por parte da mídia e da Igreja. A revista *Time* de 03 de agosto de 1970 apresentou um artigo sobre os jovens cristãos de rua sob o título: *Street Christians: Jesus as the Ultimate Trip (Cristãos de rua: Jesus como a viagem última)*.³⁴ A capa da revista *Time* de 21 de junho de 1971 estampava: *The Jesus Revolution (A revolução de Jesus)*.³⁵ O artigo referência para a capa foi intitulado *The New Rebel Cry: Jesus Is Coming! (O novo clamor rebelde: Jesus está voltando!)*.³⁶

O *Jesus Movement* começou na costa leste do EUA no final dos anos de 1960 e início dos anos de 1970, espalhando-se pela América do Norte e Europa. É considerado como um elemento catalizador da contracultura *hippie* com alguma conexão ao cristianismo de face protestante. Os membros do movimento foram chamados de *Jesus People*, ou *Jesus Freaks*, designação pejorativa, logo abraçada por muitos para descrever uma contracultura de caráter cristão.

Em termos gerais, o *Jesus People Movement* refere-se ao fenômeno de jovens membros da contracultura, comumente (contudo, insatisfatoriamente) designados como '*hippies*', que abraçaram o Cristianismo (normalmente uma forma específica de Cristianismo). O *Jesus People*, como são também designados, foi um movimento religioso específico do final dos anos de 1960 e 1970.³⁷

De certa forma o movimento é ao mesmo tempo configurado pela contracultura, mas em certo sentido, assume uma posição antagônica em alguns aspectos da contracultura.

³⁴ Street Christians: Jesus as the ultimate trip. **Time**. v. 96, n. 5. 03 ago. 1970. Disponível em: <<http://www.time.com/time/printout/0,8816,876689,00.html>>. Acesso em: 18 out. 2008.

³⁵ The Jesus revolution. **Time**. v. 97, n. 25. 21 jun. 1971. Disponível em: <<http://www.time.com/time/covers/0,16641,1101710621,00.html>>. Acesso em: 18 out. 2008.

³⁶ The new rebel cry: Jesus is coming! **Time**. v. 97, n. 25. 21 jun. 1971. Disponível em: <<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,905202,00.html>>. Acesso em: 18 out. 2008.

³⁷ SOFRANKO, Steven Jude. **Where the Jesus People went: a study of Santa Rosa Christian Church and an intersection of religious movements**. Coordinator: Luke Buckles. 2000. 144 f. *Marters of Arts*. Berkeley: California, 2000. Disponível em: <http://ia331430.us.archive.org/2/items/wherejesuspeople00sofrich/wherejesuspeople00sofrich_bw.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2009. f. 1. *In general terms, "the Jesus People Movement" refers to the phenomenon of young members of the counterculture, commonly (if unsatisfactorily) referred to as "hippies", who have embraced Christianity (and usually a specific type of Christianity). The Jesus People, as they are also termed, were a specific, identifiable religious movement of the late 1960s and 1970s.* (tradução própria).

Apesar do *Jesus People Movement* derivar muitos de seus valores da contracultura de onde surgiu, em certa medida foi uma reação à contracultura. Enquanto uma das virtudes cardiais da contracultura foi o antiautoritarismo ao ponto da anarquia, o *Jesus People Movement* interpretou a Bíblia defendendo os princípios de autoridade e submissão.³⁸

Na adoção dos princípios de autoridade e submissão à Bíblia o movimento assume sua característica distintiva da contracultura. O movimento que se espalhou pela América do Norte, produzindo inúmeros encontros e festivais de música, celebrou o último *Festival of the Son* em 1976. Contudo, sua influência contracultural ou *underground* continuou presente no movimento evangélico mundial.

No Brasil muitos jovens que abraçaram o movimento *underground* acabaram envolvendo-se com o uso de drogas, algo típico do movimento contracultural. Entendiam esse envolvimento com as drogas como uma forma de contestar a sociedade consumista e individualista. Em 1970, importantes representantes do *underground* morreram por overdose. Os representantes dessa revolução individual e cultural proclamaram que o sonho acabara. Ideais de paz, amor, liberdade, sexo livre e drogas estavam ameaçados.

Nessa década a realidade não era diferente em Niterói, Rio de Janeiro. O intenso uso de drogas principalmente entre adolescentes chamava a atenção do Dr. Jeremias de Mattos Fontes, ex-governador do Estado do Rio de Janeiro, que tinha muitos amigos usuários de drogas, inclusive um de seus oito filhos. Não encontrando espaço na igreja que frequentava para reabilitá-lo, decidiu criar um espaço em sua casa para acolher os que quisessem mudar o rumo de suas vidas. Começaram a frequentar sua casa, adolescentes e jovens. Em 22 de setembro de 1971, a Comunidade S-8 foi legalmente fundada como uma sociedade civil, sem fins lucrativos, e, mais tarde, reconhecida de Utilidade Pública Federal, Estadual e Municipal, sendo presidida pelo Dr. Jeremias de Mattos Fontes. O nome “Comunidade S8” refere-se ao objetivo da instituição em promover a justiça social através da inclusão. O “S” significa salvação e o “8” (formado por um “S” normal + um “S” invertido), indica mudança de vida.³⁹

³⁸ SOFRANKO, Steven Jude. 2000. f. 1. *While the Jesus People Movement derived many of its values from the counterculture out of which it grew, in certain ways it was a reaction to the counterculture. While one of the cardinal virtues of the counterculture was antiauthoritarianism to the point of anarchy, the Jesus People Movement interpreted the Bible as espousing principles of authority and submission.* (tradução própria).

³⁹ COMUNIDADE S_8. **Histórico da Comunidade.** Disponível em: <<http://comunidades8.org.br/historico.html>>. Acesso em: 31 ago. 2009.

Nos anos de 1980, a Comunidade Evangélica Ágape, em Belo Horizonte, e a Igreja Renascer em Cristo, em São Paulo, voltam seus esforços no sentido de acolher a juventude alternativa. Ainda nessa década, na cidade de Curitiba, uma jovem conhecida como BUGRA inicia uma atividade pioneira junto aos *hippies* e moradores de rua.

Belo Horizonte era considerada a capital nacional do *heavy metal*, um estilo musical muito apreciado pelos jovens. Em 1991, jovens evangélicos começaram a se reunir em função do gosto pelo estilo musical *white metal*, uma alternativa musical, com letras evangélicas. O Pr. Fábio Ramos de Carvalho foi convidado para liderá-los, o que ocorreu em 1992 quando o mesmo muda-se de Londrina para Belo Horizonte. Fundam o Ministério Santuário, que dará origem à Igreja Caverna de Adulão.⁴⁰

Em 2000, na Comunidade S8, foi realizado o I Congresso Nacional *Underground* Cristão. O segundo congresso ocorre em 2003, em Vila Velha, Espírito Santo. Nesse congresso detectou-se a ausência de líderes preparados para atuar junto às tribos urbanas de rosto *underground*. Essa discussão dá origem à Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground*.⁴¹

1.2 Relato histórico da Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground*⁴²

A Escola é uma organização não governamental (ONG), sem fins lucrativos, fundada em Vitória, Espírito Santo, no ano de 2004. Exerce suas atividades como Curso Livre. A equipe inicial de obreiros foi composta por cinco missionários das Igrejas: Caverna de Adulão (Belo Horizonte/MG), Missionária Unida do Brasil (Ji-Paraná/RO) e Evangelho Quadrangular (Belo Horizonte/MG). O mentor do projeto foi o missionário Claudiniz Fernandes Braga, mais conhecido como Diniz.

É um local de ensino que tem como objetivo oferecer ferramentas aos alunos para melhor compreenderem a contracultura cristã tendo como referencial teórico a contra

⁴⁰ SILVA, Geraldo Luiz da. **História da contracultura**. Apostila. Vitória. 2005.

⁴¹ SILVA, Geraldo Luiz da. Amor aos rejeitados. **Revista Cristã**. Belo Horizonte, n. 41. p. 7-20, 2007.

⁴² Este relato histórico foi elaborado utilizando várias fontes: o site da Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground*, documentos internos cedidos para pesquisa, relato elaborado por Andréa Vargas, uma das fundadoras da Escola, apostila de Geraldo Luiz da Silva e a vivência do elaborador nos períodos em que ministrou disciplinas nos cursos: extensivo e de sexualidade.

cultura e os movimentos *underground* não cristãos. O ensino está direcionado ao conhecimento das demandas das tribos urbanas de rosto *underground* e capacitação dos alunos para levar a mensagem do amor de Cristo para as pessoas vinculadas a este universo. A proposta básica é estudar, com um olhar crítico, os problemas gerados pela urbanização, o perfil dos centros urbanos, as tribos urbanas e a influência do avanço tecnológico sobre estas tribos. A grade curricular⁴³ está voltada a oferecer uma visão da cultura das tribos urbanas que possibilite entender como interagem em torno da música, esporte e ideologia.

Todas as atividades desenvolvidas na sede da Escola são voluntárias. A primeira turma do Curso Extensivo ocorreu de fevereiro a novembro de 2004 e teve a participação de vinte alunos de diversas regiões e igrejas do Brasil. Moravam em regime de comunidade. Foi elaborado um regimento interno pela equipe de obreiros para facilitar a vida comunitária. A grade curricular inicial teve como focos principais: caráter cristão, contracultura, contracultura cristã e missões urbanas. O curso foi dividido em dois módulos: o teórico e o prático. No prático, foram formadas duas equipes. Uma trabalhou na Grande Vitória e a outra, em Patos de Minas (MG), Rio de Janeiro (RJ), São Gonçalo (RJ) e Ipatinga (MG). Em janeiro de 2005, foi ministrado o Curso de Verão, voltado para alunos que não dispunham de tempo para dedicarem-se ao curso em período integral. Os alunos são desafiados a morar em comunidade, quanto ao seu caráter cristão, a mobilizarem-se para alcançar a geração tribal e para tornar relevante o cristianismo que professam.

Em 2005 o Curso Extensivo passou a ser oferecido em oito meses em regime integral. As aulas são modulares. Introdução à Teologia foi incluída na grade curricular, em função da demanda que os alunos da primeira turma sentiram no campo missionário, especialmente quando atuavam com comunidades esotéricas. Nesse ano, alguns alunos da primeira turma começaram a fazer parte da equipe de obreiros.

⁴³ ANEXO 5. Grade Curricular. A expressão “grade” transmite uma noção de que os alunos estão aprisionados, submetidos aos conteúdos, prévia e obrigatoriamente elencados, independentemente de contextualização, o que poderia proporcionar uma redução de sua liberdade e da própria instituição ao organizar seus cursos consoantes a um projeto pedagógico voltado para as necessidades das tribos urbanas de rosto *underground*.

Em 2006, Diniz e Andréa, fundadores da Escola, se casam e mudam para Rondônia. A Escola continuou suas atividades sob a liderança dos obreiros que permaneceram em Vitória.

Em 2007, o casal Andréa e Diniz retorna ao Espírito Santo. Em julho de 2007, a Escola enviou uma equipe para o sul do Brasil. Parte das atividades práticas do Curso Extensivo foi realizada no CADI (Centro de Assistência e Desenvolvimento Integral), situado na Fazenda Rio Grande (PR), local onde foi realizado um módulo sobre desenvolvimento comunitário. Em Curitiba (PR), foram realizados cursos e atividades evangelísticas em parceria com igrejas locais. Do contato com o CADI, foi firmada a parceria ficando previamente agendada a ida dos alunos do Curso Extensivo no ano seguinte. Em outubro de 2007, foi realizado o Curso de Sexualidade, já que desde a sua fundação, em 2004, a Escola tornou-se parceira do ministério Luz na Noite, que atua em Vitória assistindo homossexuais e prostitutas. Foram abordados os seguintes temas: teologia da sexualidade, legislação brasileira, história da prostituição, história da revolução sexual, identidade sexual, abuso sexual, homossexualidade, dependência emocional, travestismo, transexualismo, estupro, oração, aconselhamento com noivos, DST/AIDS e elaboração de projetos.

O Curso Extensivo de 2008 foi marcado por várias atividades práticas. A Escola recebeu uma equipe de voluntários da ABU (Aliança Bíblica Universitária). Enviou uma equipe de alunos e obreiros para Recife, onde foi realizado um curso de Missões Urbanas e o Congresso Nacional *Underground* Cristão, em parceria com ministérios alternativos locais. Realizou atividades práticas com indígenas de Aracruz (ES) e um curso de Missões Urbanas nas cidades de Curitiba (PR), Joinville (SC) e Florianópolis (SC).

Atualmente, a equipe está composta assim: Diniz Braga, mentor e fundador da Escola, sua esposa Andréa, também fundadora da Missão e ex-alunos do curso extensivo dos anos anteriores que atuam como obreiros.

A Escola não está vinculada ou subordinada a nenhum grupo cristão específico, mas compõe uma rede, não institucionalizada, entre as diversas manifestações cristãs de tribos urbanas de rosto *underground*, denominada *Tribal Generation*.⁴⁴

Vale ressaltar que a Escola conseguiu o registro como ONG no final de 2008. Nestes últimos anos de atividades a liderança sentiu claramente a necessidade de uma estruturação legal que vise facilitar a busca de apoio financeiro e a obtenção de recursos nos canais competentes. Durante estes cinco anos a Escola foi mantida financeiramente através das contribuições mensais dos missionários, obreiros, alunos e amigos. A Igreja Missionária Unida do Brasil (Ji-Paraná-RO), parceira desde o início do projeto, mantém uma participação financeira mensal.

Desde sua fundação, a Escola atende convites de Igrejas em diversas cidades do Espírito Santo e do país, procurando auxiliar as igrejas e grupos alternativos, através de cursos e palestras.

A Escola está inserida no contexto da cidade de Vitória, Espírito Santo. A cidade, segundo dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2007, tem uma população de 314.042 habitantes, dos quais 31.308 são jovens com idade entre 15 a 24 anos.⁴⁵

A unidade física é chamada de *base*. Funciona num prédio alugado situado na rua Wilson Freitas, 250, no centro de Vitória. O pavimento térreo é utilizado como garagem, local para eventos, montagens, restaurações de materiais diversos e depósito. O primeiro e segundo pavimentos são utilizados para a secretaria/escritório, sala de vídeo/computador e dormitórios dos obreiros e corpo discente. No terceiro pavimento funciona uma sala de TV, o refeitório, a cozinha e área de serviço.

⁴⁴ **TRIBAL GENERATION.** Disponível em: <http://www.tribalgeneration.org/prt/conteudo.php?url=ministerios>. Acesso em: 15 maio 2008.

⁴⁵ **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA.** Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/default.shtm. Acesso em: 02 out. 2008.

Conquanto as informações seguintes não possam ser verificadas nas respostas das entrevistas, contudo, na convivência com os fundadores, em suas falas e exposição de seus sonhos para a Escola, descrevo a visão dos mesmos da maneira como segue.

Na visão dos fundadores, a Escola expressa o desejo de ser um pólo educacional de referência para o Brasil. Para tanto, persegue a meta de promover educação de qualidade, com responsabilidade social e inovação, através da construção, produção e socialização do saber, com base nos princípios cristãos, para atuar numa sociedade em transformação. A Escola propõe promover valores como amor, dignidade, justiça, respeito, verdade, hospitalidade, solidariedade, cidadania e misericórdia. Os princípios que fundamentam sua ação são autonomia, cooperação, ética, inovação, responsabilidade social, referencial cristão não denominacional, pluralidade e qualidade de ensino.

De 2004 a 2009, 220 alunos, provenientes de diversas partes do Brasil, tribos urbanas, grupos cristãos, procuraram a Escola para realizar um curso de verão, extensão ou de sexualidade.

1.3 Relato sobre a identidade da Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground*

Com o objetivo de destacar alguns aspectos sobre a identidade da Escola foi utilizado como ponto de partida a Declaração de Missão da Escola.

Percebemos que o cenário underground tem crescido e cada vez mais o número de adolescentes e jovens envolvidos em culturas urbanas; ao mesmo tempo cresce a demanda de um maior número de ministros e obreiros envolvidos no desafio de alcançar este público alvo. Avalanche Escola de Missões Urbanas oferece treinamento e capacitação para líderes e obreiros que desejam trabalhar especificamente com a chamada geração X. Trabalhamos pela conscientização e envolvimento da igreja na implantação do Reino de Deus em meio a essas tribos oferecendo estratégias de evangelismo e ferramentas de trabalho. Uma escola radical para pessoas radicais.⁴⁶

Tomando como documento norteador a Declaração de Missão da Escola vários questionamentos afloram. De onde surge o nome *Avalanche*? Por que uma *Escola de*

⁴⁶ AVALANCHE ESCOLA DE MISSÕES URBANAS *UNDERGROUND*. **Declaração de missão**. Disponível em: <<http://www.avalanchemissoes.org>>. Acesso em: 17 maio 2008.

Missões Urbanas? Qual é a identidade confessional da Escola? Seria esta ausência de identificação confessional, por si só, uma característica da identidade da Escola?

A meta ou alvo a ser alcançado é o treinamento e capacitação de líderes para alcançar jovens e adolescentes vinculados às culturas urbanas. Que tipo de treinamento é oferecido? Quais as motivações para treinar e capacitar líderes que atuarão em contexto urbano?

Ainda que não apareça na Declaração de Missão, mas como está presente no nome da Escola a expressão *underground*, ela deve ser apreciada como aspecto identitário da Escola.

É justificável que alguém levante uma dúvida razoável, se não seria prematuro buscar estabelecer a identidade da Escola visto que a mesma está completando apenas cinco anos de existência. Theodore Roszak, referindo-se ao movimento contracultural dos anos de 1960, afirmou: “Críticas às experiências é legítimo e necessário; perder a esperança naquilo que não passa de um começo é prematuro.”⁴⁷

O esclarecimento do caráter identitário da Escola poderá advir das observações práticas do pesquisador, daquilo que pensam os fundadores e líderes da mesma. Pode ocorrer que o pesquisador constate que de fato é prematuro traçar a identidade da Escola, por falta do amadurecimento de suas bases e fundamentos. Ainda assim, permaneceriam como fatos a existência da Escola e sua proposta em responder concretamente aos apelos das tribos urbanas de rosto *underground*.

Questionados sobre o surgimento do nome *Avalanche*, as respostas dos fundadores seguem a mesma trajetória com variações de interpretação. No evento DNA promovido pela JOCUM (Jovens com uma Missão) em Porto Velho no ano de 2002, um missionário, após o evento, procurou Diniz afirmando que Deus faria uma *avalanche* de missões no Brasil através da obediência e santidade dessa geração. Dessa palavra surge o nome da Escola.

⁴⁷ ROSZAK, Theodore. 1972. p. 76.

Uma leitura crítica do termo *avalanche*, ainda que tenha sido gerado em um momento de inspiração ou experiência espiritual, poderia promover uma percepção mais clara da dimensão da prática da Escola.

Avalancha/e. Substantivo feminino. Massa de neve e gelo que desce, rápida e violentamente, pela encosta das altas montanhas, arrastando consigo fragmentos de rochas, florestas, habitações, e tudo que encontra pela frente. 2. Desmoronamento violento e rápido de uma montanha, conseqüente a erosão; avalanche seca. 3. Processo ocorrente num gás em que há um campo elétrico, e que consiste na multiplicação do número de íons e elétrons formados num evento ionizante, graças aos choques inelásticos sucessivos dos íons acelerados pelo campo com as moléculas do gás. 4. Invasão súbita de gente ou de animais. 5. Queda estrondosa de coisas pesadas.⁴⁸

Tomando-se o termo *avalanche*, percebe-se indícios do triunfalismo que caracterizou o protestantismo de missão. Esse triunfalismo poderia gerar uma inadequação em relação a um projeto de ensino que pretende ser solidário.

Ainda assim, a partir da minha condição de pesquisador, percebo que há influências dessa noção triunfalista, mas as mesmas não impedem uma busca sincera e honesta de desenvolvimento de um projeto de ensino solidário.

A Escola funciona como Curso Livre. Alguns cientistas da religião definem tais movimentos como “agências ou organizações para-eclesiásticas”.

Neste cenário é que surgem as organizações para-eclesiásticas, justamente após a Segunda Guerra Mundial, quando as nações vitoriosas dividem o mundo em dois blocos ideológicos e distintos e quando o bloco ocidental busca estender sua hegemonia sobre as nações subdesenvolvidas, tradicionalmente em sua periferia. Para-eclesiásticas são organizações diferentes das tradicionais. Elas não se ligam às juntas ou comitês das grandes Igrejas norte-americanas, mas se organizam independentemente delas com contribuições em dinheiro de membros das diversas igrejas que assumem compromissos individuais de sustentação de missões ou missionários. Missão e missionário são palavras mágicas nas Igrejas americanas. No entanto, como não estão ligadas às grandes estruturas eclesiásticas, mas a compromissos individuais teoricamente precários, são chamadas “missões de fé”.⁴⁹

Rubem César Fernandes classifica como “Missões pela Fé” dois tipos de agências missionárias a partir de suas políticas financeiras. O primeiro tipo ele classifica como de

⁴⁸ DICIONÁRIO AURÉLIO online. Disponível em: <<http://aurelio.ig.com.br/dicaureliopos/home.asp?logado=true&pesquisa=>>. Acesso em 02 ago 2010.

⁴⁹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. Loyola: São Paulo. 1990. p. 56-57.

“pura fé”, pois “não divulgam as suas necessidades financeiras, nem solicitam recursos direta ou indiretamente”.⁵⁰ O segundo ele destaca que “não pede recursos, mas apresenta publicamente uma ampla informação sobre as necessidades financeiras”.⁵¹ Os fundadores compreendem que a Escola é uma missão, “de fé”, segundo Mendonça ou “pela fé”, segundo Fernandes.

Nas entrevistas⁵² realizadas pelo pesquisador com os fundadores da Escola foi incluída uma pergunta específica sobre o sustento dos alunos, obreiros e missionários. As respostas dos três entrevistados indicam que as necessidades financeiras da Escola são cobertas por ofertas provenientes de igrejas, familiares e amigos. Obreiros, alunos e voluntários levantam seu sustento junto as suas famílias, igrejas de origem, amigos ou trabalham em tempo parcial. Todos contribuem com as despesas financeiras da Escola e são incentivados a compartilhar suas necessidades financeiras.

Creio ser possível afirmar, em consonância com Fernandes, que poderiam ser elencados como uma agência de “missões pela fé”, pois apresentam suas necessidades financeiras, e o apelo para a contribuição fica subjetivo. Muitas vezes a contribuição é efetivada pela aquisição de algum produto, que eles mesmos produzem, tais como camisetas, CD, doces, dentre outros.

O projeto de ensino em andamento na Escola visa contribuir para o desenvolvimento da autonomia dos alunos enquanto líderes e futuros obreiros, busca de uma visão crítica do entorno social através de uma vivência pautada por ações solidárias, e construção da sua própria identidade *underground* ou alternativa.

Instituições de ensino podem se tornar em instituições de poder e não de amor, de opressão e não de libertação. Instituições de poder tendem a transformar o humano em ‘coisa’. Esse transformar o ser humano em ‘coisa’ corresponde a um desumanizar o ser humano. Esta é uma ameaça que corre toda e qualquer instituição de ensino. Neste sentido a Escola precisa manter seu foco em busca de ser uma instituição de amor e libertação.

⁵⁰ FERNANDES, Rubem César. As missões protestantes em números. **Cadernos do ISER**. n. 10. Rio de Janeiro: Tempo e Presença. s.d. p. 50.

⁵¹ FERNANDES, Rubem César. s.d. p. 50.

⁵² ANEXO 2. Entrevista com os fundadores.

O cenário contemporâneo político-social, com perspectivas de futuro instável - basta observar a atual crise econômica global gerada pela maior economia mundial - remete para a reflexão sobre como estabelecer uma Escola de rosto *underground*, que atue preocupada com o “outro” enquanto pessoa, e como desenvolver ações que fortaleçam os vínculos dos líderes e obreiros com suas tribos de origem.

As vulnerabilidades próprias do contexto de vida e ministérios de rosto *underground* demandam uma reflexão pró ativa, com ênfase em aspectos próprios de espaço e estilo de vida, relacionamentos e atuação ministerial.

É nesse espaço que a Escola busca contribuir com o processo educacional de seu aluno, viabilizando uma vivência contextualizada, para fortalecer uma caminhada que promova transformações sociais e culturais. Será através de ações solidárias, entre colegas, obreiros, missionários e professores, que o aluno tornar-se-á construtor de si mesmo, enquanto sujeito viabilizado por seu projeto ministerial, envolvendo-se com o “outro”. A Escola oferece conteúdos para os alunos e suas vivências, como bem gerado na construção de sua subjetividade.

A grade curricular do Curso Extensivo apresenta os nomes das disciplinas e os assuntos que serão apreciados. Não existe um plano de ensino ou ementa especificando as disciplinas e os docentes. Os docentes são convidados pela capacidade de ministrar determinada disciplina. Existe a preocupação de que os mesmos tenham afinidade com o ministério desenvolvido pela Escola. Não existe restrição quanto à confessionalidade do docente. Em 2008, por exemplo, para dar aulas sobre Espiritismo, foi convidado um professor universitário de orientação espírita, algo inusitado para mim, que ousaria afirmar que nada do gênero ocorreria em uma instituição de ensino mantida por minha confessionalidade.

Todo trabalho desenvolvido na Escola é de caráter voluntário. Missionários, obreiros, voluntários e professores dedicam de seu tempo, investindo seus conhecimentos nas vidas dos jovens que procuram a Escola.

Faz parte do processo educacional a participação dos alunos na execução das tarefas diárias de manutenção da parte física da Escola.

A compreensão dos fundadores é que a Escola é *de Missões*. Voltada para atender a demanda dos ministérios de rosto *underground* no Brasil, que começaram a crescer e em alguns casos tornaram-se igrejas. Não havendo obreiros qualificados para o trabalho, tornou-se necessário criar um centro de ensino. O entendimento ou a compreensão de que seja uma Escola de *missões* caminha sempre na direção do cenário *underground*. Contudo, no entender dos fundadores, como a igreja em geral tem tido maior abertura para atuar neste segmento, a Escola também oferece seus recursos para alunos que não estejam vinculados ao cenário *underground*, mas que desejam ou já atuam junto a este segmento.

A origem confessional dos fundadores da Escola: Caverna de Adulão (Belo Horizonte/MG), Missionária Unida do Brasil (Ji-Paraná/RO) e Evangelho Quadrangular (Belo Horizonte/MG), alavanca a compreensão do tipo de missões que propõe a Escola. Missão como ação prática de proclamar a Palavra de Deus e promover a conversão pessoal, ou aceitação de Jesus com salvador pessoal.

Um aspecto de destaque em relação à prática tradicional de missão situa-se no âmbito das ações desenvolvidas no processo de proclamação da Palavra de Deus que se revelam diaconais. Em sua preocupação com o “outro”, buscam curar suas feridas, amarguras e sonhos frustrados. As portas não se fecham nem mesmo para aqueles que não desejam e não recebem a Palavra de Deus.

Levando em consideração apenas o nome da Escola, poderia ser dito que não há vínculo confessional. Não há uma clara ou explícita identificação “*cristã*” e ou “*evangélica*”, muitas vezes caracterizada em grupos da mesma natureza. Muitos movimentos de rosto *underground* se identificam como *de Cristo*. Numa busca despreziosa pela *internet* é possível encontrar vários movimentos que se identificam como *de Cristo*, por exemplo, *Hippies* de Cristo, *Motociclistas* de Cristo, *Carecas* de Cristo, dentre outros. Também não há uma identificação que possa ser vinculada a uma confessionalidade específica. Em minha opinião a não identificação como cristãos ou evangélicos, por si só, já demonstra em parte, a identidade da Escola. Frente ao questionamento da razão pela qual a Escola não é identificada como cristã, evangélica ou outro indicativo de confessionalidade, os fundadores são unânimes em afirmar que a Escola, bem como eles mesmos, são cristãos. Minha observação pessoal, nas aulas ministradas, nas conversas pessoais e nas respostas dos fundadores ao questionário, é que

se compreendem vinculados à Igreja de Cristo, ainda que isto não esteja claro pela não utilização de indicativos desta vinculação tais como *cristã ou evangélico*.

Também através das ações práticas, do conteúdo da grade curricular e da vivência comunitária é possível afirmar que são *cristãos*. Ainda que não esteja claro na apresentação do nome que a Escola se identifique como *cristã ou evangélica*, estão empenhados em ajudar a Igreja de Cristo a implantar o Reino de Deus junto às tribos urbanas, oferecendo estratégias e ferramentas de evangelização. Um esclarecimento que não aparece claramente nas respostas ao questionário é que qualquer indicativo confessional fecha portas para parcerias com o governo e algumas empresas.

Outro aspecto a destacar é que pretendem ser uma Escola, de missões, *com vínculo urbano*. “A população brasileira é eminentemente urbana. O Brasil chegou ao final do século XX como um país urbano: em 2000 a população urbana ultrapassou 2/3 da população total, e atingiu a marca dos 138 milhões de pessoas.”⁵³

Na Contagem da População 2007 realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com o objetivo de atualizar as estimativas populacionais, do total de 55 milhões de domicílios existentes no país, 84,7% estão em zonas urbanas. Esses domicílios reúnem 83,3% da população brasileira.⁵⁴

Justifica-se a motivação de treinar e capacitar líderes e obreiros para alcançar jovens e adolescentes em ambiente urbano se considerarmos os dados do IBGE que apresentam o Brasil como um país jovem e urbano.

No tocante à população de jovens de 15 a 24 anos de idade, observa-se que as proporções de residentes em áreas urbanas, de modo geral, são superiores às respectivas proporções para os totais masculino e feminino, em 1980, 1991 e 1996. Enquanto que 66,4% dos homens brasileiros residiam em áreas urbanas, em 1980, ao segmento específico de jovens de 15 a 24 anos correspondia uma proporção de 68,3%, destacando-se aqueles jovens com idades entre 20 e 24 anos (70,7%). Em 1996, estas cifras resultaram em 77,1% para o sexo masculino como um todo, 77,3% relativo ao conjunto formado pelos que tinham entre 15 e

⁵³ IBGETEEN. **A população brasileira é eminentemente urbana**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/demograficas.html>>. Acesso em: 07 jan. 2009.

⁵⁴ CONTAGEM DA POPULAÇÃO 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/contagem.pdf>>. Acesso em: 04 ago 2010.

24 anos de idade, e 78,3% para os que estavam na faixa etária dos 20 a 24 anos. No caso feminino, são ainda mais elevadas as proporções de jovens residindo em áreas urbanas, tanto para o contingente de 15 a 24 anos como para o grupo particular das que possuíam 20 a 24 anos de idade.⁵⁵

Ainda que fosse considerada a crítica apresentada por José Eli da Veiga de que o Brasil inequivocamente urbano em 2000 alcançaria o índice de 57% da população⁵⁶, já se justificaria a preocupação e ação educacional proposta pela Escola. Vale observar o que afirmam em sua maioria os especialistas sobre o assunto.

A imensa e rápida urbanização pela qual passou a sociedade brasileira foi certamente uma das principais questões sociais experimentadas pelo país no século XX. Essa transformação, já imensa em números relativos, torna-se ainda mais assombrosa se pensarmos em números absolutos, que revelam também o crescimento populacional do país como um todo: nos 36 anos de 1960 e 1996, a população urbana aumenta de 31 milhões para 137 milhões, ou seja, as cidades recebem 106 milhões de novos moradores no período. A urbanização vertiginosa, coincidindo com o fim de um período de acelerada expansão da economia brasileira, introduziu no território das cidades um novo e dramático significado: mais do que evocar progresso ou desenvolvimento, elas passam a retratar – e reproduzir – de forma paradigmática as injustiças e desigualdades sociais.⁵⁷

O público alvo da Escola são os líderes e obreiros que desejam alcançar a geração

X.

Os sociólogos americanos inventaram esta designação no início dos anos 90 para os jovens que tinham entre 18 e 25 anos. Mas a expressão popularizou-se com a publicação, em 1993, de um livro de um jovem autor canadiano, Douglas Coupland, intitulado precisamente ‘Geração X’.⁵⁸

Para ser exato o título do livro de Douglas Coupland é: “Geração X: contos para uma cultura acelerada”⁵⁹. Um romance que retrata a geração *baby boomers*. Seriam os jovens nascidos entre 1965 e 1981.

⁵⁵ IBGE. **População jovem no Brasil:** a dimensão demográfica. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/comentario1.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2009.

⁵⁶ VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias:** o Brasil é menos urbano do que se calcula. 2. ed., Campinas: Autores Associados, 2003. p. 33.

⁵⁷ BRASIL, CONGRESSO, CÂMARA DOS DEPUTADOS, COMISSÃO DE DESENVOLVIMENTO URBANO E INTERIOR. **Estatuto da cidade:** guia para implementação pelos municípios e cidadãos: [Lei n. 10257, de 10 de julho de 2001, que estabelece diretrizes gerais da política urbana]. Câmara dos Deputados, Comissão de Desenvolvimento Urbano e Interior: Brasília. 2001. p. 25

⁵⁸ CARVALHO, Cláudia Constante. Identidade e intimidade: um percurso histórico dos conceitos psicológicos. *Análise Psicológica*, dez. 1999, vol. 17, n. 4, p. 727-741. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v17n4/v17n4a09.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2009. p. 731.

⁵⁹ COUPLAND, Douglas. **Geração X:** contos para uma cultura acelerada. Reimpressão. Lisboa: Teorema, 2009.

A afirmação na Declaração de Missão da Escola de que o propósito da mesma é alcançar a geração X cria uma limitação em seu alcance, visto que os sociólogos já apontam como emergentes as gerações Y e Z.

A geração Y abarca os nascidos entre 1977 e 1997.⁶⁰ São designados também como Geração *Millennium* ou *Net*. Já a geração Z, que nasceu tendo contato com todo tipo de equipamento eletrônico, está situada na faixa dos que nasceram entre 1995 em diante. A designação Z vem de *zapear*. Está em constante migração ao utilizar todo tipo de aparelho eletrônico e é consumista dos mesmos.⁶¹

Através da observação do cotidiano da Escola, nas entrevistas com os fundadores e nas interações com os alunos, ficou muito claro que as ações missionárias da Escola ocorrem de maneira mais específica e particular junto às tribos urbanas de rosto *underground*. Sendo assim, a Declaração de Missão, não esclarece neste ponto, de maneira inequívoca, o público alvo; ou no mínimo há um equívoco. Contudo reafirmo minha perspectiva que de maneira prática a Escola atinge diversas “tribos urbanas” de rosto *underground*.

A geração jovem, vinculada às culturas urbanas, é comumente designada de “tribos urbanas”. O termo “tribo urbana” foi criado pelo sociólogo francês Michel Maffesoli. Segundo Maffesoli, são “diversas redes, grupos de afinidade e interesse, laços de vizinhança que estruturam nossas megalópoles.”⁶² É fundamental destacar que o termo é também polêmico. “O termo tribo urbana suscita muitas polêmicas entre os cientistas sociais, embora seja largamente usado pelos meios de comunicação social para designar a emergência de microgrupos, principalmente juvenis, nas metrópoles.”⁶³

Considerando os dados de densidade demográfica brasileira, não restam dúvidas que a população urbana é um fator desafiador para toda a sociedade. Dom Dadeus Grings

⁶⁰ LOIOLA, Rita. Geração Y. **Galileu**. São Paulo, Globo, 219, out. 2009. <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87165-7943-219,00-GERACAO+Y.html>>. Acesso em: 04 mar. 2010.

⁶¹ A geração Z. **Veja**. Edição especial. Setembro. 2001. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/jovens/apresentacao.html>>. Acesso em: 04 mar. 2010.

⁶² MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987. p. 08.

⁶³ PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva. **Tribos urbanas**: produção artística e identidades. (Coords.) São Paulo: Annablume, 2004. p. 216.

apresenta o ser humano em ambiente urbano caracterizado pela esquizofrenia. “A esquizofrenia de comportamento se revela dramaticamente no anonimato. Os homens não são tratados como pessoas, em sua totalidade, mas artificialmente, pelas funções que os caracterizam naquele momento.”⁶⁴ Grande parte da população urbana vai ser marginalizada em alguma medida. “Sendo a cidade um produto da ação humana, os males de que sofre devem ser imputados a esta mesma ação. Portanto, é novamente o homem que deve resolver os problemas que ele criou.”⁶⁵

A solução proposta por Dadeus Grings é a evangelização das pessoas que residem nas cidades. “O Evangelho de Cristo tem algo a dizer para a nossa cidade.”⁶⁶

Deve ser destacado que há um indicador cultural no nome da Escola: *underground*. Cultural em função de que os materiais impressos provenientes do movimento contracultural eram na década de 1960 e são, ainda em grande parte, veiculados basicamente pela imprensa *underground*, hoje no ambiente virtual da Internet. “No que tange a [*sic*] matéria impressa, as fontes mais adequadas são os jornais *underground*, inumeráveis e muitas vezes efêmeros.”⁶⁷ A contracultura e o *underground* estão intimamente ligados e, por vezes, se mesclam e se confundem.

Injustiças e desigualdades repercutem em todas as tribos urbanas, inclusive nas de rosto *underground*. De forma geral, estes jovens eram e ainda são marginalizados e discriminados em função do vestuário, corte de cabelo, uso de tatuagens, gosto por músicas como rock, heavy metal, hard core, etc, consideradas barulhentas por muitas pessoas.

“Hoje se fala, de modo cada vez mais insistente, da evangelização da cultura.”⁶⁸

Essas ferramentas inclusivas podem ser descritas assim:

O pressuposto de fundo é que os sujeitos que buscam soluções religiosoculturais para problemas ou déficits que sua própria identificação e pertença religiosas e culturais não tinham resolvido, aparecem propriamente como

⁶⁴ GRINGS, Dadeus. **A evangelização da cidade: o apostolado urbano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 48.

⁶⁵ GRINGS, Dadeus. 2004. p. 57.

⁶⁶ GRINGS, Dadeus. 2004. p. 58.

⁶⁷ ROSZAK, Theodore. 1972. p. 290. Deveria vir com crase: “No que tange à [...]”

⁶⁸ GRINGS, Dadeus. 2004. p. 51.

‘sujeitos danificados’ que a comunidade ajuda a ‘pôr-se de pé’. Para tanto a reconstituição do sentido da vida não é simplesmente uma questão ‘afetiva’, na qual a linguagem e as emoções se orientam para a reconstituição dos vínculos e das solidariedades básicas perdidas. Em outras palavras, a solução para o problema do sentido da vida estaria dada principalmente pelos vínculos comunitários, afetivos, curativos e potencialidades da ação coletiva.⁶⁹

A Escola pretende preparar líderes para realizar a tarefa de alcançar os vinculados às tribos urbanas de rosto *underground* com o objetivo de lhes conferir um sentido de vida transformador, que pode se manifestar no “pôr-se de pé” e na “reconstituição dos vínculos e das solidariedades básicas perdidas”.

É extremamente importante acrescentar que na visão dos fundadores a Escola não se identifica como uma ou outra igreja, e não pretende se tornar uma igreja. De fato não realizam atividades características de uma igreja, nem mesmo uma igreja alternativa. Nos finais de semana os alunos, obreiros e missionários desenvolvem atividades em parceria com uma ou mais igrejas locais de diferentes confissões, uma ONG, uma instituição ainda que não confessional, ou participam das atividades de uma igreja de sua escolha pessoal. Assim, na visão dos fundadores, a Escola busca estabelecer uma relação dialogal com a igreja confessional ou institucional e não uma competição no espaço eclesial.

1.4 Proposta diaconal da Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground*

Pela prática da Escola poderia ser dito que estão buscando uma sintonia com o ministério diaconal. Percebe-se esta sintonia na ênfase de desenvolvimento de seu projeto acadêmico voltado para alguns elementos bem próximos dos ensinamentos de Jesus. Vivem em comunidade. No mesmo espaço físico estudam, comem e dormem. Há um espírito de hospitalidade, solidariedade. Inclusive esta palavra solidariedade é muito falada e ouvida no meio deles.

Em 2008 receberam o **Oswaldo**.⁷⁰ Com idade na casa dos 30 e natural do Rio de Janeiro, frequentou uma igreja evangélica desde novo. Nessa igreja conheceu a moça com

⁶⁹ PALMA MANRÍQUEZ, Samuel. O novo rosto da Igreja na região andina e na América Latina. In: CASCO, Miguel Angel; CABEZAS, Roger, PALMA MANRÍQUEZ, Samuel. **Pentecostais, libertação e ecumenismo**. S.l.: CECA/CEBI, 1996. p. 46.

⁷⁰ **Oswaldo** é um nome fictício. Tive oportunidade de aconselhá-lo na condição de residente da Escola.

quem se casou. Evoluiu financeiramente. Perdeu todo o patrimônio com jogo e mulheres. Enganava a esposa, família e a igreja. A esposa implorou para que ele se afastasse dela e dos filhos com medo de um despecho drástico em função das dívidas e dos cobradores.

Foi para Belo Horizonte para ser acolhido por parentes. Arranjou emprego. Voltou para as drogas. Começou a roubar o patrão. Foi despedido. Conheceu pessoas da Caverna de Adulão e lhes pediu ajuda. A Caverna é uma igreja que trabalha com tribos urbanas de rosto *underground*. Fica localizada em Belo Horizonte. Um dos pastores, o Geraldo Luiz da Silva, que conhece a Escola desde sua fundação, inclusive como membro apoiador, enviou o rapaz para Vitória como último recurso.

Passados oito meses, ele começou a reestruturar a vida. Voltou ao Rio de Janeiro. Procurou a esposa e credores. Reorganizou a vida, e reside com a família em Vitória. Atua junto a um projeto de recuperação de drogadictos.

Para os fundadores da Escola as mudanças na vida das pessoas só vão acontecer a partir de Jesus. “A salvação deve ter frutos em nossa vida; a salvação deve apresentar resultados em nossa vida; a salvação que não modifica a vida não é salvação”.⁷¹ Mas, para isso ocorrer, Jesus precisa ser visto em ação. A Escola, através de sua ação diaconal, vai representar o próprio Jesus.

Oswaldo não era um aluno, nem mesmo em potencial. Não tinha como pagar as despesas. Era um risco que podia trazer dificuldades para os alunos e obreiros. A Escola correu todos os riscos necessários para oferecer a esperança.

Muito pode ser contado. Durante o ano são realizadas atividades com o propósito de servir e levar as pessoas ao conhecimento de Jesus.

O lual GLS é uma atividade desenvolvida em parceria com o Ministério Luz na Noite. A abreviatura GLS é usada para dialogar com a tribo urbana dos Gays, Lésbicas e Simpatizantes. A sigla GLS significa para a Escola: Graça, Luz e Salvação. O lual é realizado na praia, perto de um local onde muitas pessoas estão expondo e vendendo seus

⁷¹ BORNSCHEIN, Fred. 2005. **Visão bíblica da diaconia**. Curitiba: Grafiven. 2005. p. 21. Disponível em: <http://www.renas.org.br/arquivos/File/Livros/livro_diaconia.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2008.

corpos. Com os convites feitos, alguns aparecem. Vínculos são criados. Alunos, obreiros, voluntários e missionários orientam os que desejam, quanto a doenças sexualmente transmissíveis, riscos quanto à segurança pessoal e apoio emocional, com pessoas formadas em aconselhamento cristão, como a Andréa Vargas, missionária e fundadora da Escola.

Outro exemplo de ação diaconal promovida pela Escola ocorreu no ano de 2007. Um travesti foi assassinado por um policial militar. A mídia ofertou ampla cobertura jornalística sobre o fato.⁷² Na verdade, a tragédia foi dupla, porque além de matar o travesti, o policial suicidou-se.

Percebe-se em meio às organizações de defesa destas minorias muito preconceito contra os travestis. Um grupo de travestis organizou uma manifestação com a participação das mães de outros travestis, que foram assassinados ou que sofreram algum tipo de agressão física em outras ocasiões. Nós, da Igreja Institucional temos dificuldade em responder proativamente a estes desafios.

A Escola se fez presente na manifestação. Alunos, obreiros e missionários fizeram um “dar as mãos” àquelas mães e a uns poucos travestis que tiveram coragem de participar da manifestação. Através deste ato a Escola criou vínculos com aquelas pessoas. Ofereceu o ombro. Aceitou o desafio de Jesus: “Jesus voltou-se e disse-lhes: Filhas de Jerusalém, não chorem por mim; chorem por vocês mesmas e por seus filhos!” (Lc. 23.28)⁷³ A Escola uniu-se às filhas de Vitória para chorar com elas e por seus filhos.

“Para muitos, a diaconia é mais fácil feita do que falada. Quem é engajado na obra diaconal é movido por convicções imediatas e motivos pessoais profundos”.⁷⁴ A Escola, ainda que não tenha em seu currículo a disciplina Diaconia, está engajada em uma ação diaconal, fruto das convicções e motivos pessoais dos seus fundadores.

As tribos urbanas de rosto *underground* estão inseridas na herança cultural produzida pela secularização. Fugir à herança cultural das tribos urbanas de rosto

⁷² **GVCRIME.ORG**. Disponível em: <<http://2007.gvcrime.org/crimes/868>>. Acesso em: 30 dez. 2007.

⁷³ BÍBLIA SAGRADA: nova versão internacional. 2000.

⁷⁴ BEULKE, Gisela. 1997. p. 9.

underground não é um caminho adequado ou desejável. Esta herança deve ser, não única e exclusivamente recebida de maneira passiva, ou por outro lado, rejeitada e até mesmo destituída de seu valor, mas precisa ser interpretada e reinterpretada, lida e relida, o que tornará possível inseri-la por completo em um projeto cheio de significados.

Vinculada ao esvaziamento de Deus ocorrido em Cristo, a Escola promove o anúncio de Deus como um acontecer salvífico de promoção da comunhão, que através da encarnação de Cristo, Diácono por excelência, abraça o processo histórico e a herança cultural da humanidade.

A Escola vê-se comprometida com a herança cultural das tribos urbanas de rosto *underground*, no seguimento das propostas diaconais de Jesus. Entende que as ferramentas que oferece no processo ensino-aprendizagem aos seus alunos, estão alinhadas ao princípio do amor-solidariedade num acontecer por meio de misericórdia e serviço, noutras palavras, através de ações diaconais.

“A mensagem de Jesus foi percebida pelas primeiras comunidades como irrupção de novidade pascal tanto na vida das pessoas como no campo das relações sociais e políticas.”⁷⁵ No campo das relações econômicas e sociais, onde no dia a dia o escândalo produzido pelo distanciamento entre pobres e ricos se instala e se aprofunda é fundamental protestar. Na esfera das relações políticas, onde as massas urbanas estão submetidas a uma dominação sem precedentes, é vital propor em Jesus uma revolução onde “[...] as relações de opressão dêem lugar a relações de serviço [...]”.⁷⁶

O desafio que se impõe para qualquer ministério que deseja fazer diferença para as tribos urbanas de rosto *underground*, neste caso na área educacional, é ministrar um ensino que atue como voz protestadora e profética. É fundamental caminhar de mãos dadas com o debate político, com as relações econômicas e sociais e com a herança cultural.

⁷⁵ BEOZZO, José Oscar. Evangelho e escravidão na teologia latino-americana. In: RICHARD, Pablo, org. **Raízes da teologia latino-americana**. Paulinas: São Paulo, 1988, p. 83.

⁷⁶ BEOZZO, José Oscar. 1988, p. 84.

A Escola, com as ações do período do curso designado de *prático*, destina uma significativa contribuição para o desenvolvimento de ações de caráter diaconal. As ações diaconais promovem o encontro de realidades antagônicas, de mundos diferentes, de descobertas novas, a promoção da vida, com caráter transformador.

Longe de querer oferecer um cenário que possa ser interpretado como um mar de rosas, ainda que nas rosas haja espinhos, percebe-se nas respostas dos fundadores e por aquilo que vivenciei algumas vezes pela prática educacional junto à Escola, que é possível afirmar que a Escola tem se dedicado, ainda que de forma incipiente, e mais com ações do coração do que através de um estudo acadêmico dos conceitos de diaconia, à promoção de ações diaconais para as tribos urbanas de rosto *underground*.

1.5 Proposta missiológica da Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground*

De início é preciso informar que a Escola não tem uma proposta missiológica elaborada, escrita, como normalmente se encontra em organizações semelhantes. Para apresentar minha aproximação com este ponto, utilizo as respostas dos fundadores ao questionário e minha convivência ministrando as aulas na Escola desde o ano de 2006.

Para a realização de uma ação missiológica entre as tribos urbanas de rosto *underground* é fundamental enfrentar a realidade concreta. É necessário fazer uma leitura dos tempos históricos procurando distinguir na história humana concreta os sinais de “[...] uma verdade radicalmente histórica.”⁷⁷ “O mundo mudou e a mudança foi institucionalizada.”⁷⁸ “Afirma-se que a chamada ‘civilização moderna’ já não é mais viável por causa da incapacidade objetiva de satisfazer às necessidades humanas fundamentais, anunciada por ela em sua gênese revolucionária.”⁷⁹

Se a modernidade produz a opressão, a globalização é produtora e difusora da exclusão. Como afirmou Enrique Dussel: “No presente, pelo processo de globalização do

⁷⁷ VATTIMO, Gianni. **Para além da interpretação**. O significado da hermenêutica para a filosofia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999. p. 19.

⁷⁸ DUQUE, José. 2000. Do passado para o presente: um balanço da teologia da libertação: contexto, contribuições. In: SUSIN, Luiz Carlos (org.). **Sarça ardente**: teologia na América Latina. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 20.

⁷⁹ DUQUE, José. 2000. p. 24.

capitalismo transnacional em sua etapa neoliberal, os excluídos irão crescer em número, e muitos que antes eram somente dominados passarão para essas multidões ‘fora’ do moderno.”⁸⁰

O capitalismo neo-liberal, tornou-se autônomo e gerador de opressão e exclusão sobre as massas urbanas. Nosso mundo, altamente tecnológico e globalizado, continua incapaz de superar as velhas contradições de classe social, gênero, raça, cultura, opção sexual, para citar apenas algumas; um mundo totalmente dominado pela economia e pelo capital, um mundo que não se abre para querer amar a Deus e ao *outro*.

“O processo de globalização do sistema-mundo domina, porém ao mesmo tempo exclui. Reorganiza a vida, mas ao mesmo tempo cria um caos impossível que não se pode superar; [...]”⁸¹ Essa reorganização da vida que cria este “caos impossível” pode ser vista de maneira plena na vida urbana.

Olhando as tribos urbanas de rosto *underground*, observa-se uma massa de oprimidos e excluídos que ao mesmo tempo são oprimidos e opressores. Aos excluídos, dispersos em tribos urbanas, a Escola propõe um modo “fraco” de praticar e pensar a fé, a partir das reais necessidades dos que desejam ministrar, liderar e acompanhar estas tribos. Ao oferecer ferramentas teóricas e práticas para uma ação comunicativa, caminha em direção da inclusão.

A proposta missiológica da Escola pretende criar esse espaço de inclusão, pelos “vínculos comunitários, afetivos, curativos”. A pretensão de validade da proposta missiológica da Escola será verificada e validada se os envolvidos no processo exercitarem compaixão/solidariedade, à luz do espírito de Jesus, do evangelho.

O drama das tribos urbanas de rosto *underground*, que talvez seja o mesmo drama de todo o ser humano que vive em ambiente urbano, pode ser chamado de crise da esperança. Essa crise gera um déficit de compromisso, bem como, de comprometimento com a busca de um exercício da justiça e misericórdia.

⁸⁰ DUSSEL, Enrique, 1995. p. 67-68.

⁸¹ DUSSEL, Enrique. 1995. p 62.

A Escola, em sua proposta missiológica, ao fazer uma re-leitura desta realidade urbana *underground*, propõe uma capacitação para uma geração advinda de dentro das fileiras das tribos urbanas *underground*, com vivência e conhecimento dessa crise de esperança. A alternativa à crise de esperança deve produzir ações que se oponham à cultura do fatalismo.

A Escola, em busca de assistir às tribos urbanas de rosto *underground*, tem como pressuposto uma proposta missiológica entrelaçada com a compaixão/solidariedade. O ‘outro’ é convidado a atuar como agente de transformação. Alunos, obreiros, missionários e voluntários são chamados e incluídos no processo, enquanto compartilham as ferramentas educacionais para uma atuação, por parte dos alunos, equilibrada e saudável.

A igreja institucional, ao compartilhar a fé, fragmenta as tribos urbanas de rosto *underground* por meio de um convite para ‘deixar o mundo’. Esse ‘deixar o mundo’ significa deixar a cultura e logo aculturar-se segundo usos e costumes pré-estabelecidos pela ação estratégica desta mesma igreja institucional que já foi e permanece muitas vezes aculturada. Isso pode provocar o que muitas vezes é percebido no âmbito das igrejas institucionalizadas: afastamento das discussões e dos debates que ocorrem no âmbito público. Não são promovidos debates em torno de temas como o uso de células tronco, a aprovação da lei denominada de homofobia, e outros temas emergentes e urgentes. Se não for possível contribuir com soluções práticas, sensíveis, sensatas, talvez o melhor seja não oferecer aquelas soluções enlatadas e ou importadas. Talvez possa ser dito que este cristianismo participativo seja um cristianismo “fraco”.

Um cristianismo enfraquecido, centrado não mais na figura do Pai Todo-Poderoso, mas na própria figura do filho, o Deus encarnado, tornado humano, mortal, ser-para-a-morte (*Zum-Tode-sein*), lançado no mundo (*in der-Welt-sein*) para realizar um projeto, como todos nós, e, portanto, um Deus já enfraquecido e mutilado de seu aspecto metafísico, um Deus que, em suma, já não é Deus, já não é verdade ontológica [...].⁸²

Sendo o próprio Jesus lançado no mundo pelo Pai, para realizar um projeto, o Reino de Deus, ele mesmo dialoga com o âmbito público, se manifesta na discussão dos assuntos prementes do seu povo, não foge aos desafios impostos por seus interlocutores. Este é um desafio presente para quem deseja realizar uma prática missiológica em

⁸²VILLA, Lucas. Nihilismo Ativo e Direito na Pós-Modernidade. **Revista Persona**. n. 68, 2007. Disponível em: <http://www.revistapersona.com.ar/Persona68/68Villa.htm#_ftn16>. Acesso em: 25 maio 2008.

consonância com um projeto de alcance das tribos urbanas de rosto *underground*. É preciso dialogar com estas tribos, conhecer e saber seus questionamentos, debates, necessidades e desafios.

A proposta misssiológica da Escola busca compromisso com o ‘outro’, ver o ‘outro’ com compaixão/solidariedade. Investir do próprio tempo em debates, manifestações e posicionamentos contra graves males sociais é inevitável.

Creio ser possível afirmar que no Curso Extensivo proposto pela Escola, o tempo dos estudos que é designado de *prático, ou aprendizado prático*, visa de fato realizar ações práticas que envolvem um entrelaçamento com âmbito público. Agora, com as ferramentas propostas, os alunos vão para as ruas colocar em ação o aprendizado teórico.

Incluem-se aqui manifestação contra a exploração sexual infantil, campanha de conscientização sobre DST/AIDS, violência familiar em relação à criança e à mulher, e apoio a homossexuais, travestis e prostitutas.

Para as tribos urbanas de rosto *underground* que não experimentaram um salvador, é necessário que de suas próprias fileiras levantem-se aqueles que propõem ações para salvarem uns aos outros. “Onde não há salvador, é preciso que os homens aprendam a agir e a salvarem-se uns aos outros.”⁸³

A Escola propõe-se a uma busca constante de postura ética que prima pela manifestação de um cristianismo produtor de liberdade, igualdade, tolerância, amor, humildade e respeito.

Uma postura positiva ante a realidade social pode oferecer propostas éticas baseadas na aceitação da diferença e na tolerância, bem como propostas políticas que se manifestariam em um modelo de democracia cada vez mais direta e participativa, tolerante, dialógica e promotora das liberdades individuais e do mútuo respeito.⁸⁴

⁸³VILLA, Lucas. 2007.

⁸⁴ VILLA, Lucas. 2007.

“O neoliberalismo representa uma minoria que consegue dominar as grandes maiorias com o consenso destas últimas.”⁸⁵ Apesar de ser um sistema excludente e gerador da crise de esperança, se mantém como único. “Um sistema tão antipopular como o neoliberalismo se mantém como consenso do próprio povo, convertendo-se assim em sistema hegemônico no plano mundial, que foi denominado acertadamente de ‘pensamento único’”.⁸⁶

Somos todos, de alguma forma, vítimas da expropriação deste “pensamento único”. Nossa autonomia intelectual, moral e religiosa, bem como, nossa identidade e sentido da vida foi orientado por um sistema educacional no sentido de formar a dependência intelectual, moral e religiosa. Nessa formação para dependência, o papel das religiões, das Igrejas, das escolas confessionais, dos seminários, das instituições religiosas foi fundamental. Todos os componentes do sistema estão orientados para realizar aquilo que é a mais grave expropriação das pessoas, comunidades, dos povos: um sequestro em massa das pessoas.⁸⁷

A Escola propõe-se a oferecer um projeto educacional alinhado com uma proposta missiológica que não esteja orientado para realizar tal expropriação das pessoas que vivem nas tribos urbanas de rosto *underground*. A Escola busca um caminho alternativo: promover a capacidade de pensar e definir o sentido da vida e da fé. Oferecer esperança em meio a este cenário neoliberal através de uma proposta missiológica que liberta e inclui o outro no processo de descoberta de si mesmo e em relação a sua motivação de relacionar-se com Deus. Ofertar condições para que essas comunidades de rosto *underground* sejam atendidas por líderes com capacitação para identificar identidades sociais viáveis, alicerçadas no seu pertencimento a uma comunidade de fala e experiência.

⁸⁵ GIRARDI, Giulio. Teologia da Libertação na nova ordem mundial. Crise da esperança e crise da Teologia. In: SUSIN, Luiz Carlos (org.). **Sarça ardente**: teologia na América Latina. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 32.

⁸⁶ GIRARDI, Giulio. 2000. p. 34.

⁸⁷ GIRARDI, Giulio. 2000. p. 35.

2 DIACONIA E MISSÃO: referências teóricas baseadas na *Comunhão de Mesa de Jesus* e na *Missão como Com-paixão*

No decorrer do programa do Mestrado Interinstitucional, promovido pela Escola Superior de Teologia, RS, em parceria com a Faculdade Unida de Vitória, ES, através das abordagens das disciplinas Diaconia e Missiologia, tive a oportunidade de estudar os paradigmas da *Comunhão de Mesa de Jesus* e da *Missão como Com-paixão*, com os teólogos Rodolfo Gaede Neto e Roberto Ervino Zwetsch, respectivamente.

As aulas, as reflexões, e a leitura de obras de teólogos e teólogas que trabalham com a temática, foram fundamentais para desencadear um ponto de partida na minha compreensão destes paradigmas.

Nesse capítulo, pretendo lançar mão de referenciais teóricos destes dois paradigmas, que entendo estão presentes na prática educacional da Escola, objeto de estudo da pesquisa.

Porém, inicialmente é preciso conceituar a palavra paradigma. O objetivo dessa reflexão sobre a palavra *paradigma* é criar condições para a análise dos referenciais teóricos baseados na *Comunhão de Mesa de Jesus* e na *Missão como Com-Paixão*.

As palavras surgem em determinados contextos e com alguma frequência passam a ser usadas por outros campos teóricos. Conhecer seu sentido original e seu significado é fundamental para sua utilização.

O significado de determinado conceito tem sua construção na história e esse conhecimento ajuda quando da utilização do mesmo. O conceito da palavra *paradigma*, em sua trajetória histórica, transformou-se e ampliou-se. A palavra *paradigma* tem sido usada em diversas áreas do conhecimento humano, tais como: educação, economia, política, religião e estética.

Pode ser utilizada também para nos referirmos à maneira como percebemos o mundo, em razão de nossas crenças, valores, experiência de vida; um conjunto de pressuposições por meio das quais seria possível compreender as mudanças que ocorrem no mundo.

A palavra latina *paradigma* tem sua origem do grego. Foi utilizada por autores, como Platão, no sentido de *modelo*, referindo-se às idéias ou normas de todas as coisas, e Aristóteles, com o significado de *exemplo*.

Na década de 60, este conceito contribuiu para a discussão sobre a renovação da teoria da ciência. Foi enunciado e inserido na literatura científica pelo físico e historiador da ciência Thomas Samuel Kuhn no livro *A Estrutura das Revoluções Científicas* publicado em 1962. Kuhn critica a visão de processo cumulativo de conhecimento e apresenta uma nova forma de ver a evolução e o progresso da ciência. Para ele o progresso da ciência decorre das rupturas radicais com o modelo teórico vigente.⁸⁸

Em sua trajetória, o conceito de *paradigma*, não distanciou-se totalmente dos significados utilizados por Platão e Aristóteles, mas foi sofrendo enorme ampliação.

Hans Küng foi um dos primeiros teólogos a utilizar o conceito de paradigma. O Congresso Teológico Ecumênico Internacional, coordenado por Küng, ocorrido em 1983, em Tübingen, Alemanha, sob o tema “*Um novo paradigma em Teologia*”, abriu espaço para o debate e a utilização do conceito de *paradigma* e de seu processo de mudança.

⁸⁸ KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

No Congresso de Tubinga, a questão da utilização do conceito de *paradigma* foi muito debatida. Este foi considerado um conceito interpretativo e explicativo para a compreensão da mudança na teologia. Sua significação e utilização no campo teológico gerou controvérsia, mas houve consenso sobre o conceito. “A grande vantagem desse termo é que une a sua amplitude e elasticidade uma notável precisão e concretude [...]”⁸⁹

Porém, questionaram-se sua ampliação e utilização, para representar qualquer teoria, em razão de se desgastar a palavra: “Não é qualquer teoria, método, hermenêutica ou teologia que podem ser considerados paradigma!”⁹⁰

Hans Küng prefere tomar o conceito no seu sentido mais aberto, a partir de sua concordância com a categoria de Kuhn.

Assumo a terminologia de Kuhn com certas reservas, sem insistir demais nos conceitos de ‘paradigma’ ou ‘revolução’. O termo ‘paradigma’, cujo sentido original era simplesmente ‘exemplo’, ‘protótipo’ ou ‘modelo’, para ulteriores experimentos, tornou-se, de fato, um tanto equívoco. [...] Trata-se, portanto, de paradigma em sentido amplo, tal como Kuhn o define [...].⁹¹

Acolhi os referenciais teóricos dos *paradigmas* da *Comunhão de Mesa de Jesus* e da *Missão como Com-Paixão*, como expressões singulares e ímpares, que apresentam Deus agindo de forma compassiva, solidária para com a humanidade, convocando a igreja a participar de sua *missio Dei*, através da prestação de um serviço que é motivado pelo próprio Deus em seu agir.

Apreendi os referenciais teóricos dos paradigmas da *Comunhão de Mesa de Jesus* e da *Missão como Com-Paixão* num espectro mais amplo, não simplesmente de exemplo ou modelo, mas de vivência prática, norteadora da existência, condutora de uma prática de fato preocupada com o outro, disposta a caminhar com o outro, em outras palavras, prática de solidariedade.

⁸⁹ KÜNG, Hans. **Teologia a caminho**: fundamentação para o diálogo ecumênico. São Paulo: Paulinas. 1999. p. 202.

⁹⁰ KÜNG, Hans. 1999. p. 202.

⁹¹ KÜNG, Hans. 1999. p. 159.

É de fato surpreendente que toda a minha jornada de leituras e pesquisa, na compreensão destes paradigmas me levou sempre ao mesmo conceito: solidariedade. Vejo solidariedade presente na comunhão de mesa de Jesus. Vejo solidariedade presente na com-paixão de Jesus no desempenho de sua missão.

Sendo assim, ao discorrer sobre os referenciais teóricos da *Comunhão de Mesa de Jesus* e da *Missão como Com-Paixão* tentarei aproximá-los do conceito de solidariedade, que a meu ver, descreve de maneira bastante clara o próprio Jesus.

2.1 Referências teóricas para análise da *Comunhão de Mesa de Jesus*

As palavras diácono e diaconato são muito comuns no ambiente das igrejas cristãs brasileiras. De forma quase geral referem-se a uma classe de oficiais ordenados. Contudo, é preciso perceber que seu significado está para além desse conceito mais popular e corriqueiro.

A palavra evidentemente tem a ver com serviço prestado a quem precisa. Desde o início de sua trajetória, a igreja cristã tem sido caracterizada pela ação diaconal. Os antigos teólogos denominavam a ação de serviço prestada pela igreja de ‘ministério de misericórdia’.⁹²

Tomando a afirmação de Marcos 10.45: “Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”, podemos afirmar que Jesus é o arquétipo de serviço por excelência. Mas, é preciso registrar, que o Cristianismo vem ao longo dos anos interpretando sua diaconia ou ação diaconal de maneira equivocada relegando à mesma um papel secundário.

A comunidade evangélica em geral tem tido dificuldade e um pouco de antipatia para com a dimensão de serviço na dinâmica da igreja. Por que? Uma razão é por compreender equivocadamente sua teologia. A doutrina protestante clássica da justificação pela fé, a espinha dorsal no pensamento teológico de Martinho Lutero, tem sido praticada por alguns evangélicos no Brasil de modo não inteiramente fiel ao espírito do ensinamento bíblico.⁹³

⁹² CALDAS, Carlos. **Fundamentos da teologia da igreja**. São Paulo: Mundo Cristão, 2007. p. 53.

⁹³ CALDAS, Carlos. 2007. p. 54.

Caldas destaca que o medo de confusão com o espiritismo kardecista ou com o catolicismo romano que enfatizam a prática das boas obras, tem tornando muitos evangélicos “[...] avessos a um envolvimento mais intenso com a manifestação de serviço aos mais carentes”.⁹⁴ Isso ocorre porque a proclamação do Evangelho foi associada a uma atividade de cunho espiritual, enquanto a diaconia foi associada a uma atividade de cunho assistencial.⁹⁵

A definição da diaconia como uma atividade de cunho assistencial se dá porque “[...] ainda há um forte ranço platônico em muitas igrejas evangélicas brasileiras, o qual se manifesta na conhecida dicotomia entre ‘espiritual’ e ‘material’: o que vale é ‘cuidar da alma’, pois os assuntos ‘espirituais’ são superiores aos ‘materiais’”.⁹⁶

Ao associar a ação diaconal a um plano meramente assistencialista, criou-se um vácuo e um reducionismo para a atuação diaconal.

Um resultado prático dessa visão é encontrado em igrejas que limitam sua ação diaconal ao mínimo, como aviar receitas médicas ou fornecer cestas básicas para algumas famílias carentes do seu rol de membros. Outros até atuam diaconalmente com um pouco mais de ênfase, mas vinculam a ajuda prestada à frequência às atividades da igreja.⁹⁷

Outro equívoco tem sido tomado na direção de oferecer serviços especializados que se tornarão numa espécie de “terceirização da caridade”.⁹⁸ “Sendo desta forma, no espírito neoliberal, individualizam-se os problemas e as soluções.”⁹⁹

É bem provável que os equívocos de interpretação do que seja a ação diaconal promovam obstáculos para uma ação diaconal pautada na ótica, ensinamentos e exemplo deixados por Jesus.

Em um país como o Brasil, tão marcado por gritantes injustiças e severas distorções no campo social, não faltam oportunidades para manifestar de

⁹⁴ CALDAS, Carlos. 2007. p. 54.

⁹⁵ GAEDE NETO, Rodolfo. **A Diaconia de Jesus: uma contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina.** São Leopoldo: Sinodal. 2001. p. 9.

⁹⁶ CALDAS, Carlos. 2007. p. 54.

⁹⁷ CALDAS, Carlos. 2007. p. 55.

⁹⁸ GAEDE NETO, Rodolfo. 2001. p. 9.

⁹⁹ ROCHA, Nelson Célio de Mesquita. **A semântica e a natureza da diaconia.** Aula n. 1, p. 2. Seminário Teológico Presbiteriano Ashbel Green. Disponível em: <http://www.seminariosimonton.com/textos/3-diaconia_fundamentos-teologicos.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2008.

maneira concreta o amor de Cristo aos necessitados. [...] Existe também uma lacuna na produção acadêmica teológica de uma reflexão sobre o serviço diaconal. [...] Isso indica o seguinte: no que diz respeito à dimensão da diaconia na dinâmica da igreja, ainda há muito a ser feito, tanto na reflexão teológica crítica, à luz das Escrituras, como na prática.¹⁰⁰

Esses equívocos acerca do que a Bíblia ensina sobre diaconia fortalecem

a necessidade de se aceitar e compreender que a ‘diaconia’ emerge como disciplina teológica, buscando seu espaço, sua fundamentação teológica e sua conceituação. A ‘diaconia’ se apresenta com seu caráter interdisciplinar, como espaço de uma ciência teológica, imprescindível para a busca da fundamentação teológica e da conceituação contextualizada.¹⁰¹

Entender o significado de diaconia consoante o ensino do Novo Testamento é fundamental. O Novo Testamento apresenta a palavra diaconia como verbo e substantivo.

Em Marcos 10.45 encontramos a síntese para o significado de diaconia como verbo. “Pois nem mesmo o Filho do homem veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.” O servir encontra significado na pessoa e obra de Jesus. Serviu de maneira completa e total, sem reservas e sem buscar seus próprios interesses.

O serviço de Jesus aos homens e aos seus discípulos foi uma demonstração do amor de Deus e uma demonstração daquilo que é a essência da verdadeira humanidade como Deus a quer. [...] Portanto ‘servir’ é o amor em ação. ‘Servir’ é ver as necessidades e dar de sua vida, de seu tempo, de seus bens, para suprir a estas necessidades.¹⁰²

Como substantivo a palavra diaconia se refere à tarefa exercida por um diácono, transmitindo a noção da comunhão à mesa com o seu serviço típico. Diácono significa *criado*. Aquele que desempenha o trabalho do *servo*. Servo em relação ao serviço como seu trabalho. “Não é possível padronizar a diaconia ou colocá-la em moldes estanques e acabados. Isso porque a diaconia se concretiza ali onde o sofrimento e a miséria tomam forma e corpo.”¹⁰³

Sem querer criar outro equívoco ou outra forma reducionista de entender o que vem a ser diaconia, poder-se-ia afirmar que deve ser o estilo de vida de todo ser humano

¹⁰⁰ CALDAS, Carlos. 2007. p. 55.

¹⁰¹ ROCHA, Nelson Célio de Mesquita. **A semântica e a natureza da diaconia**. Aula n. 1, p. 2. Seminário Teológico Presbiteriano Ashbel Green. Disponível em: <http://www.seminariosimonton.com/textos/3-diaconia_fundamentos-teologicos.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2008.

¹⁰² BORNSCHEIN, Fred. 2005. p. 8-9.

¹⁰³ NORDSTOKKE, Kjell (Org.). **Diaconia: fé em ação**. São Leopoldo: Sinodal, 1995. p. 28.

que recebeu a Cristo e no seguimento ou imitação do padrão de vida d'Ele, serve aos seus semelhantes.

O próprio Jesus Cristo, na sua prática histórica como o Diácono maior (Mt 4.23 ss; Lc 4.18 ss), nos revela que a diaconia acontece a partir das exigências de situações, contextos e pessoas. Com esta perspectiva, destacamos que a diaconia vivida por Jesus pode ser também a nossa, quando se constitui na prática e na concretização da fé, do amor e no serviço comunitário.¹⁰⁴

Eis a chave para a diaconia: fé em ação. “Jesus é o diácono por excelência, e modelo para a ação diaconal dos cristãos individualmente ou na coletividade.”¹⁰⁵ Logo, todo ser humano que se encontrou com o “Diácono maior” precisa praticar as boas obras. Em Efésios 2.8-10 fica claro que a salvação vem pela fé e não pelas obras, mas, o texto não pára por aí. Ele afirma também e com todas as letras que esta salvação pela fé provoca o desejo de uma vida frutífera, e que estes frutos são as obras nas vidas dos salvos.

Em todas as sociedades e grupos existem valores. Esses valores têm uma função muito importante, pois fundamentam a compreensão do que é certo, bom e importante a fazer. Assim é também para os cristãos: amor, serviço, ajuda solidária e esperança são alguns valores que marcam o nosso entendimento do que é vida cristã.¹⁰⁶

A diaconia é a resposta cristã ao Diácono maior, Jesus, que fez sua diaconia por amor e que serviu dando sua vida na cruz para promover a salvação. A diaconia deve ser o estilo de vida do cristão. No reconhecimento de ser servido pelo Senhor, serve às pessoas, realizando as obras que Deus preparou como sendo responsabilidade pessoal.¹⁰⁷

Como pessoas pertencentes à sociedade, ninguém pode viver isolado de outros. Fazemos parte de muitas redes sociais, desde a infância e a vizinhança até realidades mais amplas, como a sociedade brasileira. Cremos que Deus nos criou como cidadãos participantes e co-responsáveis pelo bem de todos. A fé cristã não rejeita a sociedade como um espaço marcado pelo pecado; ao contrário, vê nela uma oportunidade para formar relações boas e justas entre as pessoas.¹⁰⁸

Quando se olha para Jesus e seu ministério terreno, percebe-se que ele se via como um cidadão participante e co-responsável pelo bem de todos. Não estava a falar de um Reino de Deus ou um Reino dos Céus que nada tivesse de relevante para a vida

¹⁰⁴ NORDSTOKKE, Kjell (Org.). 1995. p. 28.

¹⁰⁵ CALDAS, Carlos. 2007. p. 54.

¹⁰⁶ NORDSTOKKE, Kjell (Org.). 1995, p. 17.

¹⁰⁷ BORNSCHEIN, Fred. 2005. p. 30.

¹⁰⁸ NORDSTOKKE, Kjell (Org.). 1995. p. 16.

terrena. Muito ao contrário, sua preocupação era com as pessoas vivendo o aqui e o agora delas, em meio a um turbilhão de situações de opressão e sofrimento.

Jesus ia ao encontro, via as pessoas, conhecia sua real situação (Mt 9.35). Ele entendia sua dor e sofrimento e ouvia o que tinham a dizer, a desabafar. Ele andava com as pessoas. Através do diálogo, da reflexão, auxiliava-as no reconhecimento de sua situação (Lc 24.13). [...] Pessoas que o procuravam tornaram-se participantes da própria cura e libertação (Jo 9.1).¹⁰⁹

É notável observar que uma das atividades de maior engajamento de Jesus em seu ministério terreno é a da comunhão de mesa. Na comunhão de mesa, Jesus se dirige em primeiro lugar aos pecadores, sendo caracterizado de “amigo de publicanos e pecadores” (Mt 11:19). Essa atitude de Jesus é motivo de escândalo (Lc 19:1).

A comunhão de mesa de Jesus reúne os que partilham do mesmo pão. Equivale a uma confissão: todos os comungantes têm a mesma comunhão de interesses, a mesma comunhão de vida. Na lógica dos religiosos da época de Jesus, essa comunhão torna Jesus impuro no meio de impuros. Por meio da comunhão de mesa, Jesus chama pecadores para o Reino de Deus. Jesus não impõe condições. É sempre um convite. Com a comunhão oferece o perdão. Na comunhão de mesa com Jesus, há comunidade de pecadores.

O tema da comunhão de mesa de Jesus é recorrente na vivência diária de Jesus. Está presente na sua história relacional. Jesus se faz presente à mesa de pessoas amigas como Lázaro, Marta e Maria (Lc 10:38-42), de pessoas marginalizadas como Zaqueu (Lc 19:1-9) ou as mulheres (Mc 14:3-9), de pessoas da elite religiosa como Simão, o fariseu (Lc 7:36-39), das multidões que o acompanhavam, como na multiplicação dos pães (Jo 6:1-12), num casamento, como o de Caná da Galiléia (Jo 2:1-11), nas diversas refeições com os discípulos que culminam com a Ceia Memorial (Mt 26:26-30, Mc 14:22-26, Lc 22:19-20), e após a ressurreição à beira do mar de Tiberíades (Jo 21:1-13). É extremamente ímpar e singular, Jesus utilizar a figura de um banquete para explicar o Reino por ele sonhado e inaugurado (Lc 14:16-24 e Mt 22:1-14).¹¹⁰

¹⁰⁹ BEULKE, Gisela. 1997. p. 18.

¹¹⁰ GEORG, Sissi. **Diaconia e culto cristão:** unidade essencial e suas conseqüências para a vida das comunidades cristãs. Disponível em: <<http://www.lupaprotestante.com/cetela/texto%202%20-%20diaconia%20e%20liturgia%20-%20sissi%20georg.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

O ato de comer é um ato fundamental para as relações humanas. A comida é uma das principais maneiras de marcar as diferenças existentes entre os diversos grupos sociais. A comunhão de mesa de Jesus tocou princípios elementares de distinção social e religiosa, tornando-se o espaço ideal para fomentar todas as discussões e apresentações do Reino de Deus.

A mesa que Jesus fomentou foi uma mesa aberta, que sacia a fome de pão e a sede de comunhão, uma mesa que promove a igualdade, a reconciliação de povos e religiões, a superação de obstáculos culturais, eclesiais, sociais, políticos [Jesus promove o banquete da vida na multiplicação dos pães], econômicos e religiosos [a mulher sírio-fenícia].¹¹¹

A comunhão de mesa de Jesus diz respeito à sua decisão de compartilhar da e na mesa com os aqueles que estiverem dispostos a compartilhá-la com ele. Compartilhar da e na mesa envolve obrigações mútuas e origina relações de mutualidade e reciprocidade. O ato de compartilhar o mesmo alimento e a mesma mesa significa compartilhar o próprio ser (pensamentos, sentimentos, prazeres, alegrias, emoções).¹¹²

A comunhão de mesa de Jesus é o compartilhar a comida, as relações sociais e os sentimentos. A mesa é espaço de raro privilégio, pois a vida com suas alegrias, projetos e tristezas são partilhados, sendo local da emergência de perspectivas novas. Em Jesus, a comunhão de mesa representa um projeto sócio-religioso diferente do proposto pelas elites e líderes de sua época. “As pregações de Jesus de Nazaré também geraram conflitos, pois divulgavam um ‘judaísmo inclusivo’ e missionário em oposição ao ‘judaísmo exclusivo rabínico’”.¹¹³

Sinais da manifestação do Reino de Deus surgem a partir desta comunhão que enfrenta exclusão, elitização, sectarismo, hierarquização, provenientes de uma sociedade civil e religiosa que não evidencia a presença de Iaveh. A comunhão de mesa proposta por Jesus

era mais do que uma simples estratégia para sustentar a missão. [...] era uma estratégia para reconstruir a comunidade camponesa sobre princípios radicalmente diferentes daqueles ditados pelo sistema de honra e vergonha,

¹¹¹ GEORG, Sissi. **Diaconia e culto cristão**: unidade essencial e suas conseqüências para a vida das comunidades cristãs. Disponível em: <<http://www.lupaprotestante.com/cetela/texto%202%20-%20diaconia%20e%20liturgia%20-%20sissi%20georg.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

¹¹² CROSSAN, John Dominic. **O Jesus histórico**: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo. Rio de Janeiro: Imago, 1994. p. 299.

¹¹³ CROSSAN, John Dominic. 1994. p. 460.

apadrinhamento e clientelismo. Ela estava baseada no ato de compartilhar de forma igualitária o poder espiritual e material, no nível mais popular.¹¹⁴

Jesus opta manifestar o Reino de Deus através de uma comunhão ampla, que inclui o “outro” e é relacional. A mesa é o espaço da partilha da vida, do encontro das soluções para os dilemas da vida, da renovação da esperança. É também o ambiente de alegria, festa, do lúdico e de confronto com as forças do mundo judaico. “Decidir o que, com quem, quando, onde e como comer e beber não é uma decisão tomada no ‘estômago’, não se trata somente de saciar a fome. A decisão tomada traz consigo uma posição de identidade, de pertença; de delimitação social, econômica e religiosa.”¹¹⁵

A mesa de Jesus me lembra essas mesas que podem ser aumentadas de tamanho pelo acréscimo de partes. Cabe qualquer um que desejar sentar-se para compartilhar e para servir. “É este *qualquer um* que anula a função social da mesa, que seria estabelecer uma hierarquia através daquilo que se come, de como se come e de quem compartilha a comida.”¹¹⁶

A mesa é um presente para todos os que nela se encontram. “A mesa passa a ser uma dádiva diante da qual todas as pessoas participantes são hóspedes convidados e convidadas, em condição de igualdade diante dos benefícios oferecidos”.¹¹⁷

A sociedade e a religião perpetuam-se mais pela segregação e discriminação do que pela integração e participação. “Num contexto em que a refeição reflete a estrutura hierárquica e discriminatória da sociedade, a comunhão de mesa aberta significa a subversão desta estrutura.”¹¹⁸ Esta subversão promove “[...] um igualitarismo em que se partilha de bens espirituais e materiais.”¹¹⁹

¹¹⁴ CROSSAN, John Dominic. 1994. p. 381.

¹¹⁵ ORTI, Luiz Vitorio. **Comensalidade e ascese: conflitos de projetos messiânicos a partir de Lc 7, 31-35.** Orientador: Paulo A. de Souza Nogueira. São Bernardo do Campo: UMESP/PPG, 2007. 122 f. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UMESP. Universidade Metodista de São Paulo. 2007. f. 113. Disponível em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=846>. Acesso em: 20 jul. 2009.

¹¹⁶ CROSSAN, John Dominic. 1994. p. 298.

¹¹⁷ GAEDE NETO, Rodolfo. **Diaconia em contexto de diversidade religiosa e cultural: um estudo a partir de comunidades afro-brasileiras e das comunhões de mesa de Jesus.** Orientador: Lothar Carlos Hoch. São Leopoldo: EST/IEPG, 2002. 364 f. Tese (doutorado). Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação em Teologia Prática. 2002. f. 298.

¹¹⁸ GAEDE NETO, Rodolfo. 2002. f. 195.

¹¹⁹ CROSSAN, John Dominic. 1994. p. 378.

Algumas perguntas são bem vindas para nossa reflexão. “O que, com quem, quando e onde Jesus comeria e beberia se estivesse entre nós hoje? Como encaminharia os seus discípulos e qual a missão atribuiria a eles pra que acontecessem os sinais do reino, milagre/mesa, magia/refeição, itinerância/desprovemento?”¹²⁰ Estaria Jesus promovendo sua comunhão de mesa entre as tribos urbanas em seu movimento contracultural?

Através da análise da comunhão de mesa de Jesus, percebo que a prática diaconal de Jesus pode ser classificada de contracultural. Ela nos convida a trabalharmos para uma aproximação com as pessoas, desfazendo barreiras erguidas pela desconfiança e por preconceitos de cor ou classe, bem como pelo distanciamento e isolamento.

A diaconia é contra-cultural. Ela visa desencurvar as pessoas de atentarem tão somente para as suas próprias necessidades, propor o movimento divino de inclinar-se em favor dos outros. Sem dúvida, trata-se de um movimento contracultural, numa sociedade competitiva, desigual, sem misericórdia e justiça.¹²¹

Diaconia é uma atividade que mexe com todos os aspectos da vida de uma pessoa. É preciso doação pessoal, envolvimento, olhar o outro sem reservas, romper barreiras pessoais e emocionais, deixar de olhar para o “próprio umbigo”. Diaconia é oferta de esperança.

A esperança sustenta e direciona a vida. É como o ar que se respira - sem ela não há vida. A esperança está permeada de utopia que impulsiona para frente, que leva a arriscar algo novo. A prática diaconal, movida pela fé no Cristo vivo, anuncia uma utopia que parte do real e depois se concretiza no cotidiano, no real possível. Por isso, é uma utopia integradora, não alienada.¹²²

Diaconia gera solidariedade. Estar ao lado. Agir em favor do “outro”. Sentir a dor do “outro”. Ajudar, na medida do possível, a carregar a dor do “outro”. “Afinal, a solidariedade é algo a ser aprendido. Inclinar-se em favor de si mesmo é humano. Inclinar-se em favor dos outros, é divino.”¹²³

¹²⁰ ORTI, Luiz Vítório. 2007. f. 117.

¹²¹ RIEFF, Sissi Georg. 2003. **Diaconia e culto cristão**: o resgate de uma unidade e suas conseqüências para a vida das comunidades cristãs. Orientador: Nelson Kirst. São Leopoldo: EST/IEPG, 2003. 368 f. Tese (doutorado). Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação em Teologia Prática. 2003. f. 331.

¹²² BEULKE, Gisela. 1997. p. 19.

¹²³ GEORG, Sissi. **Diaconia e culto cristão**: unidade essencial e suas conseqüências para a vida das comunidades cristãs. Disponível em: <<http://www.lupaprotestante.com/cetela/texto%20%20-%20diaconia%20e%20liturgia%20-%20sissi%20georg.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

Solidariedade poderia ser designada como o amor descrito pela Bíblia. “O fio condutor que liga todos os relatos e profecias da Bíblia é a ‘linha do Amor-Deus’.”¹²⁴ Contudo, “como a palavra *amor* está muito inflacionada em nosso tempo”¹²⁵ poderíamos lançar mão do conceito de solidariedade em substituição à palavra amor. “Amor, portanto, significa uma solidariedade vivida em situações conflitivas [...]”¹²⁶

A prática diaconal de Jesus, demonstrada na comunhão de sua mesa, enfrenta essas situações conflitivas, respondendo às mesmas da única forma que demonstraria toda a solidariedade de Deus e Jesus pela humanidade. “Jesus é morto, não por ser uma vítima perfeita, como sempre se entendeu, mas por ser portador de uma mensagem por demais radicalmente contrária às convicções profundas [...] de todas as religiões ‘naturais’.”¹²⁷

O paradigma da *Comunhão de Mesa de Jesus* aponta para a solidariedade e atende ao apelo por um cristianismo que seja evento, porque “a fé precisa ser vivida e testemunhada para fora, na vida social”.¹²⁸

Um cristianismo encarnacional, marcado pela solidariedade, pode ser a resposta para alcançar a geração pós-moderna, nas mais diversas tribos urbanas, inclusive as de rosto *underground*.

O relacionamento de Jesus com as pessoas, bem como todas as suas ações missionárias gravitaram em torno de atitudes de solidariedade. “Solidariedade não é trazer soluções de fora. É estar com as pessoas, acompanhá-las em suas lutas e dificuldades. Somente assim estaremos prontos para responder com práticas missionárias autênticas.”¹²⁹

¹²⁴ GORGULHO, Maria Laura. Lendo a Bíblia na dinâmica de João: “O amor de Deus pelos homens”. *Estudos Bíblicos*, 33, 1992. p. 44.

¹²⁵ MULLER, Ênio. Um balanço da Teologia da Libertação como *intellectus amoris*. In: SUSIN, Luiz Carlos (org.). *Sarça ardente: teologia na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 43.

¹²⁶ MÍGUEZ BONINO, José. Love and social transformation in liberation theology. IN: ELLIS, Marc; MADURO, Otto (orgs.) *The future of liberation theology: essays in honor of Gustavo Gutiérrez*. Maryknoll: Orbis, 1989. p. 125. *Love, therefore, means a solidarity lived in the conflictive situations [...]*. (tradução própria).

¹²⁷ VATTIMO, Gianni. 1999. p. 78.

¹²⁸ NORDSTOKKE, Kjell (Org.). 1995, p. 26.

¹²⁹ GEORGE, Sherron Kay. *Participantes da graça: parceria na missão de Deus*. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2006. p. 63.

A comunhão de mesa de Jesus é movida por uma atitude radical de crítica que vê a marginalidade, isto é, as pessoas que estão vivendo à margem da sociedade, como algo que deve ser levado a sério e que não deve ser aceita como algo normal ou natural.

A solidariedade promovida pela comunhão de mesa de Jesus nos conclama a uma atitude de altruísmo e responsabilidade social, que nos move a nos preocuparmos com os outros e nos mobilizarmos por causas de interesse social e comunitário, estabelecendo laços de amor e confiança mútuos. Ações, em favor do próximo que provém das tribos urbanas, de rosto *underground*, demonstram nossa solidariedade, aprendida e apreendida a partir do Jesus de Nazaré. Essa solidariedade pode visualizar condições de abertura dialogal pela comunhão da existência. “O sentimento de solidariedade precisa ser inserido na evolução bio-psíquica, precisa fazer parte do ideal do ego.”¹³⁰

2.2 Referências teóricas para análise da *Missão como Com-paixão*

Apresento nestas considerações uma síntese do que significa missão e seus fundamentos, com o objetivo de percorrer algumas referências teóricas sobre o paradigma da *Missão como Com-paixão*.

De início, é preciso distinguir “missão” de “missões”. David Bosch, de maneira muito objetiva define estes dois conceitos. O conceito “missão”, no singular, indica a “*missio Dei*” (missão de Deus). “*Missio Dei* anuncia a boa nova de que Deus é um Deus-para as/pelas-pessoas.”¹³¹ Esse Deus, que opta por fazer morada com os homens através de seu Filho, desempenha uma missão que envolve tanto o mundo como a igreja. “A *missio Dei* é a atividade de Deus, a qual abarca tanto a igreja quanto o mundo [...]”¹³²

¹³⁰ ZWETSCH, Roberto E. **Missão como com-paixão**: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 384.

¹³¹ BOSCH, David J. **Missão transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 28.

¹³² BOSCH, David J. 2002. p. 469.

“Missões, no plural, constitui-se um derivativo”¹³³ e indica “os empreendimentos missionários da igreja [...] formas particulares, relacionadas com tempos, lugares ou necessidades específicos, de participação na *missio Dei*”.¹³⁴

Timóteo Carriker discorda do uso dos conceitos “missão” e “missões”.

Creio que o uso da terminologia de ‘missões’ e de ‘missão’, além de muito controverso e variado, é desnecessário e mais difícil de sustentar biblicamente. É difícil porque não há uma única palavra ou frase bíblica que ‘missões’ ou ‘missão’ traduz. É desnecessário por que a maneira como o termo ‘evangelismo’ é usado no Novo Testamento já abrange tudo que se quer dizer por ‘missões’ e ‘missão’.¹³⁵

Discordâncias à parte, o fato é que para a fé cristã, o fundamento da missão tem seu ponto de partida a Bíblia, entendida como Palavra de Deus. Em relação ao Antigo Testamento, existem posicionamentos diferentes quanto à atividade missionária do povo de Israel. Por um lado, há os que afirmam que, ainda que a história de Israel e suas Escrituras revelem um movimento centrípeto, para dentro de si mesmo, Israel, como povo eleito de Deus, demonstrou sinais de solidariedade missionária com outras nações. Porém, a própria afirmação de que Israel é o povo escolhido por Deus cria obstáculos para o tema da missão, vista como *missio Dei*. Sendo Israel o povo escolhido por Deus, seria difícil, e até mesmo contraditório, desenvolver uma teologia da missão em favor dos “não escolhidos”. Não raramente, a eleição de Israel representa um conflito para *missio Dei*.

Bosch afirma: “No Antigo Testamento não há indicação de que os crentes da antiga aliança seriam enviados por Deus para cruzar fronteiras geográficas, religiosas e sociais a fim de conquistar outras pessoas para a fé em Javé.”¹³⁶ Concordando com Bosch, Roberto Zwetsch, lança mão de sete teses desenvolvidas por Nelson Kilpp, que reforçam a ideia da ausência explícita de uma ação missionária por parte do povo de Israel.¹³⁷

¹³³ BOSCH, David J. 2002. p. 468.

¹³⁴ BOSCH, David J. 2002. p. 28.

¹³⁵ CARRIKER, C. Timóteo. **Proclamando boas novas!:** bases sólidas para o evangelismo. Brasília, DF: Palavra, 2008. p. 10.

¹³⁶ BOSCH, David J. 2002. p. 35.

¹³⁷ ZWETSCH, Roberto E. Missão: testemunho do evangelho no horizonte do reino de Deus. IN: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Cristoph (org.). **Teologia prática no contexto da América Latina.** São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998. p. 200-201.

Em relação ao Novo Testamento, existem hipóteses, de diferentes estudiosos, sobre como Jesus encarava sua missão. Alguns especialistas indicam que Jesus não foi e não agiu com um missionário enviado aos gentios. Tomam como base os relatos dos encontros de Jesus com os gentios que são raros, e provas de que a missão de Jesus concentrou-se na comunidade de Israel.

Os evangelhos apontam um Jesus não muito empenhado numa missão para os não-judeus. Mostram um Jesus que delimitou seu ministério à restauração de Israel, pois “[..] sua preocupação é o arrependimento e a salvação de Israel”.¹³⁸ Em Mateus 10:5 há uma clara orientação para que seus discípulos não se dirigissem aos gentios. Em Mateus 15:24 Jesus afirma categoricamente que foi enviado “apenas às ovelhas perdidas da casa de Israel”. No entender de Bosch, “a atitude do Jesus terreno para com os gentios é importante mas secundária”¹³⁹, visto que “a vida e o ministério de Jesus têm de ser vistos dentro do contexto histórico concreto”¹⁴⁰ no qual ele viveu.

Os que afirmam que Jesus desenvolveu um ministério missionário entre os gentios usam os relatos sobre a atitude de abertura de Jesus em relação aos mesmos e entendem que são suficientes. Jesus não inaugurou durante a sua vida uma missão entre os gentios, mas depois da ressurreição, instruiu a seus discípulos nesse sentido. Afirmam que quase todas as orientações de Jesus sobre uma missão universal foram dadas no contexto pós-pascal.

De maneira geral, há os que interpretam a missão entre os gentios como produto das reflexões da igreja primitiva sobre o alcance universal dos ensinamentos de Jesus. Jesus não teria dado início a esta missão, mas a igreja primitiva percebeu as implicações da mensagem de Jesus e empreende a missão universal. Argumentam que Jesus não teria inaugurado uma missão entre os gentios, nem a Igreja a deduziu simplesmente dos aspectos do ensino de Jesus. Foi a partir da ressurreição de Jesus que a comunidade primitiva desencadeou a atividade missionária.

¹³⁸ BOSCH, David J. 2002. p. 46.

¹³⁹ BOSCH, David J. 2002. p. 46.

¹⁴⁰ BOSCH, David J. 2002. p. 45.

Aspectos fundamentais da missão de Jesus inspiraram a comunidade pós-pascal a desenvolverem uma missão universal. Embora o ministério de Jesus estivesse, de certo modo, limitado à Palestina, sua pessoa, ministério, morte e ressurreição foram catalisadores do impulso cristão para a missão na igreja primitiva. Em Jesus reside a fonte e a perspectiva universalista do cristianismo primitivo.

“Durante muito tempo os pesquisadores do Novo Testamento tendiam a negar a dimensão missionária fundamental do ministério terreno de Jesus [...] e a atribuir todo o fenômeno da missão entre os gentios após a Páscoa a várias circunstâncias sociorreligiosas ou o imputar quase exclusivamente a líderes cristãos individuais [...].”¹⁴¹ Contudo, os pesquisadores, estão mais propensos “[...] a atribuir ao próprio Jesus a colocação dos fundamentos para a missão entre os gentios.”¹⁴²

Em certo sentido, os evangelhos sinóticos lançam mão das palavras e vida de Jesus para orientar a missão da Igreja. Marcos aponta para o ministério de Jesus na Galiléia, indicando que tanto o lado judaico como o lado gentio do lago de Genesaré foram impactados com a proclamação do Reino. Mateus orienta a comunidade judaico-cristã em sua luta com o problema do universalismo. Em Lucas e Atos encontramos reflexões sobre a missão universal para a comunidade judaico-cristã. João utiliza as tradições da sabedoria perante a cultura helenista com uma perspectiva cósmica à missão de Jesus.

Paulo, a partir de sua experiência de conversão, convenceu-se de que o Deus de Israel desempenha sua soberania sobre a criação e sobre todos os povos, alcançando todos por meio da salvação em Jesus Cristo. Este é o aspecto fundamental da teologia paulina sobre a missão. “Deus é Deus apenas dos judeus? Ele não é também o Deus dos gentios? Sim, dos gentios também, visto que existe um só Deus, que pela fé justificará os circuncisos e os incircuncisos.” (Rm 3:29-30). O impacto da pessoa de Jesus na vida de Paulo é outro componente importante para entender a teologia paulina sobre a missão. O mais importante para Paulo era saber *quem* era Jesus. A convicção de Paulo sobre a identidade de Jesus como Messias exaltado permite-nos alargar nossa compreensão sobre teologia paulina sobre a missão. A missão de Jesus Cristo tinha o mesmo alcance que o

¹⁴¹BOSCH, David J. 2002. p. 51.

¹⁴²BOSCH, David J. 2002. p. 51.

dom gratuito que Deus faz da salvação. A morte de Jesus é igual tanto para judeus como para gentios. “Mas agora se manifestou uma justiça que provém de Deus, independente da Lei, da qual testemunham a Lei e os Profetas, justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo para todos os que crêem. Não há distinção, pois todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente por sua graça, por meio da redenção que há em Cristo Jesus.” (Rm 3:21-24) Para Paulo o poder salvador de Deus, por intermédio de Jesus, supera os acasos sombrios do cosmos. Igreja é no entender de Paulo instrumento e modelo de reconciliação universal entre todos os povos. O próprio Paulo lança-se a uma missão que busca unir judeus e gentios, numa só Igreja. Paulo constituiu-se assim no apóstolo aos gentios e evangelizador além-fronteiras.

Deus é a base fundamental da natureza missionária da Igreja. Ele revela-se à humanidade como Pai, Filho e Espírito Santo. A Igreja é peregrina e missionária, pois sua origem está alicerçada na *missio Dei*. O Pai envia o Filho; o Filho e o Pai enviam o Espírito Santo. Assim, reafirma-se que a natureza missionária da igreja depende da Trindade. O fundamento trinitário constitui-se como essencial para a atividade missionária da Igreja.

O fundamento cristológico reforça a missão cristã à luz da compreensão que a Igreja tem de Jesus Cristo e do valor redentor de sua morte-ressurreição. A fé no Jesus ressurreto, o Filho de Deus feito homem, que morreu e ressuscitou para a salvação de todos, que foi enviado pelo Pai e que junto ao Pai enviou o Espírito Santo reforçam o papel missionário da Igreja. A missão cristã se baseia na fé em Jesus Cristo. A missão universal da Igreja nasce da fé em Jesus Cristo. Não pode existir uma missão cristã sem proclamar a Jesus Cristo morto e ressuscitado. O que torna a missão da Igreja única é Jesus Cristo.

O Espírito Santo surge como ator principal da missão da Igreja no livro de Atos. A missão de Jesus está sempre entrelaçada ao Espírito Santo. A Igreja e sua missão dependem do derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes. O Espírito conduziu os apóstolos a levarem a Palavra de Deus até os confins do mundo. Semelhantemente a Jesus, o Espírito Santo antecede e acompanha toda a Igreja na sua missão. O Espírito faz missionários aos apóstolos, testemunhas da ressurreição de Cristo. Estar comprometido com a missão de Jesus é aceitar o dom de vida do Espírito Santo que transforma o mundo.

O fundamento pneumatológico da missão motiva, inspira, fortalece e impulsiona a Igreja ao mundo.

O fundamento eclesiológico da missão indica que a Igreja deve ser instrumento da *missio Dei*. A Igreja nasce para ser instrumento do Reino de Deus anunciado por Jesus Cristo e anunciando a Jesus Cristo. O mandato missionário de Jesus, bem como, o fato dos evangelhos e do livro dos Atos acolherem este mandato, indica a convicção da Igreja primitiva quanto ao seu envio. Recebeu de Jesus o mandato de proclamar o Reino de Deus. Recebeu do Espírito Santo o impulso para ir ao mundo. A Igreja é enviada e envia.

Contudo, ao longo de sua jornada, a Igreja, muitas vezes tem desempenhado a missão universal por suas próprias forças e motivações. Motivações, muitas vezes não elogiosas, mas merecedoras de críticas. Nesse sentido, que motivação deve ter a Igreja ao fazer missão, ao participar da *missio Dei*? Que motivações ou que tipo de missão deve a Igreja empreender entre as tribos urbanas, principalmente as de rosto *underground*?

Com o objetivo de responder a estes questionamentos, lanço mão dos referenciais teóricos do paradigma da *Missão como Com-paixão*.¹⁴³

A igreja-em-missão participa da *missio Dei* através da proclamação do evangelho, da vivência da fé e do amor, do serviço libertador e da solidariedade evangélica, que ultrapassa fronteiras geográficas, culturais, de gênero, de gerações, com vistas a uma nova experiência de comunidade livre e libertadora (Gálatas 3.28).¹⁴⁴

Percebo um movimento de encontro, de interseção, de complementaridade, entre o paradigma diaconal da *Comunhão de Mesa de Jesus* e o paradigma missionário da *Missão como Com-paixão*. Ao me deparar com a expressão “solidariedade evangélica que ultrapassa fronteiras culturais”, vêm a minha cabeça as tribos urbanas de rosto *underground*, extremamente carentes de solidariedade.

¹⁴³ ZWETSCH, Roberto E. **Missão como com-paixão**: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal, 2008.

¹⁴⁴ ZWETSCH, Roberto E. 2008. p. 400-401.

De todos os significados, amplamente definidos e abordados por Zwetsch para a palavra *com-paixão*¹⁴⁵, chama minha atenção o aspecto da solidariedade. Sendo assim, vou me atrever a relacionar solidariedade à *com-paixão*.

No dicionário Aurélio online, a palavra *compaixão* é descrita como substantivo feminino que significa: pesar que em nós desperta a infelicidade, a dor, o mal de outrem; piedade, pena, dó, condolência.¹⁴⁶ Esta definição, comparada ao significado do pensamento bíblico, é extremamente pobre.

O pensamento bíblico localiza nos diferentes órgãos do ventre diferentes sentimentos. Existe no hebraico um grupo de palavras que remonta à mesma raiz, como a palavra árabe *rahman* ou *rahmat*, 'compaixão'. A palavra hebraica *raham* significa 'compadecer-se', *rahamim* significa 'compaixão' ou 'piedade'. Todas essas palavras contêm '*rehem*', a palavra para o colo feminino, o colo materno, o ventre feminino ou o útero. Ao lado do coração, '*rehem*', é o órgão mais mencionado no Primeiro Testamento. [...] Além disso, '*rehem*', o útero, é a sede de fortes emoções. [...] No útero agita-se a compaixão, a piedade de um ser vivo.¹⁴⁷

Compaixão não é sentir pena ou dó das pessoas. “Compaixão não é sentir pena ou sentir-se responsável por outras pessoas. É interiorizar suas dores.”¹⁴⁸ “Como o útero, a compaixão significa proteção e nutrição [...]”¹⁴⁹ A missão apenas fará sentido se tiver como ponto de partida a compaixão entendida à luz do Deus tri-uno. “Compaixão [...] é a fonte visceral anteposta, o motor emocional que impele, o espírito sensível que acompanha a prática da missão de Deus.”¹⁵⁰

De volta ao conceito bíblico, vamos buscar no Novo Testamento o significado para a palavra *compaixão*.

Compaixão é a tradução de uma palavra grega muito interessante (*splangkhnidzomahee*) usada no Novo Testamento, que é tão difícil de

¹⁴⁵ Para uma retrospectiva bíblica da palavra **compaixão**, ver ZWETSCH, Roberto E. **Missão como compaixão**: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 318-327.

¹⁴⁶ DICIONÁRIO AURÉLIO online. Disponível em: <<http://aurelio.ig.com.br/dicaureliopos/home.asp?logado=true&pesquisa=>>. Acesso em: 16 nov. 2009.

¹⁴⁷ SCHOTTROFF, Luise. **Exegese feminista**: resultados de pesquisas bíblicas na perspectiva de mulheres. São Leopoldo: Sinodal/EST; CEBI; São Paulo: ASTE, 2008. p. 156.

¹⁴⁸ GEORGE, Sherron Kay. **Participantes da graça**: parceria na missão de Deus. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2006. p. 63.

¹⁴⁹ MAY, Roy H. **Discernimento moral**: uma introdução à ética cristã. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008. p. 74.

¹⁵⁰ GEORGE, Sherron Kay. 2006. p. 60.

pronunciar quanto de praticar. O significado original é ‘partes interiores’, ou entranhas, e descreve a sede das emoções que engloba toda a personalidade em seu nível mais profundo. Compaixão é um forte sentimento, sensibilidade ou atitude de amor e afeição, uma reação visceral no ‘nível das entranhas’, ou das profundezas do ser emocional, que faz com que abracemos o *páthos* ou as situações dolorosas de outra pessoa. Compaixão é o espírito interior que motiva, molda e acompanha nossa resposta às necessidades do mundo. É dor corporificada, que envolve amor e dor, como acontece no parto.¹⁵¹

Essa compaixão é possível de se ver no ministério de Jesus. Ele se envolve com as pessoas e suas dores. Jesus é a coporificação da compaixão de Deus por nós. E o que pode haver de mais solidário nisto? Deus, através da *kénosis*, entendida como abaixamento, como enfraquecimento, faz-se homem, entra na história e no mundo, torna-se carne em Cristo, sofre, morre. A mensagem deste Cristo encarnado continua atingindo sua atualidade e urgência no princípio de solidariedade, do ser que não é, mas, antes, acontece.¹⁵²

O desafio que nos é proposto, pelo anúncio dessa solidariedade de Deus para conosco em Jesus Cristo, está diretamente ligado à compaixão. Jesus Cristo é a manifestação da compaixão de Deus. Jesus Cristo é a encarnação da solidariedade de Deus. “Compaixão é solidariedade com paixão. Paixão é uma energia neutra que enriquece e aumenta a sua solidariedade. Ter compaixão significa solidarizar-se e nutrir uma paixão por compreender e ajudar o próximo.”¹⁵³

Percebe-se, então, que existe uma contundente analogia entre a *missio Dei* e a missão como solidariedade relativa à encarnação e crucificação de Cristo. Não pode haver missão sem solidariedade. Não pode existir solidariedade cristã, sem que esta provoque a promoção do Reino de Deus.

“Deus redime e em Cristo serve ao mundo por meio do amor e da solidariedade incondicionais.”¹⁵⁴ Este é “[...] um amor que se torna contracultural, contraditório, um amor que pode - na solidariedade com as pessoas sem valor e desqualificadas aos olhos do mesmo sistema - ser crucificado por se tornar ineficaz, inoportuno, inadequado,

¹⁵¹ GEORGE, Sherron Kay. 2006. p. 60.

¹⁵² VATTIMO, Gianni. 1999. p. 75.

¹⁵³ PADDISON, Sara. **O poder oculto do coração: fonte inesgotável de inteligência**. 9. ed., Cultrix: São Paulo. 2004. p. 103.

¹⁵⁴ ZWETSCH, Roberto E. 2008. p. 142.

inconformado com os rumos deste mundo”.¹⁵⁵ Essa solidariedade desencadeia: motivação, criatividade, busca pela superação de conflitos e a consolidação de um projeto urbano alicerçado na *missio Dei*.

Deve nos sensibilizar o caos urbano em que vivem as tribos urbanas de rosto *underground*. Esse quadro caótico deve nos despertar uma solidariedade para estes que vivem numa situação de marginalidade.

Não se pode, pura e simplesmente, imaginar que foram lançados nesta situação de marginalidade em decorrência de estruturas sociais e culturais. A própria definição do termo *underground* está ligada à marginalidade. Em certo sentido sempre houve certa intencionalidade mútua e específica a motivar quase todos os que se envolveram em algum movimento *underground*.¹⁵⁶

O caos urbano tem como característica as desigualdades, os antagonismos e os padrões ideológicos intrínsecos ao urbano do século XXI. A marginalidade das tribos urbanas de rosto *underground* pode indicar uma atitude de protesto, de uma vontade operacional, moldada de forma a questionar o tecido social que as cerca.¹⁵⁷

A *missio Dei* promove a motivação necessária para empreender uma ação educacional tendo como princípio a solidariedade.

A solidariedade de Cristo com os pecadores é descrita de forma poética, intensa e vibrante no hino de Filipenses 2:6-11, em que se afirma que Jesus ‘esvaziou-se a si mesmo’ e assumiu não só a condição humana, mas a condição de *escravo (doulos)*, identificando-se com o grupo social mais aviltado, oprimido e desprezado no período do império romano.¹⁵⁸

Através dos referenciais teóricos apresentados, percebo que o paradigma da missão como *com-paixão*, por ser anti-sistêmico, é libertador e é para todos. Anuncia a prática do amor como “libertação do cativo da corrupção” (Rm 8:21); articula os múltiplos projetos de vida; desperta a responsabilidade para com as tribos urbanas de rosto

¹⁵⁵ ZWETSCH, Roberto E. 2008. p. 127.

¹⁵⁶ GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. Ediouro, 2007. p 49.

¹⁵⁷ PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva. 2004. p. 127.

¹⁵⁸ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Fundamentos da teologia prática**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 73.

underground e abre espaço para um projeto educacional que tenha por fundamento a solidariedade a partir de Jesus Cristo.

3 PROJETO PEDAGÓGICO DA AVALANCHE ESCOLA DE MISSÕES URBANAS *UNDERGROUND* À LUZ DAS REFERÊNCIAS TEÓRICAS DA *COMUNHÃO DE MESA DE JESUS* E DA *MISSÃO COMO COM-PAIXÃO*: limites e possibilidades

Ao longo desta pesquisa, venho, constantemente, tropeçando na palavra *solidariedade*. Olho para o histórico do Movimento *Underground*, e vejo a solidariedade dos grupos fomentadores do movimento em torno de suas causas. Olho para a *Comunhão de Mesa de Jesus*, e deparo-me com uma solidariedade explícita que mexe com os brios da gente. Olho para o ministério terreno Jesus, e percebo uma solidariedade encarnada, que realiza a *Missão como Com-paixão*; uma solidariedade de vida que deveria nos alcançar constantemente e diariamente, e nos questionar diante de nosso compromisso de fazer missão.

Como definir o projeto pedagógico da Escola? Em função da ausência de um documento específico elaborado pela Escola, recorro mais uma vez à minha convivência na Escola, como professor e conselheiro, e às entrevistas realizadas com os fundadores da mesma.

Em minha busca por delinear o projeto pedagógico da Escola, lembrando estes anos de convivência, a comunhão de mesa, os testemunhos dos fundadores, obreiros e alunos, o fazer missão com-paixão, olhando para as práticas desenvolvidas, tenho sido convencido que o projeto pedagógico da Escola está alinhado com o paradigma educacional denominado *Pedagogia da Solidariedade*.

Em função da necessidade de apresentar o projeto pedagógico da Escola neste capítulo, e tendo como palavra chave, solidariedade, percebi esse paradigma educacional,

presente, no pouco que li, na obra de Paulo Freire. Deparei-me, então, com um livro, organizado pela esposa do Paulo Freire¹⁵⁹, a partir de uma conferência ministrada por ele nos Estados Unidos da América do Norte. Creio que as afirmações sobre o paradigma educacional da *Pedagogia da Solidariedade*, encontradas neste livro, oferecerão referenciais teóricos básicos para esclarecer meu ponto de vista acerca do projeto pedagógico da Escola.

Certamente, Paulo Freire é um dos mais, senão o mais relevante dos educadores brasileiros, que contribuiu significativamente para a conscientização de uma gama de incontáveis educadores que se comprometeram com a educação popular.

A educação popular emerge no cenário da América Latina nas décadas de 1950 e 1960, objetivando transformar a realidade social para atender as demandas dos setores populares. A educação popular fundamenta-se numa participação coletiva para gerar a construção de novos conhecimentos.

[...] a Educação Popular vem se definindo como uma prática teo-pedagógica. Ou seja, como uma prática social que pressupõe uma teoria de conhecimento, uma intencionalidade e uma base política. Dessa maneira, percebemos que a Educação Popular se consagra como um novo jeito de fazer política e de fazer educação. Surge como espaço e instrumento educativo destinado a contribuir para que seus atores sociais se convertam em sujeitos de seu próprio processo educativo, de sua própria história, fazendo da educação um recurso a serviço de sua libertação cultural, política e social.¹⁶⁰

A vida, a obra e o engajamento de Paulo Freire com a educação popular, é o testemunho de que ele buscava e proclamava uma possibilidade de educar, com base numa solidariedade vivida em prol do outro. Henry Giroux, educador e amigo de Paulo, aponta esta solidariedade na vida e obra de Paulo.

Na experiência vivida de Paulo nós vimos uma afirmação fantástica da solidariedade humana enquanto em suas palavras nós somos confortados com a possibilidade de tornar esta solidariedade não meramente uma memória muito querida e encantadora, mas parte de uma comunidade em amor.¹⁶¹

¹⁵⁹ FREIRE, Paulo; FREIRE, Nita; OLIVEIRA, Walter Ferreira de: **Pedagogia da solidariedade: América Latina e educação popular**. Indaiatuba: Vila das Letras. 2009.

¹⁶⁰ OLIVEIRA, Graciete Maria de. **Formação de educadores populares: análise da experiência educativa de creches comunitárias vinculadas à Associação de Educadores Populares de Porto Alegre – AEPPA**. Orientador: Manfredo Carlos Wachs. São Leopoldo: EST/PPG, 2008. 144 f. Dissertação (mestrado). Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação em Teologia Prática. 2008. f. 29-30.

¹⁶¹ GIROUX, Henry A. Prefácio. IN: FREIRE, Paulo; FREIRE, Nita; OLIVEIRA, Walter Ferreira de: **Pedagogia da solidariedade: América Latina e educação popular**. Indaiatuba: Vila das Letras. 2009. p. 17.

Nita Freire, esposa do Paulo Freire, assim se expressa:

Antes, porém, quero justificar a minha escolha para o título deste livro, *Pedagogia da solidariedade*. Esta opção se deve não somente a Paulo ter falado, contundentemente, sobre esta virtude necessária à construção de uma sociedade democrática nos trabalhos que compõem esta publicação, não só neste sobre o qual faço minhas considerações, mas, sobretudo para enfatizar sua própria prática de solidariedade, vivida intensamente na sua mais autêntica acepção.¹⁶²

Toda a observação prática, seja nas visitas pessoais, nas aulas, nas conversas informais em torno da mesa, está patente, que a Escola, na postura de seus fundadores, visa oferecer uma chance de emancipação ao aluno. Essa chance de emancipação, possivelmente, caminha em direção ao princípio de caridade/amor, ou a este *Paradigma da Pedagogia da Solidariedade*, presente na obra e vida de Paulo, e que tem influenciado tantas gerações de educadores, que identificam-se com seus posicionamentos.

Da sua formação católica cristã Paulo trouxe algumas influências para a sua literatura educacional, entre outras, as virtudes teológicas. Entretanto, devo alertar, estas virtudes foram superadas em categorias ético-político-pedagógicas na sua *compreensão de educação*. Podemos facilmente constatar a *Fé*, relida por ele na crença nos homens e nas mulheres; a *Esperança*, que embora tenha permanecido com a mesma palavra, ganhou nele nova acepção diante de sua percepção da incompletude humana e capacidade de sonhar com a utopia no sentido de viabilizarmos o *Ser Mais*, para concretizarmos a verdadeira *existência humana*; e a *Caridade*, que se transmutou em solidariedade. Solidariedade para *com* o mundo, para *com* a sustentabilidade do Planeta Terra, porque esta implica na mais profunda solidariedade para *com* todos os homens e mulheres do mundo.¹⁶³

Ainda que a Escola não tenha um projeto pedagógico documentado, suas práticas educacionais aproximam-se muito de perto com a proposta da *Pedagogia da Solidariedade*, onde as palavras chaves, *Fé*, *Esperança*, *Ser Mais*, *Caridade e Solidariedade*, são vividas diariamente.

Nosso tempo é marcado pelo individualismo. O individualismo gera comodismo. “O individualismo é a antítese da solidariedade. Sob a perspectiva individualista cada um pensa principalmente no seu interesse pessoal e a tendência é nos fecharmos em nós mesmos.”¹⁶⁴

¹⁶² FREIRE, Nita. Algumas palavras ou considerações em torno da conferência de Paulo Freire. IN: FREIRE, Paulo; FREIRE, Nita; OLIVEIRA, Walter Ferreira de: **Pedagogia da solidariedade**: América Latina e educação popular. Indaiatuba: Vila das Letras. 2009. p. 41

¹⁶³ FREIRE, Nita. 2009. p. 41.

¹⁶⁴ FREIRE, Paulo. 2009. p. 72.

Aquilo que não me afeta não precisa ser debatido, sequer analisado. “Resultado de tudo isso será uma atitude um tanto entediada diante das possibilidades de mudar aquilo que antes se pensava que não andava bem em nossas sociedades.”¹⁶⁵

As relações educacionais ideais deveriam ser desenvolvidas sob o pressuposto de que, no momento que decisões são tomadas, as mesmas devem levar em conta uma pluralidade de participantes, em contraposição com as relações existentes atualmente, e ao longo da história da humanidade, onde o nível de tomada de decisões ancora-se em um grupo singular que em geral é opressor e excludente.

Existe, por parte dos fundadores da Escola, uma disposição constante de discutir e rediscutir, toda vez que necessário, acordos e consensos, até mesmo, desacordos e dissensos, formulados em bases democráticas e nos relacionamentos interpessoais.

Uma instituição educacional validará seu projeto pedagógico no momento em que se abrir para o reconhecimento que sua verdade só pode ser vista e ministrada como chance de emancipação para o “outro”. É ímpar, nestes tempos chamados de pós-modernidade, desenvolver uma dimensão relacional e dialogal de reconhecimento do “outro”.

Um projeto pedagógico, que visa reconhecer o “outro”, precisa ser “um projeto de amor, um amor ativo, responsável, construtivo e lúcido, através do qual a livre recepção do amor de Deus e a abertura em confiança para o próximo se pressupõem e se implicam mutuamente.”¹⁶⁶ Em outras palavras um projeto de solidariedade.

Quero destacar três limites que percebo em relação ao projeto pedagógico da Escola. O primeiro diz respeito exatamente ao fato da ausência de um projeto escrito, elaborado como documento formal. Durante vários anos, durante minha vida pastoral, atuando junto a missionários da minha confissão de fé, Batistas da Convenção Batista Brasileira, percebia sempre alguma dificuldade dos missionários, ao lidarem com

¹⁶⁵ GUTIERREZ, Gustavo. 2000, p. 54.

¹⁶⁶ MÍGUEZ BONINO, José. Love and social transformation in liberation theology. IN: ELLIS, Marc; MADURO, Otto (orgs.) **The future of liberation theology: essays in honor of Gustavo Gutiérrez**. Maryknoll: Orbis, 1989. p. 123. [...] *as a project of love, an active, responsible, constructive, ad lucid love in which the free reception of God's love and the openness in trust to the neighbor presuppose and implicate each other.* (tradução própria).

documentos, pois estes documentos poderiam tornar-se, instrumentos de engessamento da obra que realizavam, o que de fato ocorria muitas vezes. Percebo que em relação à Escola, sua liderança está tão envolvida em fazer, em realizar na prática, em administrar, em pagar as contas, que nem sempre está motivada para investir tempo suficiente em escrever a história, organizar arquivos históricos e redigir documentos. Compreendo que enfrentam limitações as mais variadas na área financeira, em relação ao voluntariado, também em relação ao tempo de investimento em suas próprias vidas.

Nunca é demais destacar a necessidade de envolvimento com a obra educacional, caso você aventure-se nela. “As pessoas responsáveis pela educação deveriam estar inteiramente *molhadas* pelas águas culturais do momento e do espaço onde atuam.”¹⁶⁷ É exatamente assim que vejo os fundadores e obreiros da Escola. Pessoas *molhadas* “pelas águas culturais”. Mas, permitam-me enfatizar, que neste aspecto, para elaborarem um projeto pedagógico, que funcione como um documento norteador, para o presente e o futuro, será necessário que os fundadores da Escola estejam *encharcados* pelas águas da educação, neste caso alternativa, que pretende oferecer espaço dialógico para as tribos urbanas de rosto *underground*.

A ausência de um projeto educacional documentado aponta para um limite sério, que diz respeito à perda da identidade educacional, bem como das motivações que geraram a fundação da Escola. Também pode levar a uma prática educacional que não esteja comprometida com uma linha pedagógica específica, por ser exclusivamente de experimentação, e se perca em mudanças constantes, ao sabor dos interesses daqueles que estruturam a grade curricular.

O segundo limite está ligado ao processo educacional propriamente dito. Na declaração de missão da Escola aparece a palavra “treinamento”. “Avalanche Escola de Missões Urbanas oferece treinamento e capacitação para líderes e obreiros que desejam trabalhar especificamente com a chamada geração X.”¹⁶⁸

¹⁶⁷ FREIRE, Paulo. 2009. p. 24.

¹⁶⁸ AVALANCHE ESCOLA DE MISSÕES URBANAS *UNDRGROUND*. **Declaração de missão**. Disponível em: <<http://www.avalanchemissoes.org>>. Acesso em: 17 maio 2008.

Esta palavra, *treinamento*, deve acender uma luz clara de preocupação por parte da liderança da Escola. É preciso estar consciente e esclarecer a diferença entre treinamento e formação. Henry Giroux lembra o posicionamento de Paulo Freire em relação à educação tomada e exercida como *treinamento*.

Paulo tinha pouca paciência para com uma educação sob a forma de treinamento, método, ou como prática política e moral que negasse a História, o potencial da ação criativa individual e social, a alegria e a importância da solidariedade engajada, a importância da responsabilidade social e a possibilidade da esperança.¹⁶⁹

Esse limite é muito sério e pode promover, em minha opinião, o fracasso da Escola, visto que *treinamento* tem caráter militar e ensino tem caráter libertador. A educação está comprometida com o “outro”, em dialogar, em promover o crescimento, em libertar da opressão do sistema mundo vigente. Como nos lembra o próprio Freire:

Porque a educação tem a ver com *formação* e não com *treinamento*. A educação vai além da mera transferência de técnicas. Eu vejo como perigosa a possibilidade da educação se reduzir a técnicas, se transformar meramente em técnica, em uma prática que perde de vista a questão de sonhar, a questão da boniteza, a questão de ser, a questão da ética. Aquela é uma educação apenas para a produção, para o *marketing*.¹⁷⁰

A liderança da Escola, de tempos em tempos, precisará questionar se está *formando* ou *treinando* pessoas. Um projeto pedagógico voltado para o *treinamento*, em pouco tempo estará aliado à cultura do fatalismo que nos rodeia. Serve para a liderança da Escola, para mim como educador e para todos que militam na área educacional, o alerta de Freire: “Não permitam que esta nova ideologia do fatalismo mate a sua necessidade de sonhar. Sem sonhos não há vida, sem sonhos não há seres humanos, sem sonhos não há *existência humana*.”¹⁷¹

Existe, por parte da Escola, um sonho de promover a formação de pessoas capacitadas para atuarem junto às tribos urbanas de rosto *underground*. Este sonho pode ser transformado em pesadelo se no lugar de *formar* a Escola estiver *treinando*. Pode ocorrer, de vir a Escola a oferecer ferramentas de opressão e não de libertação.

¹⁶⁹ GIROUX, Henry A. Prefácio. IN: FREIRE, Paulo; FREIRE, Nita; OLIVEIRA, Walter Ferreira de: **Pedagogia da solidariedade: América Latina e educação popular**. Indaiatuba: Vila das Letras. 2009. p. 11-12.

¹⁷⁰ FREIRE, Paulo. 2009. p. 32.

¹⁷¹ FREIRE, Paulo. 2009. p. 41.

Com uma economia globalizada, as revoluções ou mudanças tecnológicas têm sido feitas de maneira que afetam profundamente o processo de educação. Como a velocidade das mudanças tecnológicas promove constantemente alterações nos modos de viver, eu estou certo de que uma das qualidades com que nós temos que nos preocupar em Educação é a de adquirir ou criar a habilidade de responder a diferentes desafios com a mesma velocidade com que as coisas mudam. Esta é uma demanda fundamental da educação contemporânea. E para responder a esta demanda da educação contemporânea nós precisamos *formar*, e não *treinar*. Há uma diferença radical entre *treinar e formar*. Não é só uma questão semântica. *Formar* é algo mais profundo que simplesmente *treinar*. *Formar* é uma necessidade precisamente para transformar a consciência que temos, aumentar sua curiosidade intuitiva, que nos caracteriza como seres humanos.¹⁷²

Para responder aos diferentes desafios, enfrentados pelas tribos urbanas de rosto *underground*, “com a mesma velocidade com que as coisas mudam”, a Escola precisa focar seu projeto pedagógico em “*formar*, e não *treinar*”. É essencial investir em um projeto pedagógico que responda à altura das demandas dos alunos em potencial da Escola. Este projeto pedagógico pode ser elaborado, a partir de uma postura solidária, já existente e vivida pelos fundadores da Escola. Os fundadores precisarão colocar no papel essa solidariedade que já experimentam na prática diária. “A solidariedade tem que ser construída em nossos corpos, em nossos comportamentos, em nossas convicções.”¹⁷³ Diante disso, vejo que os fundadores da Escola, enfrentarão o desafio de colocar no papel o projeto pedagógico, com certa vantagem, pois já estão construindo em seus próprios corpos esta solidariedade.

O terceiro limite que percebo é que a maior parte da estratégia da Escola está construída na pessoa de um único líder. Ele teve a visão, sentiu-se chamado por Deus, investiu na fundação da Escola, vive a Escola intensamente, e acredita inteiramente no potencial da Escola. É bem verdade que novos líderes estão sendo formados, mas minha leitura pessoal dá conta de que a sobrevivência da Escola, na atualidade, depende exclusivamente deste líder. Durante aproximadamente um ano, este líder esteve fora da cidade de Vitória. Esse fato é descrito no relato histórico da Escola, no primeiro capítulo. Nesse período, os obreiros que lideravam a Escola, ficaram um pouco desorientados. Conversei longamente com um deles e percebi que o mesmo desejava dar continuidade às atividades da Escola, mas sua visão era, perceptivelmente, diferente do fundador. Coloco este ponto para demonstrar a minha visão de que, para consolidar o ideal de continuidade

¹⁷² FREIRE, Paulo. 2009. p. 61.

¹⁷³ FREIRE, Paulo. 2009. p. 68.

da Escola, uma pluralidade de liderança comprometida com a visão dos fundadores será essencial e fundamental.

A ausência de um projeto pedagógico documentado, associada à liderança centralizada na pessoa de um líder carismático, pode descaracterizar o projeto inicial da Escola, ainda que a mesma continue existindo. “As organizações constantemente proclamam que é necessário mudar, mas nem sempre este compromisso com a mudança é demonstrado na sua prática cotidiana. Chega uma hora em que a mudança não está mais acontecendo. Neste momento a organização estagna e pode morrer.”¹⁷⁴

Por outro lado, vejo possibilidades, desde que superadas as limitações indicadas. Gostaria de destacar três possibilidades.

A primeira delas diz respeito à aproximação que a Escola já vem obtendo com várias Igrejas. Embora muitas Igrejas ainda rotulem as tribos urbanas de rosto *underground* como algo proveniente do diabo, muitas estão abrindo sua compreensão para o fato de que não estão preparadas para proclamar Jesus em contextos urbanos alternativos. Isso tem gerado enormes possibilidades de parcerias da Escola com estas Igrejas, na propagação de Jesus, para estas pessoas que habitam o mesmo espaço físico urbano dos membros destas Igrejas. Igrejas consideradas tradicionais estão sendo alcançadas pela Escola e estão firmando parcerias no desenvolvimento de um projeto ousado, que tem gerado transformação na vida de diversas pessoas.

A segunda possibilidade, diz respeito à Escola tornar-se um referencial no ensino, tanto no Brasil quanto fora do Brasil, para pessoas que desejam ter uma formação para desenvolver ou atuar junto às tribos urbanas de rosto *underground*. Até onde pesquisei, não há registro, no Brasil, de uma instituição nos moldes propostos pela Escola. Aqui entra mais uma vez a necessidade de um projeto pedagógico, com linhas norteadoras, que irá produzir de forma clara, objetiva e específica, uma identidade para a Escola, no sentido de possibilitar que um maior número de Igrejas, de confissões diferentes, crie vínculos, parcerias e enviem seus membros para a realização de um dos diversos cursos oferecidos pela Escola. “Do ponto de vista da educação, uma das questões mais sérias com respeito

¹⁷⁴ FREIRE, Paulo. 2009. p. 67.

ao presente imediato e ao amanhã é como *formar pessoas* de maneira que elas não se percam [...].”¹⁷⁵

A terceira possibilidade é conceitual. É um conceitual que convida para a prática. É conceitual prático, na medida em que foi vislumbrada na prática diária, mas não está compreendida, ou assentada nos documentos e propostas de missão e visão da Escola. O conceito é solidariedade. Esse conceito, que nos chama à prática, pode estar entrelaçado nos três paradigmas destacados neste trabalho.

A solidariedade de Jesus em sua comunhão de mesa, aliada à solidariedade de Jesus em sua missão desenvolvida com-paixão, referendada por uma pedagogia da solidariedade, pode e deve provocar uma transformação no ensino e na maneira de formar o “outro”. “A solidariedade caminha de mãos dadas com a consciência crítica. Eu não consigo imaginar o mundo melhorando se nós não adotarmos, realmente, o sentimento da solidariedade e não nos tornarmos imediatamente um grande bloco de solidariedade, se nós não lutarmos pela solidariedade.”¹⁷⁶

Um projeto pedagógico, que tenha como seu fundamento a solidariedade, promoverá e defenderá a vida, e será dialogal, contextual, transformador e intercultural. Será também um projeto de serviço para as tribos urbanas de rosto *underground*, para a Igreja de Cristo num sentido bem amplo, e certamente para toda a sociedade.

¹⁷⁵ FREIRE, Paulo. 2009. p. 61.

¹⁷⁶ FREIRE, Paulo. 2009. p. 67-68.

CONCLUSÃO

Ao concluir esta caminhada, afirmo minha convicção que foi uma oportunidade de superação de minhas limitações. Pesquisar a Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground*, sem saber ao certo aonde esta pesquisa me conduziria, foi desafiador. Foram dois anos que absorveram minha vida de maneira abrangente.

Na condição de pastor batista, filiado à Convenção Batista Brasileira, considerada como tradicional, me atrevi a investigar um ambiente completamente diferente daquele no qual estou inserido, minha zona de conforto. A Escola ofereceu-me uma renovação da visão sobre Missões Urbanas.

Minha hipótese inicial indicava que a educação ofertada pela Escola era relevante, em primeira instância para as tribos urbanas de rosto *underground*, mas também para a igreja institucional que não consegue falar a língua destas tribos.

Algumas dificuldades foram constantes companheiras nesta investigação. A primeira diz respeito aos recursos bibliográficos na área do *underground cristão*, principalmente no cenário brasileiro. Há muita informação na internet, porém esta informação carece de aprimoramento técnico. A segunda, em função de minha convivência com a Escola, era despir-me dos meus conceitos previamente elaborados, e reconstruir novas perspectivas, inclusive críticas, para validar a pesquisa.

A reflexão sobre as peculiaridades da Escola e a vinculação de seu projeto pedagógico com as referências teóricas apreendidas a partir dos paradigmas da *Comunhão*

de Mesa de Jesus, Missão como Com-paixão e a Pedagogia da Solidariedade, compuseram propostas transversais.

Estas propostas transversais ajudaram a oferecer sentido para a vida de pessoas vinculadas às tribos urbanas, pois vivem num contexto de constante vulnerabilidade, e necessitam ser alcançadas por uma solidariedade que as conduza a sentirem-se reconhecidas em sua humanidade plena.

A Escola, através de suas ações pedagógicas, contribui de forma significativa para a formação dos alunos. Minha afirmação está diretamente ligada aos resultados que obtive com as entrevistas aos fundadores, nas conversas informais com os alunos e outros não alunos favorecidos por essas ações de caráter solidário. Esse caminho traduz possibilidades de promoção de uma solidariedade que ultrapasse as barreiras de realidades desconhecidas, de mundos antagônicos, e a promoção da vida, em ambientes de rosto *underground*. Uma vivência solidária deve gerar vínculos entre realidades tão díspares sob o ponto de vista social, econômico e cultural.

É por isso que ser um educador ou um administrador da educação implica em que se tem que, constantemente, aumentar e aperfeiçoar o seu próprio entendimento de outras culturas, para se ter mais e mais leituras de mundo mais abertas, mais críticas. E quando eu me refiro a outra cultura eu não estou necessariamente me referindo a outro país. Nós podemos ter culturas diferentes no mesmo país, no mesmo estado, na mesma cidade. É por isto que o educador deve estar atento para a cultura, para a história, para os sentimentos.¹⁷⁷

As diferenças vivenciais atingem tanto alunos quanto obreiros e missionários, impelidos a edificar pontes com os ambientes de rosto *underground* e com a Igreja institucional. A grade curricular, ainda que possua certas limitações, propõe compartilhar conteúdos libertadores e transformadores, alicerçando suas práticas em uma solidariedade vivencial.

Contudo, continua como desafio para a Escola elaborar seus processos de aprendizagem com o objetivo de *formar e não treinar*. A Escola deve ser entendida como um local de produção do saber. Ela precisa refletir sua colaboração na promoção de conhecimentos que enfatizem a inclusão de novas dimensões de relacionamentos, principalmente na construção da solidariedade. “Nós temos que ter solidariedade entre os

¹⁷⁷ FREIRE, Paulo. 2009. p. 33-34.

que têm os mesmos sonhos. Esta solidariedade implica em esperança e sem esperança e sem solidariedade é impossível lutar.”¹⁷⁸

A solidariedade somente surgirá se a humanidade concordar em viver em solidariedade. Somente uma concordância para a solidariedade poderá desencadeá-la como algo natural. A humanidade não age naturalmente em busca e na consecução da solidariedade. A humanidade tem sido arquitetada através de processos sociais conflituosos. Assim, a solidariedade não será construída, erguida, por meio de documentos, decretos, manifestos pacifistas, mas será uma construção coletiva, objeto de consenso. “Criar solidariedade entre aqueles que são diferentes, mas têm, de alguma forma, o mesmo tipo de sonho, implica admitir diferentes entendimentos do perfil do sonho.”¹⁷⁹

Ao valorizar a vida, que perpassa pela solidariedade, a busca da utopia de formar pessoas para atuarem no mundo de rosto *underground*, desencadeia uma aprendizagem de significado renovador, pois promove a esperança, incita a transformação, e aponta para o sentido de vida. “Para mim a questão da solidariedade é, portanto, uma questão política e é também uma questão metodológica. Tem a ver com a preparação para realizar o sonho.”¹⁸⁰

Ao chegar ao final desta pesquisa, me dou conta que um dos objetivos era o de compreender-me dentro desta instituição, já que também sou participante dela. Quero fazê-lo a partir do meu lugar e do meu aprendizado com a Escola. Somente escutando os atores da Escola, missionários, obreiros e alunos, foi possível chegar até aqui, pois se dependesse exclusivamente da pesquisa bibliográfica, a pesquisa estaria incompleta. Foi a vivência entre eles, e o me tornar parte da engrenagem, ainda que por duas semanas em cada um destes anos que venho aprendendo com eles, ao compartilhar o que aprendi com tantas outras pessoas, que me permitiu vislumbrar uma solidariedade possível para com as tribos urbanas de rosto *underground*.

Devo confessar que aprendi muito mais do que ensinei, pois como afirma Freire, “[...] quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de porque

¹⁷⁸ FREIRE, Paulo. 2009. p. 89.

¹⁷⁹ FREIRE, Paulo. 2009. p. 90.

¹⁸⁰ FREIRE, Paulo. 2009. p. 90.

estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica.”¹⁸¹

Saber a solidariedade como um modo de vida do ser humano, um modo de ser que ultrapassa uma virtude simplesmente; um modo de ser, semelhante ao de Cristo, em sua expressão diaconal, no realizar sua missão com-paixão, na sua prática pedagógica, tem promovido essa busca, essa “curiosidade epistemológica”.

Essa solidariedade deve ser constantemente buscada, almejada, como uma alternativa para a vida de todos os seres que habitam o Planeta Terra. Precisamos correr riscos. “Sem riscos não haveria possibilidades para a existência humana. Seria uma coisa aguada, insípida. A existência humana seria água sem sal.”¹⁸²

Aos que estão fazendo missão junto às tribos urbanas de rosto *underground*, e porventura estejam desanimados; aos educadores em todos os segmentos de ensino, e que porventura estejam desamparados; aos que exercem diaconia, e que porventura estão sentindo-se sozinhos, ouçam as seguintes palavras de Paulo Freire:

Eu me recuso a aceitar este papel que está comprometido com uma ideologia que contribui para nossa desumanização. De novo eu digo, não vim ao mundo para me adaptar à uma realidade que me é ofertada. Eu reconheço a força desta realidade, o poder desta realidade. Talvez nós nunca tenhamos tido uma realidade tão poderosa como esta diante de nós. Mas mesmo esta realidade poderosa tem de ser vista como transformável, e esta transformação depende de nossos desejos, de nossos sonhos.¹⁸³

¹⁸¹ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 18.

¹⁸² FREIRE, Paulo. 2009. p. 29-30.

¹⁸³ FREIRE, Paulo. 2009. p. 81.

REFERÊNCIAS

1957: Sputnik satellite blasts into space. **BBC on this Day**. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/october/4/newsid_2685000/2685115.stm>. Acesso em: 15 out. 2008.

A geração Z. **Veja**. Edição especial. Setembro. 2001. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/jovens/apresentacao.html>>. Acesso em: 04 mar. 2010.

AVALANCHE ESCOLA DE MISSÕES URBANAS *UNDERGROUND*. **Declaração de missão**. Disponível em: <<http://www.avalanchemissoes.org>>. Acesso em: 17 maio 2008.

BEOZZO, José Oscar. Evangelho e escravidão na teologia latino-americana. In: RICHARD, Pablo, org. **Raízes da teologia latino-americana**. Paulinas: São Paulo, 1988, p. 83-122.

BEULKE, Gisela. **Diaconia: um chamado para servir**. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

BÍBLIA SAGRADA: nova versão internacional. São Paulo: Vida. 2000.

BORNSCHEIN, Fred. 2005. **Visão bíblica da diaconia**. Curitiba: Grafiven. 2005. Disponível em: <http://www.renas.org.br/arquivos/File/Livros/livro_diaconia.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2008.

BOSCH, David J. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

BRASIL, CONGRESSO, CÂMARA DOS DEPUTADOS, COMISSÃO DE DESENVOLVIMENTO URBANO E INTERIOR. **Estatuto da cidade: guia para implementação pelos municípios e cidadãos**: [Lei n. 10257, de 10 de julho de 2001, que estabelece diretrizes gerais da política urbana]. Câmara dos Deputados, Comissão de Desenvolvimento Urbano e Interior: Brasília. 2001.

BRIDGWATER, Willian; SHERWOOD, Elizabeth J. **The Columbia encyclopedia: in one volume**. 2. ed., New York: Columbia University Press. 1950.

CALDAS, Carlos. **Fundamentos da teologia da igreja**. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

CAPELLARI, Marcos Alexandre. **O discurso da contracultura no Brasil: o underground** através de Luiz Carlos Maciel (c. 1970). Orientadora: Raquel Glezer. 2007. 248 f. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História Social. Universidade de São Paulo. São Paulo: 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-14052008-132129/>>. Acesso em: 26 jan. 2009.

CARMO, Paulo Sérgio. **Culturas da rebeldia: a juventude em questão**. 2. ed., São Paulo: Senac, 2000.

CARRIKER, C. Timóteo. **Proclamando boas novas!:** bases sólidas para o evangelismo. Brasília: Palavra, 2008.

CARVALHO, Cláudia Constante. Identidade e intimidade: um percurso histórico dos conceitos psicológicos. *Análise Psicológica*, dez. 1999, vol. 17, n. 4, p. 727-741. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/aps/v17n4/v17n4a09.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2009.

CEIA, Carlos (org.). **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <http://www2.fcsb.unl.pt/edtl/verbetes/B/beat_generation.htm>. Acesso em: 14 out. 2008.

Cinquenta anos no espaço. **Ciência hoje on line**. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/102301>>. Acesso em: 11 out. 2008.

CONTAGEM DA POPULAÇÃO 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/contagem2007/contagem.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2010.

COMUNIDADE S-8. **Histórico da Comunidade S-8**. Disponível em: <<http://comunidades8.org.br/historico.html>>. Acesso em: 31 ago. 2009.

COUPLAND, Douglas. **Geração X: contos para uma cultura acelerada**. Reimpressão. Lisboa: Teorema, 2009.

CROSSAN, John Dominic. **O Jesus histórico: a vida de um camponês judeu do Mediterrâneo**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

DICIONÁRIO AURÉLIO online. Disponível em: <<http://aurelio.ig.com.br/dicaureliopos/home.asp?logado=true&pesquisa=>>. Acesso em: 24 ago. 2009.

DUQUE, José. Do passado para o presente: um balanço da teologia da libertação: contexto, contribuições. In: SUSIN, Luiz Carlos (org.). **Sarça ardente: teologia na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 20-27.

DUSSEL, Enrique. Sistema-mundo, dominação e exclusão - apontamentos sobre a história do fenômeno religioso no processo de globalização da América Latina. In: **História da igreja na América Latina e no Caribe 1945-1995: o debate metodológico**. Petrópolis: Vozes; CEHILA: São Paulo, 1995. p. 39-79.

ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA. Disponível em: <<http://br.geocities.com/vinicrashbr/historia/geral/marcarthismo.htm>>. Acesso em: 12 out. 2008.

FERNANDES, Rubem César. As missões protestantes em números. **Cadernos do ISER**. n. 10. Rio de Janeiro: Tempo e Presença. s.d.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; FREIRE, Nita; OLIVEIRA, Walter Ferreira de: **Pedagogia da solidariedade: América Latina e educação popular**. Indaiatuba: Vila das Letras. 2009.

GAEDE NETO, Rodolfo. **A Diaconia de Jesus: uma contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina**. São Leopoldo: Sinodal. 2001.

_____. **Diaconia em contexto de diversidade religiosa e cultural: um estudo a partir de comunidades afro-brasileiras e das comunhões de mesa de Jesus**. Orientador: Lothar Carlos Hoch. São Leopoldo: EST/IEPG, 2002. 364 f. Tese (doutorado). Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação em Teologia Prática. 2002.

GASPARI, Elio. A roda de Aquarius. In: **A ditadura envergonhada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GEORG, Sissi. **Diaconia e culto cristão: unidade essencial e suas conseqüências para a vida das comunidades cristãs**. Disponível em: <<http://www.lupaprotestante.com/cetela/texto%20%20-%20diaconia%20e%20liturgia%20-%20sissi%20georg.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2009.

GEORGE, Sherron Kay. **Participantes da graça: parceria na missão de Deus**. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2006.

GIRARDI, Giulio. Teologia da Libertação na nova ordem mundial. Crise da esperança e crise da Teologia. In: SUSIN, Luiz Carlos (org.). **Sarça ardente: teologia na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 27-37.

GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu a cultura digital**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

GORGULHO, Maria Laura. Lendo a Bíblia na dinâmica de João: "O amor de Deus pelos homens". **Estudos Bíblicos**, 33, 1992. p. 9-30.

GRINGS, Dadeus. **A evangelização da cidade: o apostolado urbano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

GVCRIME.ORG. Disponível em: <<http://2007.gvcrime.org/crimes/868>>. Acesso em: 30 dez. 2007.

HOBBSAWN, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. 2. ed. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

IBGE. **População jovem no Brasil: a dimensão demográfica**. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/populacao_jovem_brasil/comentario1.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2009.

IBGETEEN. **A população brasileira é eminentemente urbana**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/demograficas.html>>. Acesso em: 07 jan. 2009.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed., São Paulo: Perspectiva, 1998.

KÜNG, Hans. **Teologia a caminho: fundamentação para o diálogo ecumênico**. São Paulo: Paulinas, 1999.

LOIOLA, Rita. Geração Y. **Galileu**. São Paulo, Globo, 219, out. 2009. <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87165-7943-219,00-GERACAO+Y.html>>. Acesso em: 04 mar. 2010.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. Loyola: São Paulo, 1990.

MÍGUEZ BONINO, José. Love and social transformation in liberation theology. IN: ELLIS, Marc; MADURO, Otto (orgs.) **The future of liberation theology: essays in honor of Gustavo Gutiérrez**. Maryknoll: Orbis, 1989. p. 121-128.

MULLER, Ênio. Um balanço da Teologia da Libertação como *intellectus amoris*. In: SUSIN, Luiz Carlos (org.). **Sarça ardente: teologia na América Latina**. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 41-47.

NORDSTOKKE, Kjell (Org.). **Diaconia: fé em ação**. São Leopoldo: Sinodal, 1995.

OLIVEIRA, Graciete Maria de. **Formação de educadores populares: análise da experiência educativa de creches comunitárias vinculadas à Associação de Educadores Populares de Porto Alegre – AEPPA**. Orientador: Manfredo Carlos Wachs. São Leopoldo: EST/PPG, 2008. 144 f. Dissertação (mestrado). Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação em Teologia Prática. 2008.

ORTI, Luiz Vitório. **Comensalidade e ascese: conflitos de projetos messiânicos a partir de Lc 7, 31-35**. Orientador: Paulo A. de Souza Nogueira. São Bernardo do Campo: UMESP/PPG, 2007. 122 f. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UMESP. Universidade Metodista de São Paulo. 2007. Disponível

em: <http://ibict.metodista.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=846>. Acesso em: 20 jul. 2009.

PADDISON, Sara. **O poder oculto do coração**: fonte inesgotável de inteligência. 9. ed., Cultrix: São Paulo. 2004.

PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva. **Tribos urbanas**: produção artística e identidades. (Coords.) São Paulo: Annablume, 2004.

PALMA MANRÍQUEZ, Samuel. O novo rosto da Igreja na região andina e na América Latina. In: CASCO, Miguel Angel; CABEZAS, Roger, PALMA MANRÍQUEZ, Samuel. **Pentecostais, libertação e ecumenismo**. S.l.: CECA/CEBI, 1996. p. 383-387.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. 6 ed., São Paulo: Brasiliense, 1983.

RESENDE, Paulo-Edgar Almeida. Trajetórias do discurso latino-americanista. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 3-11, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-8392002000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 ago. 2009.

RIEFF, Sissi Georg. 2003. **Diaconia e culto cristão**: o resgate de uma unidade e suas conseqüências para a vida das comunidades cristãs. Orientador: Nelson Kirst. São Leopoldo: EST/IEPG, 2003. 368 f. Tese (doutorado). Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação em Teologia Prática. 2003.

ROCHA, Nelson Célio de Mesquita. **A semântica e a natureza da diaconia**. Aula n. 1, p. 2. Seminário Teológico Presbiteriano Ashbel Green. Disponível em: <http://www.seminariosimonton.com/textos/3-diaconia_fundamentos-teologicos.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2008.

ROSZAK, Theodore. **A contracultura**. Reflexões sobre a sociedade tecnocrática e a oposição juvenil. Petrópolis: Vozes, 1972.

SILVA, Geraldo Luiz da. Amor aos rejeitados. **Revista Cristã**. Belo Horizonte, n. 41. p. 7-20, 2007.

_____. **História da contracultura**. Apostila. Vitória. 2005.

SOFRANKO, Steven Jude. **Where the Jesus People went**: a study of Santa Rosa Christian Church and an intersection of religious movements. Coordinator: Luke Buckles. 2000. 144 f. *Martens of Arts*. Berkeley: California, 2000. Disponível em: <http://ia331430.us.archive.org/2/items/wherejesuspeople00sofrich/wherejesuspeople00sofrich_bw.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2009.

STOTT, John R. W. **Contracultura cristã**. A mensagem do sermão do monte. São Paulo: ABU, 1981.

Street Christians: Jesus as the ultimate trip. **Time**. v. 96, n. 5. 03 ago. 1970. Disponível em: <<http://www.time.com/time/printout/0,8816,876689,00.html>>. Acesso em: 18 out. 2008.

The Jesus revolution. **Time**. v. 97, n. 25. 21 jun. 1971. Disponível em: <<http://www.time.com/time/covers/0,16641,1101710621,00.html>>. Acesso em: 18 out. 2008.

The new rebel cry: Jesus is coming! **Time**. v. 97, n. 25. 21 jun. 1971. Disponível em: <<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,905202,00.html>>. Acesso em: 18 out. 2008.

TRIBAL GENERATION. Disponível em: <<http://www.tribalgeneration.org/prt/conteudo.php?url=ministerios>>. Acesso em: 15 maio 2008.

URBAN DICTICIONARY. **Yippie**. Disponível em: <<http://www.urbandictionary.com/define.php?term=yippie>>. Acesso em: 16 out. 2008.

VATTIMO, Gianni. **Para além da interpretação**. O significado da hermenêutica para a filosofia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

VEIGA, José Eli da. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. 2. ed., Campinas: Autores Associados, 2003.

VILLA, Lucas. Nihilismo Ativo e Direito na Pós-Modernidade. **Revista Persona**. n. 68, 2007. Disponível em: <http://www.revistapersona.com.ar/Persona68/68Villa.htm#_ftn16>. Acesso em: 25 maio 2008.

WILLER, Claudio. **Geração Beat**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Fundamentos da teologia prática**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

ZWETSCH, Roberto E. **Missão como com-paixão**: por uma teologia da missão em perspectiva latino-americana. São Leopoldo: Sinodal; Quito: CLAI, 2008.

_____. Missão: testemunho do evangelho no horizonte do reino de Deus. IN: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph (org.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal: ASTE, 1998.

ANEXOS

ANEXO 1 - CARACTERIZAÇÃO DOS ENTREVISTADOS

FUNDADOR Nº 1 – Casado, 40 anos, fotógrafo técnico, atualmente missionário e diretor da Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground*.

FUNDADORA Nº 2 – Casada, 37 anos, Formada em Administração de Empresas com ênfase em Marketing, Especialização em Aconselhamento Cristão, Pós-Graduação em Terapia Familiar Sistêmica e Curso de Estudos Bíblicos do Living Faith Bible College - Canadá. Atualmente é missionária e diretora da Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground*.

FUNDADORA Nº 3 – Casada, 35 anos, Pedagoga, Pós-graduada em Pedagogia nas Organizações. Pedagoga do município de Vitória/ES.

ANEXO 2 - ENTREVISTA COM OS FUNDADORES DA ESCOLA

FUNDADOR Nº 1

1. **Nome:** Claudiniz Fernandes Braga.
2. **Qual sua origem em termos confessional?** Igreja Batista da Convenção Brasileira em Belo Horizonte MG.
3. **Em que igreja você é membro atualmente?** Caverna de Adulão e Presbiteriana do Brasil.
4. **Como você se define? Cristão? Evangélico? Protestante?** Cristão.
5. **Como você se envolveu com o movimento cristão de rosto *underground*?** Eu vim do cenário *underground* alternativo e foi onde achei aconchego e amor de Jesus.
6. **Por que a Escola foi implantada na cidade de Vitória?** Foi uma direção que senti de Deus. No início não entendi. Pela lógica deveria ser São Paulo, Rio de Janeiro ou Belo Horizonte. Mas Deus quis que fosse em Vitória e nada melhor do que viver no centro da vontade de Deus.
7. **Como ocorreu a implantação da Escola na cidade de Vitória?** Como já existia uma direção de Deus, organizei o projeto, convidei uns amigos, e alugamos um prédio e começaram a chegar os alunos e estão chegando até hoje.
8. **De onde surgiu o nome “Avalanche” e qual o significado?** Pouco tempo antes da plantação da missão fui ministrar em uma conferência em Porto Velho. Depois da minha palestra um missionário me trouxe uma palavra de ânimo e disse que o Senhor Jesus faria uma AVALANCHE de Missões Urbanas através da obediência em investir na

escória da sociedade que a igreja repudiava por causa do preconceito. Então é AVALANCHE.

9. **Por que uma Escola de Missões?** Por que vemos que no reino de Deus existem muitas pessoas que têm o chamado, outras disponíveis e outras que realmente precisam se capacitar até mesmo como cristãs para viverem num propósito de transformação da sociedade com as marcas de Cristo.

10. **A proposta missionária da Escola se identifica em algum grau com a proposta de sua confessionalidade de origem?** Com a Caverna de Adulão. Interdenominacional.

11. **Qual a proposta missionária da Escola? Expansionista, proselitista ou inclusivista?** Inclusivista.

12. **Por que a Escola não é identificada como cristã, evangélica ou confessional?** Somos cristãos.

13. **A Escola está atualmente registrada como uma ONG. Existe alguma razão específica?** Somos todos voluntários e trabalhamos de tempo integral, e é muito difícil conseguir sustento da igreja evangélica e geralmente ela não se envolve com trabalhos dos quais fazemos com pessoas não muito convencionais.

14. **Como foi estabelecido o conteúdo programático de ensino?** Estabelecemos uma equipe de conselheiros, professores e fizemos uma pesquisa de campo e contextualizamos com a necessidade da problemática urbana e a nova geração de missionários. Igrejas emergentes pra geração emergente.

15. **Como são escolhidos os professores da Escola?** Caráter, didática, conteúdo, relacionamento, e contextualização.

16. **Quais os pré-requisitos para o candidato se matricular na Escola?** Preencher o formulário, carta da sua liderança, pagamento de inscrição, aprovação da equipe de liderança da Avalanche depois do processo seletivo.

17. **De onde é proveniente o sustento dos alunos, obreiros e missionários?** Cada um é responsável pelo seu próprio sustento, fazemos “tendas”, vendemos camisetas, artesanatos, fazemos festas, quando vamos nas igrejas, às vezes ganhamos ofertas e outras coisas mais.

18. **Por que foi adotado um sistema de internato para alunos, obreiros e missionários?** É a melhor forma de se treinar um missionário, os relacionamentos do dia a dia nos quartos, sala de aula, e nas partes práticas do curso onde o aluno tem de produzir aquilo que ouve e prestar contas do que está fazendo.

19. **Quantos alunos foram recebidos na Escola desde sua fundação?** Até o presente momento, em 5 anos de existência, 220 alunos formados.

20. **Qual a origem confessional deles?** Cada um vem de uma denominação diferente.

21. **A Escola tem um posicionamento teológico específico?** A escola respeita a posição de cada aluno, professor e voluntário.

22. **Como você definiria a teologia da Escola: fundamentalista ou liberal?** Liberal

23. **Você considera a Escola como um movimento híbrido de tradição protestante e ou evangélica com elementos de pós-modernidade e reflexibilidade?** Sim

24. **O que difere a Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground* de outros ministérios e escolas de missões, cristãos de rosto *underground*?** Somos piores e inferiores a todos os outros ministérios. Sempre desorganizando pra organizar, e sempre nos organizando pra desorganizar. Estamos na política da vaca para o sistema.

25. **Os movimentos cristãos de rosto *underground* estão vinculados uns aos outros ou são independentes?** Alguns estão e outros não, estamos lutando pra desenvolvermos uma rede de relacionamento, mas tem gente que sempre será ilha.

26. **A Escola está subordinada a alguma instituição ou conselho para o qual presta relatórios de suas atividades?** Sim, existe um conselho de pastores de denominações diferentes que prestamos conta de tudo. Eles são nossos conselheiros.

27. **Os ministérios cristãos de rosto *underground* são vez por outra acusados de modismo? Existe uma razão concreta para isso ocorrer?** Sim, muitas vezes. Sempre estamos mudando, contextualizando, quebrando tudo. Desorganizando pra organizar.

28. **Como é o relacionamento da Escola com as igrejas cristãs institucionais?** Nosso relacionamento é muito melhor com as igrejas mais históricas e convencionais. As pentecostais e neo pentecostais só ficam mandando o capeta sair de nosso corpo. Já até pedimos, mas ele não sai. Então fica aí parado esperando agente fazer a obra de Deus.

FUNDADORA Nº 2

1. **Nome:** Andréa da Fonseca Vargas.

2. **Qual sua origem em termos confessional?** Vim de berço católico, mas aos 21 anos me converti a Cristo na Igreja Cristã Contemporânea (SP) – que não existe mais.

3. **Em que igreja você é membro atualmente?** Igreja Missionária Unida do Brasil (Ji-Paraná – RO).

4. **Como você se define? Cristão? Evangélico? Protestante?** Cristã, Protestante, Membro de igreja evangélica (Igreja Missionária Unida do Brasil – Ji-Paraná/RO).

5. **Como você se envolveu com o movimento cristão de rosto *underground*?** Em 2000, tinha como melhor amigo um rapaz que estava envolvido na prática compulsiva da homossexualidade e tinha sido missionário cristão evangélico. Fiquei intrigada em não saber como ajudá-lo a lidar com sua orientação sexual. Ele tentou o suicídio em função da depressão associada às recaídas de ordem sexual. Nesse meio tempo, 3 homossexuais se converteram na minha igreja e após algum tempo os 3 desviaram e se fecharam para o evangelho por não entenderem porque Cristo não os “libertara”. Em função disso, clamei a Deus para me ensinar sobre a sexualidade humana. Minha liderança e eu nos vimos incomodados para buscarmos conhecimento. Como já trabalhávamos com desenvolvimento comunitário, presídio e capelania hospitalar, os excluídos na área da sexualidade pareciam ser mais um grupo que precisaríamos nos envolver. Sendo assim, fui enviada pela igreja como missionária em tempo integral para ajudar na implantação do Avalanche (janeiro de 2004).

6. **Por que a Escola foi implantada na cidade de Vitória?** Direção de Deus dada ao Diniz Braga (fundador da missão).

7. **Como ocorreu a implantação da Escola na cidade de Vitória?** No final de 2001, Diniz já estava em Vitória devido a uma direção de Deus para que investisse no cenário underground/alternativo em Vitória. Nesse período, ajudou o Milícia a se estruturar como igreja. Em 2003, Diniz convidou Fabrício e Wayne (todos da Caverna de Adulão - BH) para ajudarem na implantação do Avalanche em Vitória. Ficaram hospedados na casa onde funcionava o Milícia. Em frente a essa casa havia um prédio de 3 andares que estava fechado. Diniz entrou em contato com o dono do prédio e negociou a locação do mesmo. Fechado o negócio, com a ajuda do Pr. Domingos Sávio e da amiga Nagil, deu-se início à organização da base onde aconteceriam as escolas do Avalanche. Desde 2004, estamos no mesmo prédio que já ficou pequeno para a demanda de trabalho.

8. **De onde surgiu o nome “Avalanche” e qual o significado?** O nome Avalanche foi fruto de uma palavra que o Diniz recebeu após o evento DNA da Jocum (Porto Velho) em 2002. Um missionário, após o evento, procurou o Diniz dizendo que Deus faria uma avalanche de missões no Brasil através da obediência e santidade dessa geração.

9. **Por que uma Escola de Missões?** Os ministérios alternativos/underground no Brasil começaram a crescer, em alguns casos se tornar igreja e não havia obreiros qualificados para o trabalho.

10. **Qual a proposta missionária da Escola? Expansionista, proselitista ou inclusivista?** Creio que inclusivista.

11. **A proposta missionária da Escola se identifica em algum grau com a proposta de sua confessionalidade de origem?** Sim, minha igreja há anos trabalha pelos excluídos (ex: comunidades carentes, sistema prisional e capelania hospitalar).

12. **Por que a Escola não é identificada como cristã, evangélica ou confessional?** Ela é identificada como cristã-protestante cuja liderança faz parte da igreja evangélica.

13. **A Escola está atualmente registrada como uma ONG. Existe alguma razão específica?** Está registrada como ONG a fim de oferecer mais credibilidade para investidores em missões.

14. **Como foi estabelecido o conteúdo programático de ensino?** Não participei da elaboração da primeira grade curricular, somente das demais. Creio que a motivação inicial foi a necessidade dos ministérios underground e alternativos por obreiros capacitados para o trabalho. Mais tarde, vimos que a igreja de um modo geral está se abrindo para a necessidade de aprender a lidar com a geração emergente, porque de lá virá o futuro da própria igreja.

15. **Como são escolhidos os professores da Escola?** Pela capacidade de ministrarem e agirem naquilo que entendemos serem traços da mente, coração e comportamento da geração emergente. Precisam de conteúdo, vida com Deus (na maioria dos casos, embora tenhamos professores espíritas e líderes de movimentos não-cristãos – como é o caso do líder no movimento skinhead no ES) e projeto em andamento.

16. **Quais os pré-requisitos para o candidato se matricular na Escola?** Para a maioria das escolas precisa ser maior de idade (a escola de verão aceita alunos acima de 14 anos), ser convertido a Jesus Cristo, estar em comunhão com a igreja, ter chamado para trabalhar com a geração emergente e estar disposto a se submeter ao regimento interno da missão.

17. **De onde é proveniente o sustento dos alunos, obreiros e missionários?** Obreiros, alunos e voluntários costumam levantar sustento junto a igrejas ministérios, amigos e familiares. Para obreiros e voluntários, possibilitamos levantar sustento em meio-período trabalhando fora da missão (ex: vender trufas/camisetas/artesanato, dar aula, etc.). Nenhuma pessoa que trabalhe no Avalanche é remunerado ainda e todos contribuem financeira com a missão para arcarmos com as despesas.

18. **Por que foi adotado um sistema de internato para alunos, obreiros e missionários?** Para realmente tratar a equipe de forma profunda, sabendo que as relações são um dos meios mais eficazes para isso.

19. **Quantos alunos foram recebidos na Escola desde sua fundação?** Até o presente momento, em 5 anos de existência, 220 alunos formados e em formação. Muitos outros passaram pelo Avalanche mas, não concluíram os cursos. Centenas foram ministrados nas escolas de módulos que funcionam fora na base de Vitória, mas não foram computados nessa quantidade.

20. **Qual a origem confessional deles?** Em geral, são de Igrejas Presbiterianas (tradicional, na maioria), Batistas (tradicional e renovadas) e de Comunidades (das mais diversas). Já tivemos alunos da Igreja Metodista, Quadrangular e alunos em procura de igreja por terem sido expulsos das suas desde que assumiram o chamado de missões urbanas. Nesse caso, o aluno precisa encontrar uma igreja em Vitória para se tornar membro, ter comunhão e prestar contas de sua vida para a liderança da igreja local.

21. **A Escola tem um posicionamento teológico específico?** Adotamos a Bíblia como carta-magna e pedimos conselhos para um grupo de pastores que nos acompanha na tomada de decisão e nos trabalhos da missão. Mas, não há um posicionamento teológico específico.
22. **Como você definiria a teologia da Escola: fundamentalista ou liberal?** Pode ser fundamentalista na Palavra mas, liberal na graça de Deus?
23. **Você considera a Escola como um movimento híbrido de tradição protestante e ou evangélica com elementos de pós-modernidade e flexibilidade?** Não sei, mas gostei das duas propostas.
24. **O que difere a Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground* de outros ministérios e escolas de missões, cristãos de rosto *underground*?** O Avalanche é a primeira escola de missões urbanas no Brasil. Isso não significa que o mesmo trabalho não tenha sido feito antes, mas em termos de escola, trata-se de elaborar uma grade curricular específica no assunto da geração emergente. Sendo assim, fica difícil comparar com outros trabalhos.
25. **Os movimentos cristãos de rosto *underground* estão vinculados uns aos outros ou são independentes?** A idéia, especialmente após do advento do Congresso *Underground* Cristão do Brasil (CNUC) e do *Tribal Generation* (rede de relacionamento ministerial), é que os ministérios se unam para compartilharem suas lutas, bênçãos e trabalhos a fim de que, especialmente a liderança, não se sintam só e em situação de vulnerabilidade. Em geral, os ministérios *underground* e alternativos se encontram no CNUC (anual), TG (em um ano, em Uberlândia no TG Global e no outro ano, no TG Regional que acontece em diferentes cidades brasileiras) e no Ajuntamento das Tribos (Comunidade S8 – RJ).
26. **A Escola está subordinada a alguma instituição ou conselho para o qual presta relatórios de suas atividades?** A liderança do Avalanche é plural (obreiros com mesma autoridade participando da tomada de decisão juntos), mas há a figura do Diniz que é quem responde pelo Avalanche e tem a palavra final. Todos são membros de igreja e prestam conta de suas vidas para essa liderança e uns aos outros na missão. Além disso, temos alguns conselheiros do ministério: Pr. Geraldo Silva – Caverna de Adulão (BH), Pr. Usiel Carneiro – Batista Morada de Camburi (Vitória), Presbítero Hudson Pereira – Presbiteriana de Jardim Camburi (Vitória), Pr. Rogimário Menezes – Assembléia de Deus (Vitória), Pr. Domingos Sávio – Presbiteriana, Pr. Edson – Batista Esperança (Vitória) e Pr. Júlio Brotto – Batista Itacibá (Cariacica).
27. **Os ministérios cristãos de rosto *underground* são vez por outra acusados de modismo? Existe uma razão concreta para isso ocorrer?** Pode ainda até estar nas capas de revistas, mas o trabalho é totalmente “fora de moda”. Ex: enquanto parte da igreja no Brasil se abre para a teologia da prosperidade, tentamos – junto à igreja - trabalhar com os “sem lenço nem documento”; enquanto parte da igreja no Brasil se abre para a libertinagem sexual maquiada de puritanismo, tentamos – junto à igreja - desnudar a superficialidade em prol da redenção da sexualidade.
28. **Como é o relacionamento da Escola com as igrejas cristãs institucionais?** Somos membros dela e cremos que somente através da igreja – independente da “cara” que tiver - o mundo terá acesso a sal e luz, podendo ter condição de se chegar ao Deus da graça, através da pessoa de Jesus Cristo.

FUNDADORA Nº 3

1. **Nome:** Wayne Barbosa dos Santos da Costa.
2. **Qual sua origem em termos confessional?** Igreja Batista Brasileira.

3. **Em que igreja você é membro atualmente?** Comunidade Cristã Caverna de Adulão – Belo Horizonte/MG. Trabalhando com missões urbanas em Vitória/ES, e procurando uma igreja local. Nos últimos dois anos congregando no Ministério Milícia Missões Urbanas.
4. **Como você se define? Cristão? Evangélico? Protestante?** Protestante.
5. **Como você se envolveu com o movimento cristão de rosto *underground*?** Em 1998, ano em que conheci a Comunidade Cristã Caverna de Adulão e os trabalhos desenvolvidos em Belo Horizonte com jovens e adolescentes envolvidos em movimentos urbanos, soropositivos e ou vivendo da prostituição nas ruas da cidade. Este foi o primeiro contato com esse universo, conflitante com minha formação familiar e religiosa.
6. **Por que a Escola foi implantada na cidade de Vitória?** Inicialmente, em função do trabalho desenvolvido pelo Ministério Milícia Missões Urbanas na cidade, com a participação de um missionário da Caverna – Claudiniz Braga.
7. **Como ocorreu a implantação da Escola na cidade de Vitória?** A partir de uma reunião de sensibilização com possíveis participantes durante o II Congresso *Underground* Cristão, este aconteceu na Barra do Jucu (Vila Velha/ES) em 2003 [?].
8. **De onde surgiu o nome “Avalanche” e qual o significado?** O nome foi escolhido por um missionário e não tem nenhum significado espiritual. Porém, uma passagem bíblica foi utilizada no sentido de agregar valor ao novo ministério e suas especificidades.
9. **Por que uma Escola de Missões?** A visão de uma escola ou centro de treinamento é anterior ao evento que originou este trabalho. Pastor Fábio de Carvalho - fundador da Comunidade Cristã Caverna de Adulão, falecido em 2007 - já apontava a necessidade de treinamento/capacitação de jovens que tivessem interesse em cooperar com igrejas locais brasileiras, uma vez que o mesmo sempre recebia pedidos de ajuda. Penso que a Escola é fruto desse discurso e demandas. Embora o Pastor Fábio não tenha se envolvido com o trabalho em Vitória, talvez em função da localização da escola, o que também gerou conflitos com nossa igreja de origem.
10. **Qual a proposta missionária da Escola? Expansionista, proselitista ou inclusivista?** Penso que expansionista.
11. **A proposta missionária da Escola se identifica em algum grau com a proposta de sua confessionalidade de origem?** Não.
12. **Por que a Escola não é identificada como cristã, evangélica ou confessional?** A intenção inicial era manter um caráter interdenominacional.
13. **A Escola está atualmente registrada como uma ONG. Existe alguma razão específica?** Atualmente não participo mais do trabalho e não sei dizer as atuais razões.
14. **Como foi estabelecido o conteúdo programático de ensino?** Inicialmente como fruto das reflexões de reuniões coletivas com líderes envolvidos nos trabalhos desenvolvidos em Belo Horizonte/MG, Rio de Janeiro/RJ e Vitória/ES.
15. **Como são escolhidos os professores da Escola?** A partir de contatos com as diferentes áreas de conhecimento, conforme assuntos arrolados na grade curricular, esses possíveis instrutores/educadores podem estar ligados a ONGs, ministérios e/ou igrejas, dependendo da área de conhecimento cristãos ou não.
16. **Quais os pré-requisitos para o candidato se matricular na Escola?** Desde o início foram estabelecidos alguns critérios tais como: serem membros de alguma igreja local, ter pelo menos dois anos de conversão, estarem envolvidos com algum departamento/ministério da igreja local, ser encaminhado pelo pastor responsável, ter condições financeiras de arcar com os custos das mensalidades, etc.

17. **De onde é proveniente o sustento dos alunos, obreiros e missionários?** Obreiros e Missionários não são remunerados pela Escola, recebem ofertas de igrejas e pessoas físicas e ou trabalham em tempo parcial na própria cidade; alunos são sustentados pelas famílias e/ou igrejas locais.
18. **Por que foi adotado um sistema de internato para alunos, obreiros e missionários?** Inicialmente por se tratar de um trabalho com o foco no atendimento às pessoas de diferentes cidades/estados brasileiros.
19. **Quantos alunos foram recebidos na Escola desde sua fundação?** Atualmente não tenho acesso a tal informação.
20. **Qual a origem confessional deles?** Alguns batistas, outros presbiterianos, etc.
21. **A Escola tem um posicionamento teológico específico?** Não, embora aspectos teológicos das igrejas de origem dos missionários e obreiros reflitam no cotidiano da escola.
22. **Como você definiria a teologia da Escola: fundamentalista ou liberal?** Não se trata de teologia liberal. Mas será fundamentalista? Não sei.
23. **Você considera a Escola como um movimento híbrido de tradição protestante e ou evangélica com elementos de pós-modernidade e reflexibilidade?** Sim, como reflexo de ministérios relevantes na construção da concepção de ensino adotada, tendo em vista conteúdos curriculares adotados. Mas, a escola como elemento isolado não. Penso que a Comunidade S8 (São Gonçalo/RJ); a Comunidade Cristã Caverna de Adulão (Belo Horizonte/MG); e a mais recente Milícia Missões Urbanas (Vitória/ES), podem sim, de maneira mais concreta, representar um possível movimento híbrido de tradição protestante com elementos de pós-modernidade, envolvendo aspectos ético, estético e comportamental do ser cristão protestante neste tempo-espaço.
24. **O que difere a Avalanche Escola de Missões Urbanas *Underground* de outros ministérios e escolas de missões, cristãos de rosto *underground*?** Na minha opinião apenas conteúdos referentes a determinadas áreas de conhecimento, pouco exploradas por outras escolas cristãs brasileiras, tendo em vista aspectos sociológicos e comportamentais críticos e conflitantes para algumas igrejas. Mas as questões estéticas individuais não representam na atualidade qualquer aspecto determinante para diferenciação.
25. **Os movimentos cristãos de rosto *underground* estão vinculados uns aos outros ou são independentes?** São independentes, porém mantém laços de amor e respeito mútuo. Nos últimos anos nota-se tal movimento por meio do estreitamento na articulação de eventos nacional de forte adesão por partes desses movimentos, tais como: O Ajuntamento das Tribos, o Congresso *Underground*, e o *Tribal Generation*.
26. **A Escola está subordinada a alguma instituição ou conselho para o qual presta relatórios de suas atividades?** Não, relatórios de atividades são apresentados por missionários de maneira individualizada aos seus respectivos mantenedores e igrejas, uma vez que a escola não existe do ponto de vista legal, como pessoa jurídica. Nesse sentido, não existe nenhum conselho estabelecido legalmente.
27. **Os ministérios cristãos de rosto *underground* são vez por outra acusados de modismo? Existe uma razão concreta para isso ocorrer?** Por ter transitado nos dois universos – um mais conservador e outro de rosto *underground* – penso que tais acusações têm caráter discriminatório, e refletem uma religiosidade da igreja mais conservadora, tendo em vista aspectos estéticos determinantes para o estabelecimento de juízo de valor por parte daqueles que proferem tais acusações.
28. **Como é o relacionamento da Escola com as igrejas cristãs institucionais?** A intenção é sempre de aproximação e respeito, embora nem sempre alcançados. Pessoalmente, já vivenciei várias situações de preconceito, discriminação, destrato e

desrespeito, por fazer parte desse grupo desde 1998. Mas, por uma convicção do que somos em Cristo, muito mais sólidos do que antes, aprendemos a abstrair tais linguagens promovidas pela igreja. Quanto àqueles que não professam a fé em Cristo Jesus, por vezes conseguimos ser mais facilmente aceitos.

ANEXO 3 - HOWL - UIVO - POEMA DE ALLEN GINSBERG

Uivo¹⁸⁴

Para Carl Salomon

I

Eu vi os expoentes da minha geração destruídos pela loucura, morrendo de fome, histéricos, nus, arrastando-se pelas ruas do bairro negro de madrugada em busca de uma dose violenta de qualquer coisa, hipsters com cabeça de anjo ansiando pelo antigo contato celestial com o dínamo estrelado da maquinaria da noite, que pobres, esfarrapados e olheiras fundas, viajaram fumando sentados na sobrenatural escuridão dos miseráveis apartamentos sem água quente, flutuando sobre os tetos das cidades contemplando jazz, que desnudaram seus cérebros ao céu sob o Elevado e viram anjos maometanos cambaleando iluminados nos telhados das casas de cômodos, que passaram por universidades com olhos frios e radiantes alucinando Arkansas e tragédias à luz de Blake entre os estudiosos da guerra, que foram expulsos das universidades por serem loucos & publicarem odes obscenas nas janelas do crânio, que se refugiaram em quartos de paredes de pintura descascada em roupa de baixo queimando seu dinheiro em cestos de papel, escutando o Terror através da parede, que foram detidos em suas barbas púbicas voltando por Laredo com um cinturão de marijuana para Nova York, que comeram fogo em hotéis mal-pintados ou beberam terebentina em Paradise Alley, morreram ou flagelaram seus torsos noite após noite com sonhos, com drogas, com pesadelos na vigília, álcool e caralhos e intermináveis orgias, incomparáveis ruas cegas sem saída de nuvem trêmula e clarão na mente pulando nos postes dos pólos de Canadá & Paterson, iluminando completamente o mundo imóvel do Tempo intermediário, solidez de Peiote dos corredores, aurora de fundo de quintal com verdes árvores de cemitério, porre de vinho nos telhados, fachadas de lojas de subúrbio na luz cintilante de neon do tráfego na corrida de cabeça feita do prazer, vibrações de sol e lua e árvore no ronco de crepúsculo de inverno de Brooklyn, declamações entre latas de lixo e a suave soberana luz da mente, que se acorrentaram aos vagões do metrô para o infindável percurso do Battery ao sagrado Bronx de benzedrina até que o barulho das rodas e crianças os trouxesse de volta,

¹⁸⁴ GINSBERG, Allen. **Uivo, Kaddish e outros poemas**. Tradução de Claudio Willer. 2. ed., Porto Alegre: L&PM, 2006. p. 25-34.

trêmulos, a boca arrebetada e o despovoado deserto do cérebro esvaziado de qualquer brilho na lúgubre luz do Zoológico,
que afundaram a noite toda na luz submarina de Bickford's, voltaram à tona e passaram a tarde de cerveja choca no desolado Fuggazi's escutando o matraquear da catástrofe na vitrola automática de hidrogênio,
que falaram setenta e duas horas sem parar do parque ao apê ao bar ao Hospital Bellevue ao Museu à Ponte de Brooklyn,
batalhão perdido de debatedores platônicos saltando dos gradis das escadas de emergência dos parapeitos das janelas do Empire State da Lua,
tagarelando, berrando, vomitando, sussurrando fatos e lembranças e anedotas e viagens visuais e choques nos hospitais e prisões e guerras,
intelectos inteiros regurgitados em recordação total com os olhos brilhando por sete dias e noites, carne para a sinagoga jogada à rua,
que desapareceram no Zen de Nova Jersey de lugar algum deixando um rastro de cartões postais ambíguos do Centro Cívico de Atlantic City,
sofrendo suores orientais, pulverizações tangerianas nos ossos e enxaquecas da China por causa da falta da droga no quarto pobremente mobiliado de Newark,
que deram voltas e voltas à meia-noite no pátio da ferrovia perguntando-se aonde ir e foram, sem deixar corações partidos,
que acenderam cigarros em vagões de carga, vagões de carga, vagões de carga que rumavam ruidosamente pela neve até solitárias fazendas dentro da noite do avô,
que estudaram Plotino, Poe, São João da Cruz, telepatia e bop-cabala pois o Cosmos instintivamente vibrava a seus pés em Kansas,
que passaram solitários pelas ruas de Idaho procurando anjos índios e visionários que eram anjos índios e visionários,
que só acharam que estavam loucos quando Baltimore apareceu em êxtase sobrenatural,
que pularam em limusines com o chinês de Oklahoma no impulso da chuva de inverno na luz das ruas de cidade pequena à meia-noite,
que vaguearam famintos e sós por Houston procurando jazz ou sexo ou rango e seguiram o espanhol brilhante para conversar sobre América e Eternidade, inútil tarefa, e assim embarcaram num navio para a África,
que desapareceram nos vulcões do México nada deixando além da sombra das suas calças rancheiras e a lava e a cinza da poesia espalhadas pela lareira Chicago,
que reapareceram na Costa Oeste investigando o FBI de barba e bermudas com grandes olhos pacifistas e sensuais em suas peles morenas, distribuindo folhetos ininteligíveis, que apagaram cigarros acesos em seus braços protestando contra o nevoeiro narcótico de tabaco do Capitalismo,
que distribuíram panfletos supercomunistas em Union Square, chorando e despindo-se enquanto as sirenes de Los Alamos os afugentavam gemendo mais alto que eles e gemiam pela Wall Street e também gemia a balsa de Staten Island,
que caíram em prantos em brancos ginásios desportivos, nus e trêmulos diante da maquinaria de outros esqueletos,
que morderam policiais no pescoço e berraram de prazer nos carros de presos por não terem cometido outro crime a não ser sua transação pederástica e tóxica,
que uivaram de joelhos no metrô e foram arrancados do telhado sacudindo genitais e manuscritos,
que se deixaram foder no rabo por motociclistas santificados e urraram de prazer,
que enrabaram e foram enrabados por esses serafins humanos, os marinheiros, carícias de amor atlântico e caribeano,

que transaram pela manhã e ao cair da tarde em roseirais, na grama de jardins públicos e cemitérios, espalhando livremente seu sêmem para quem quisesse vir,
que soluçaram interminavelmente tentando gargalhar mas acabaram choramingando atrás de um tabique de banho turco onde o anjo loiro e nu veio trespassá-los com sua espada,
que perderam seus garotos amados para as três megeras do destino, a megera caolha do dólar heterossexual, a megera caolha que pisca de dentro do ventre e a megera caolha que só sabe ficar plantada sobre sua bunda retalhando os dourados fios intelectuais do tear do artesão,
que copularam em êxtase insaciável com uma garrafa de cerveja, uma namorada, um maço de cigarros, uma vela, e caíram da cama e continuaram pelo assoalho e pelo corredor e terminaram desmaiando contra a parede com uma visão da boceta final e acabaram sufocando um derradeiro lampejo de consciência,
que adoçaram as trepadas de um milhão de garotas trêmulas ao anoitecer, acordaram de olhos vermelhos no dia seguinte mesmo assim prontos para adoçar trepadas na aurora, bundas luminosas nos celeiros e nus no lago,
que foram transar em Colorado numa miríade de carros roubados à noite, N.C. herói secreto destes poemas, garanhão e Adônis de Denver - prazer ao lembrar das suas incontáveis trepadas com garotas em terrenos baldios & pátios dos fundos de restaurantes de beira de estrada, raquíticas fileiras de poltronas de cinema, picos de montanha, cavernas ou com esqueléticas garçonetes no familiar levantar de saias solitário à beira da estrada & especialmente secretos solipsismos de mictórios de postos de gasolina & becos da cidade natal também,
que se apagaram em longos filmes sórdidos, foram transportados em sonho, acordaram num Manhattan súbito e conseguiram voltar com uma impiedosa ressaca de adegas de Tokay e o horror dos sonhos de ferro da Terceira Avenida & cambalearam até as agências de desemprego,
que caminharam a noite toda com os sapatos cheios de sangue pelo cais coberto por montões de neve, esperando que uma porta se abrisse no East River dando num quarto cheio de vapor e ópio,
que criaram grandes dramas suicidas nos penhascos de apartamentos do Hudson à luz de holofote anti-aéreo da lua & suas cabeças receberão coroas de louro no esquecimento,
que comeram o ensopado de cordeiro da imaginação ou digeriram o caranguejo do fundo lodoso dos rios de Boverly,
que choraram diante do romance das ruas com seus carrinhos de mão cheios de cebola e péssima música,
que ficaram sentados em caixotes respirando a escuridão sob a ponte e ergueram-se para construir clavicórdios nos seus sótãos,
que tossiram num sexto andar do Harlem coroados de chamas sob um céu tuberculoso rodeados pelos caixotes de laranja da teologia,
que rabiscaram a noite toda deitando e rolando sobre invocações sublimes que ao amanhecer amarelado revelaram-se versos de tagarelice sem sentido,
que cozinham animais apodrecidos, pulmão coração pé rabo borsht & tortillas sonhando com o puro reino vegetal,
que se atiraram sob caminhões de carne em busca de um ovo,
que jogaram seus relógios do telhado fazendo seu lance de aposta pela Eternidade fora do Tempo & despertadores caíram nas suas cabeças por todos os dias da década seguinte,
que cortaram seus pulsos sem resultado por três vezes seguidas, desistiram e foram obrigados a abrir lojas de antigüidades onde acharam que estavam ficando velhos e choraram,

que foram queimados vivos em seus inocentes ternos de flanela em Madison Avenue no meio das rajadas de versos de chumbo & o estrondo contido dos batalhões de ferro da moda & os guinchos de nitroglicerina das bichas da propaganda & o gás mostarda de sinistros editores inteligentes ou foram atropelados pelos táxis bêbados da Realidade Absoluta,

que se jogaram da Ponte de Brooklyn, isto realmente aconteceu e partiram esquecidos e desconhecidos para dentro da espectral confusão das ruelas de sopa & carros de bombeiros de Chinatown, nem uma cerveja de graça,

que cantaram desesperados nas janelas, jogaram-se da janela do metrô, saltaram no imundo rio Passaic, pularam nos braços dos negros, choraram pela rua afora, dançaram sobre garrafas quebradas de vinho descalços arrebatando nostálgicos discos de jazz europeu dos anos 30 na Alemanha, terminaram o whisky e vomitaram gemendo no toailete sangrento, lamentações nos ouvidos e o sopro de colossais apitos a vapor,

que mandaram brasa pelas rodovias do passado viajando pela solidão da vigília de cadeia do Gólgota de carro envenenado de cada um ou então a encarnação do Jazz de Birmingham,

que guiaram atravessando o país durante setenta e duas horas para saber se eu tinha tido uma visão ou se você tinha tido uma visão ou se ele tinha tido uma visão para descobrir a Eternidade,

que viajaram para Denver, que morreram em Denver, que retornaram a Denver & esperaram em vão, que espreitaram Denver & ficaram parados pensando & solitários em Denver e finalmente partiram para descobrir o Tempo & agora Denver está com saudades dos seus heróis,

que caíram de joelhos em catedrais sem esperança rezando por sua salvação e luz e peito até que a alma iluminasse seu cabelo por um segundo,

que se arrebataram nas suas mentes na prisão aguardando impossíveis criminosos de cabeça dourada e o encanto da realidade em seus corações que entoavam suaves blues de Alcatraz,

que se recolheram ao México para cultivar um vício ou as Montanhas Rochosas para o suave Buda ou Tanger para os garotos ou Pacífico Sul para a locomotiva negra ou Harvard para Narciso para o cemitério de Woodlawn para a coroa de flores para o túmulo,

que exigiram exames de sanidade mental acusando o rádio de hipnotismo & foram deixados com sua loucura & suas mãos & um júri suspeito,

que jogaram salada de batata em conferencistas da Universidade de Nova York sobre Dadaísmo e em seguida se apresentaram nos degraus de granito do manicômio com cabeças raspadas e fala de arlequim sobre suicídio, exigindo lobotomia imediata,

e que em lugar disso receberam o vazio concreto da insulina metrasol choque elétrico hidroterapia psicoterapia terapia ocupacional pingue-pongue & amnésia,

que num protesto sem humor viraram apenas uma mesa simbólica de pingue-pongue, mergulhando logo a seguir na catatonia, voltando anos depois, realmente calvos exceto por uma peruca de sangue e lágrimas e dedos para a visível condenação de louco nas celas das cidades-manicômio do Leste,

Pilgrim State, Rockland, Greystone, seus corredores fétidos, brigando com os ecos da alma, agitando-se e rolando e balançando no banco de solidão à meia-noite dos domínios de mausoléu druídico do amor, o sonho da vida um pesadelo, corpos transformados em pedras tão pesadas quanto a lua, com a mãe finalmente ***** e o último livro fantástico atirado pela janela do cortiço e a última porta fechada às 4 da madrugada e o último telefone arremessado contra a parede em resposta e o último quarto mobiliado esvaziado até a última peça de mobília mental, uma rosa de papel amarelo retorcida num cabide de

aramé do armário e até mesmo isso imaginário, nada mais que um bocadinho esperançoso de alucinação -

Ah, Carl, enquanto você não estiver a salvo eu não estarei a salvo e agora você está inteiramente mergulhado no caldo animal total do tempo -

e que por isso correram pelas ruas geladas obcecados por um súbito clarão da alquimia do uso da elipse do catálogo do metro & do plano vibratório

que sonharam e abriram brechas encarnadas no Tempo & Espaço através de imagens justapostas e capturaram o arranjo da alma entre 2 imagens visuais e reuniram os verbos elementares e juntaram o substantivo e o choque de consciência saltando numa sensação de Pater Omnipotens Aeterni Deus,

para recriar a sintaxe e a medida da pobre prosa humana e ficaram parados à sua frente, mudos e inteligentes e trêmulos de vergonha, rejeitados todavia expondo a alma para conformar-se ao ritmo do pensamento na sua cabeça nua e infinita,

o vagabundo louco e Beat angelical no Tempo, desconhecido mas mesmo assim deixando aqui o que houver para ser dito no tempo após a morte,

e se reergueram reencarnados na roupagem fantasmagórica do jazz no espectro de trompa dourada da banda musical e fizeram soar o sofrimento da mente nua da América pelo amor num grito de saxofone de eli eli lama lama sabactani que fez com que as cidades tremessem até seu último rádio,

com o coração absoluto do poema da vida arrancado para fora dos seus corpos bom para comer por mais mil anos.

ANEXO 4 – GOD – DEUS - LETRA DA MÚSICA DE JOHN LENNON¹⁸⁵

Deus é um conceito

Pelo qual medimos

Nossa dor

Falarei de novo

Deus é um conceito

Pelo qual medimos

Nossa dor

Eu não acredito em mágica

Eu não acredito em I-Ching

Eu não acredito em Bíblia

Eu não acredito em tarô

Eu não acredito em Hitler

Eu não acredito em Jesus

Eu não acredito em Kennedy

Eu não acredito em Buda

Eu não acredito em Mantra

Eu não acredito em Gita

Eu não acredito em Ioga

Eu não acredito em reis

Eu não acredito em Elvis

Eu não acredito em Zimmerman

Eu não acredito em Beatles

Apenas acredito em mim

¹⁸⁵ Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/john-lennon/79778/traducao.html>>. Acesso em: 12 mar. 2010.

Yoko e eu
 E essa é a realidade
 O sonho acabou
 O que posso dizer?
 O sonho acabou
 Ontem, Eu era o tecedor de sonhos
 Mas agora renasci.
 Eu era a morsa,
 Mas agora sou John.
 Então queridos amigos,
 Vocês precisam continuar
 O sonho acabou.

ANEXO 5 - GRADE CURRICULAR - CURSO EXTENSIVO

1. Vida e Caráter Cristão

Devocional e Meditação
 Sentimentos de Cristo
 Liderança Espiritual
 Renúncia de Direitos
 Temperamentos Controlados
 Quebrantamento e Perdão
 Orgulho e Humildade
 Relacionamentos (Famílias Doentes e Saudáveis, Papéis, Limites)
 Sexualidade (Definições, Pureza Sexual, Vício Sexual, Homossexualidade, Papel da Igreja, Abuso, Pedofilia Paternidade)
 Oração e Intercessão
 Louvor e Adoração
 Batismo e Plenitude do Espírito Santo
 Discipulado
 Cura Interior
 Batalha Espiritual
 Libertação
 Aconselhamento
 Curas e Milagres de Cristo
 Evangelismo

2. Teologia

2.1. Panorama Bíblico
 2.2. História da Igreja
 2.3. Homilética
 2.4. Linhas Teológicas
 2.5. Heresiologia

3. Contracultura Urbana

3.1. Modernidade e Pós-modernidade
 3.2. Cultura de Massa e Contracultura

Movimentos de Contracultura Urbana (Beat Generation, Rock'n Roll, Cinema - Rebelde Sem Causa, Hipsters e Flower Power/Movimento Hippie/Misticismo Oriental, Women's Liberation - Movimento Feminista, Black Power - Movimento Negro, Gay Power - Movimento Gay, Movimento Punk, Disco e Música Eletrônica, Hip Hop, Rap, Heavy Metal, Black Metal e Satanismo, Grunge, Straight Edge, HardCore, Rastafarianismo,

Capoeira, Skate, RPG, Imprensa Alternativa e Literatura Marginal, Ciganos, Góticos, Skinhead, Surfistas)

3.3. Movimentos Políticos

História Geral, Anarquismos e Movimento Social, Ditadura Militar, Movimento Zapatista, Che Guevara e Movimentos de Libertação Latino-Americanos, Nação Zumbi dos Palmares, MST.

3.4. Movimentos Cristãos de Contracultura

Rock'n Roll (de Elvis Presley a Larry Norman), Jesus Revolution – Jesus Freak, Jesus People USA – Rez Band, Comunidade S8 (RJ), Batista Peniel, Comunidade Ágape e Cidade Voadora (BH), Tio Cássio e Renascer (SP), White Metal (Metal Cristão), Hippies de Cristo (MG), Caverna de Adulão (BH), Comunidade Zadoque (SP), Milícia Missões Urbanas (ES), Tribal Generation, Refúgio Tribal (Montes Claros/MG), Grito de Alerta (Ipatinga/MG), Movimento Negro Cristão, Motociclistas de Cristo “Leão de Judá”, Hastas de Cristo, Steiger no Brasil, Impact Word, Santuário “Bob Fest”.

3.5. Outras Artes

Artes Cênicas, Artes Circenses e Performances, Artes Plásticas, Grafite, Fotografia, Zines, livros, cartazes, sites, vídeos, Tatuagem, Estilismo, Moda.

3.6. Problemas Urbanos

Drogadição, Violência, Prostituição, AIDS- HIV- DSTs, Seitas, Neurose Urbana, Depressão e Suicídio, Comunidades Carentes, Realidade Carcerária (Crime Organizado, Tráfico, Igreja nas Penitenciárias).

4. Administração

4.1. Elaboração de Projetos

4.2. Finanças

4.3. Equilíbrio Ministerial

4.4. Pioneirismo

4.5. Comunicação

5. Missões Transculturais

5.1. Cosmovisão

5.2. Antropologia